



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

**TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES GUINEENSES NO BRASIL:
DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO AO REGRESSO/RETORNO**

ANTONIO GISLAILSON DELFINO DA SILVA

Redenção-CE

2016



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

**TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES GUINEENSES NO BRASIL:
DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO AO REGRESSO/RETORNO**

ANTONIO GISLAILSON DELFINO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes

Co-orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

Redenção-CE

2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

S5781 Silva, Antonio Gislailson Delfino da.

Trajetórias de estudantes guineenses no Brasil: do processo de integração ao regresso/retorno. / Antonio Gislailson Delfino da Silva. Redenção, 2016.

112 f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes.
Inclui figuras, referências e tabelas.

1. Guiné-Bissau. 2. Estudantes guineenses. 3. Imigração. I. Título.

CDD 966.5705

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente à minha mãe, Rita Maria, aos meus amigos e a toda comunidade africana da UNILAB.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer a muitas pessoas que me ajudaram a chegar nessa parte final do meu curso.

Agradeço a Deus, o centro e fundamento de tudo em minha vida, por renovar a cada momento a minha força e disposição e pelo discernimento concedido ao longo dessa jornada. À minha família, agradeço aos meus pais, Rita Maria Delfino da Cruz, mulher simples e batalhadora que assumiu, desde os meus primeiros anos de vida, o papel de mãe e pai e que sempre cuidou dos seus filhos com muito amor e carinho, ensinando sempre o valor da humildade e que sempre acreditou que um dia eu seria orgulho para a nossa família.

Não poderia deixar de agradecer aos meus irmãos, Francisca Gislaine, Francisco Jonas e Aparecida Kevelly, pelos momentos inesquecíveis que passamos e vamos passar juntos. De uma forma geral, agradeço aos meus avós, primos e tios e tias que de certa forma foram fundamentais no meu crescimento como ser humano.

Na UNILAB, agradeço do fundo do meu coração o meu orientador Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes, pela disposição que teve em me orientar. Sem ele, de fato, esse trabalho não teria êxito e nem sucesso. À minha co-orientadora Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro, que acreditou em mim; que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas ideias, conhecimento, experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser uma profissional extremamente qualificada e pela forma humana que conduziu minha orientação. Sem ela eu não teria conseguido chegar aqui. A professora Andrea foi mais do que uma orientadora, ela foi uma mãe. Ajudou-me desde a primeira disciplina Literatura em Línguas Portuguesa II, até o curso de extensão, Curso de Línguas e Culturas Crioulas, onde, por meio dela, os estudantes e comunidade externa estão tendo a oportunidade de conhecer um pouco sobre as línguas crioulas e assim procurar a integração que tanto sonhamos. Aos dois, que Deus os proteja, bem como à sua família e que continuem tendo sucesso na vida pessoal e profissional.

Agradeço ainda todos aqueles/as que fazem a UNILAB, aos professores (as), aos servidores, técnicos- administrativos e terceirizados, que com sua responsabilidade e compromisso, trabalham em prol de uma universidade de qualidade e diferenciada. Um

agradecimento especial pela concessão de bolsa dentro do PIBELPE, um dos programas da Pró-reitoria de Cultura e Extensão da UNILAB, que me proporcionou mais tranquilidade para os estudos.

No ambiente universitário, não construí apenas vínculos de amizade, pelo contrário, construí vínculos de irmandade. Não teria sentido aqui, não mencionar os amigos. Antes de tudo, agradeço a minha turma 2013.3, pelos momentos que passamos juntos, as atividades realizadas e as superações que foram indispensáveis para chegarmos onde chegamos hoje. Aos amigos, agradeço cada um de vocês de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, não poderei aqui citar os nomes de cada um, cito apenas os países que fazem parte da minha vida universitária e pessoal. Aos mentores do aprendizado da Língua Crioula, agradeço ao Mamadu Uri Baldé e Domingos Mula Cá Junior, pela iniciativa de me ensinar vossa língua.

Agradeço, de uma forma particular, à todos vocês que contribuíram para a realização do meu sonho de viajar para Guiné-Bissau. Todos aqueles que apoiaram nas atividades alusivas à campanha “Gislailson Cá rumo à Guiné-Bissau”, o meu agradecimento especial. A comissão organizadora da campanha, dispense comentários, só tenho a agradecer e dizer, vocês são inesquecíveis. Uma campanha que contou com a participação financeira de todas as nacionalidades presentes na UNILAB e fora dela. Agradeço os contribuintes de vários estados do Brasil, da França, Portugal, Marrocos, Alemanha e dentre outros países.

Ainda na UNILAB, agradeço aos estudantes de São Francisco do Conde-BA, pela recepção calorosa e hospitaleira no período que estive com vocês. Um agradecimento especial ao meu grande amigo Robert Fox, pela estadia na sua casa. Sem deixar também de agradecer os meus amigos Bartolomeu-Sukulento (Angola) e Gisele (Cabo Verde) pelos momentos de alegria que passamos juntos.

De uma forma geral, agradeço a comunidade africana, em particular a comunidade guineense, pela disponibilidade de me ensinar sobre o continente africano e de compartilharmos momentos únicos e inesquecíveis, sempre registrados por meio de fotografias.

Em Guiné-Bissau, primeiramente agradeço a família Camala (Alexandra, Luís, Mimosa, Luísa, Bruno, Ileno, Acileno e Batche Nagana), pela estadia no Bairro Enterramento, desde o meu primeiro ao último dia. Agradeço à todos os meus amigos de diferentes bairros de Bissau; Enterramento, São Paulo, Quelele, Bandim, Belém, QG, Bairro Militar, Santa Luzia,

Luanda, Madina, Sintra, Mindará, Reno, Missira, Bairro de Ajuda e dentre outros bairros. Com vocês, tive a oportunidade de conhecer, durante 2 (dois) meses que passei em Guiné-Bissau, um pouco da cultura guineense, cultura esta que valorizo e respeito bastante. Agradeço aos servidores do Centro cultural Brasil-Guiné-Bissau, pela disponibilidade de me passar informações sobre o centro e embaixada do Brasil no país. À TGB e a Rádio Jovem agradeço pela oportunidade que tive de realizar uma entrevista e contar um pouco da minha história e relação com os guineenses.

Aos familiares dos meus amigos, agradeço pela recepção em cada casa visitada, sempre tratando o hóspede como filho, característica marcante do povo guineense.

Nas regiões, agradeço aos familiares dos meus amigos Geraldinho Có (Biombo), Aliu (Cacheu) e Saico Umaro (Gabú), pela recepção calorosa em cada região visitada. Um agradecimento especial a ex-Ministra da Educação Maria Odete da Costa Semedo, pela entrevista concedida em Guiné-Bissau sobre a educação superior guineense, entrevista esta que será trabalhada em futuros trabalhos pensados.

EPÍGRAFE



As crianças são as flores da nossa revolução.

Amílcar Cabral

RESUMO

Este trabalho analisa os processos de integração de estudantes de Ensino Superior, oriundos da República de Guiné-Bissau, no ambiente de chegada - o Estado do Ceará, Brasil, mais especificamente nos *campi* da UNILAB - e de retorno ao seu espaço de origem. As análises partilham dados de estudos bibliográficos, relatos e entrevistas com estudantes guineenses, residentes no Brasil, e também com os já retornados para Guiné- Bissau. Para isso, procurou-se destacar aspectos econômicos, culturais, familiares e afetivos de suas trajetórias em ambos os espaços, ao lado do conceito de *migração temporária*.

Palavras-chave: Estudantes Guineenses, Integração, Migração temporária, UNILAB

ABSTRACT

This work analyzes the integration processes of Higher Education students, originating from the Republic of Guinea-Bissau, on arrival environment - the state of Ceará, Brazil, more specifically on UNILAB - and the return to their place of origin. The analyses share bibliographic and field research, data studies, reports and interviews with Guinean students living in Brazil, and those students have already returned to Guinea-Bissau. For this, we discuss the economic, cultural and affective aspects of their trajectories in both spaces, by the concept of temporary migration.

Keywords: Guineans Students, Integration, temporary migration, UNILAB

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da República da Guiné-Bissau e suas regiões administrativas	26
Figura 2: Emblema Nacional da Guiné-Bissau	29
Figura 3: Bandeira da Guiné-Bissau	29
Figura 4: Panfleto divulga intercâmbio para o Brasil em Guiné-Bissau com informações sobre custos distorcidos	43
Figura 5: Despesas de alojamento, alimentação e transporte distorcidos, divulgados em Guiné-Bissau	44
Figura 6: Municípios da Região do Maciço de Baturité-CE	47
Figura 7: Os países de língua oficial portuguesa no mundo	48
Figura 8: Cidade de Acarape-CE	57
Figura 9: Cidade de Redenção-CE	57
Figura 10: Cartaz de recepção dos estudantes africanos.....	59
Figura 11: Chegada de estudantes guineenses no aeroporto de Fortaleza-CE.....	60
Figura 12: Cartazes de divulgação da Independência de Guiné-Bissau	74
Figura 13: Apresentação de danças de Guiné-Bissau	75
Figura 14: Cartaz de divulgação Semana da África	76
Figura 15: Estudantes da UNILAB em preparativo para o desfile da Semana da África.....	77
Figura 16: Seminários e Apresentações Culturais na Semana da África	77
Figura 17: Grupo de Rap A.SE FRONT	79
Figura 18: Cartaz de divulgação da festa de Guiné-Bissau	80
Figura 19: Cartazes de divulgação das festas “africanas”	82
Figura 20: II Torneio Esportivo Independência	84
Figura 21: Equipe do BHU	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados sócio históricos da Guiné-Bissau	29
Tabela 2: Relação de atendimento	31
Tabela 3: Quadro de concorrência dos estudantes estrangeiros	55

LISTAS DE SIGLAS

AEGU- ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES GUINEENSES NA UNILAB

ASSECOM- ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNILAB

A.SE.FRONT- GRUPO DE RAP AFRICA SEM FRONTEIRAS

BCEAO- BANCO CENTRAL DOS ESTADOS DA ÁFRICA OCIDENTAL

BHU- BACHARELADO EM HUMANIDADES

CPLP- COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

DRCA- DIRETORIA DE REGISTRO E CONTROLE ACADÊMICO

ENEFD- ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

ENEM- EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

GB- GUINÉ-BISSAU

INEP- INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E PESQUISAS-BISSAU

PAIGC- PARTIDO AFRICANO PARA A INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE

PALOP- PAÍSES AFRICANOS DE LINGUA OFICIAL PORTUGUESA

PDI- PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL DA UNILAB

PEC-G – PROGRAMA DE ESTUDANTES CONVÊNIO – GRADUAÇÃO

PEC-PG- PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PIB- PRODUTO INTERNO BRUTO

PSEE- PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS

TACV- TRANSPORTES AÉREOS DE CABO VERDE

TAP- TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

TCC- TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TGB- TELEVISÃO DE GUINÉ-BISSAU

UAC - UNIVERSIDADE AMÍLCAR CABRAL

UCB - UNIVERSIDADE COLINAS DE BOÉ

UEMOA- UNIÃO ECONÔMICA E MONETÁRIA OESTE-AFRICANA

UFC- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

ULG - UNIVERSIDADE LUSÓFONA DA GUINÉ

UNILAB- UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1: ESTUDAR NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM A ESCOLHA DOS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES PELO ESTADO DO CEARÁ	23
1.1 Brasil-África –Olhares acadêmicos	23
1.2 Guiné-Bissau: localização geográfica	26
1.3 Fatores de saída de estudantes Bissau-guineenses para o Estado do Ceará	30
1.3.1 Caracterização do ensino superior em Guiné-Bissau pós-Independência	32
1.3.2 Facilidade linguística	37
1.3.3 O estudante convênio: O caso do PEC-G	40
1.3.4 O caso da publicidade enganosa de universidades particulares	42
CAPÍTULO 2: A CHEGADA DOS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES NA UNILAB E AS INTERAÇÕES COM A POPULAÇÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ LOCAL	46
2.1 UNILAB: Do projeto à criação de uma universidade no interior do Ceará	46
2.2 Da inauguração à atualidade: O que mudou em 6 anos de UNILAB	51
2.2.1 Do processo seletivo da UNILAB para estudantes internacionais	53
2.3 Desafios e possibilidades	55
2.4 O cotidiano dos estudantes Guineenses na universidade e no município: A interação com a população local e as dificuldades de adaptação	56
2.4.1 Acarape e Redenção-CE: Localização geográfica	56
2.5 Cheguei e agora? Relatos dos primeiros grupos de estudantes Guineenses na UNILAB (<i>Guineensis ku tchiga prumeru na UNILAB</i>) Guineenses que chegaram primeiro na UNILAB	59
2.5.1 Relatos	60
2.6 Vínculos com África: Comemorações festivas e celebrações especiais	73
2.7 As festas “africanas” e a representatividade de cultura	79
2.8 Torneio intercursos ou competições esportivas?	83

2.9 A saudade	87
CAPÍTULO 3- DE VOLTA À ÁFRICA: O PROJETO DE RETORNO PARA GUINÉ-BISSAU.....	91
3.1 A perspectiva de retorno para Guiné-Bissau	91
3.2 “Retornei para Guiné-Bissau”: Dificuldades no mercado de trabalho, mensagem para os guineenses em formação no Brasil e a representatividade do Brasil para os retornados.....	97
3.2.1 Relatos	98
3.2.2 “Retornei e agora”: Estranhamento no país de origem	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é compreender a trajetória de estudantes Bissau-guineenses, durante a sua permanência como graduandos e licenciandos, na UNILAB-CE, bem como seus objetivos após o fim do curso - retorno ou não-retorno. Isto é, buscar, através das suas vivências, entender os processos de adaptação e dificuldades na Universidade e em Acarape e Redenção-CE, cidades que albergam os *campi* dos Palmares, Liberdade e Auroras, respectivamente. Paralelo a isso, pretende-se compreender as motivações de retorno, desses estudantes, para o seu país de origem.

“Por que você saiu do seu país de origem em busca de uma formação superior no Brasil?”, foi dessa pergunta que se desenvolveu o início de uma investigação para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A iniciativa de realizar essa pesquisa, deu-se por diversos fatores, dentre eles a integração com a comunidade africana da UNILAB. Em um espaço de diferentes culturas e costumes, de sotaques e várias línguas, a curiosidade de conhecer esse público, foi se moldando como um objeto de pesquisa.

Após meu ingresso na UNILAB, em 2014, com 2 (dois) meses, como estudante do curso de Humanidades, eu já conversava com os estudantes bissau-guineenses, tendo como objetivo – inicialmente, o desejo de conhecer a cultura africana, que a mim se apresentava. Ao decorrer dos trimestres, a paixão pela cultura me levou a tomar duas decisões intrigantes, o aprendizado da língua crioula, e posteriormente uma viagem para Guiné-Bissau. Aprender o crioulo de Guiné-Bissau foi, sem dúvida, um momento de integração e interação para com a comunidade guineense, pois, o desejo de aprender a língua incentivava, ainda mais, o aprofundamento na cultura do outro. A língua, sem dúvida alguma, foi a porta de acesso a este universo.

O foco da pesquisa é compreender os fatores de saída, permanência e retorno desses estudantes, em busca de uma formação superior, no exterior. Em meio a realização, este trabalho de conclusão de curso também me possibilitou conhecer a Guiné-Bissau, em viagem de 2 meses, o que colaborou para complementar as informações, que serão apresentadas ao longo deste trabalho.

Do percurso da pesquisa: contextualização teórica e metodologia

Analisar o percurso da pesquisa é, sem dúvida, uma ferramenta essencial em qualquer trabalho acadêmico. Diante disso, discutimos o tema apresentado com as principais questões teóricas utilizadas nesse trabalho de conclusão de curso, a trajetória

de vida, a e/imigração temporária, migração especial e a migração de retorno de estudantes bissau-guineenses presentes, hoje, no Brasil, estado do Ceará, nas cidades de Acarape e Redenção-CE.

O que é migrar temporariamente? Migrações temporárias seriam, de acordo com Maria Beatriz Rocha-Trindade, os movimentos migratórios a que correspondem estadias limitadas no tempo, e umas das situações singulares seria a dos estudantes que, em países estrangeiros, visam obter determinadas qualificações, sobretudo em programas de ensino superior, seja graduação ou pós-graduação. (MUUS, 1995, p.170 *apud* SUBUHANA, 2005, p.5).

Poderíamos aqui abordar os mais diferentes conceitos de e/imigração existentes, porém, como o objeto de estudo são os estudantes bissau-guineenses, preferimos usar o termo “imigração temporária”, pois de acordo com Rocha Trindade, a imigração ocorre quando entram estrangeiros em um país; estabelecimento de indivíduos em cidade, estado ou região do seu próprio país, que não é de sua origem ou país que também não é de sua origem (cf.2013, p. 156).

Teoricamente, a definição de *migração temporária* acaba por si só, abrindo caminho/s para outras discussões, dentre elas o surgimento da *migração temporária “especial”*. O termo utilizado, para formas especiais de migração, refere-se aos indivíduos que migram com finalidade de estudos, e que posteriormente, pretendem retornar aos países de origem para contribuir para o seu desenvolvimento (GUSMÃO, 2005, p.18). Migrar temporariamente é sentir-se “fora da casa”, “fora de lugar”, é iniciar um novo processo de adaptação na “terra do outro”, é sempre considerado o objeto e não o sujeito, é o que voltará, mas não será mais o que é ou foi. A demora do reencontro define o *migrante temporário*. Por isso, a *migração temporária* de estudantes bissau-guineenses, que buscam sua formação no Brasil, é assumida aqui como *migração temporária e trajetória migratória*.

Toda pesquisa científica necessita definir seu objeto de estudo e, a partir daí, construir um processo de investigação, delimitando o universo que será estudado. Neste trabalho, adotou-se o estudo de caso. Segundo Araújo (2008), o estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

Para Yin (1994, *apud* ARAÚJO et al. 2008) esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “porquê?”, quando procura-se encontrar interações e tensões entre fatores relevantes próprios dessa entidade, quando o objetivo é descrever ou analisar o fenômeno, a que se acessa diretamente, de uma forma profunda e global, e quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenômeno, do programa ou do processo.

Assim, Yin (1994, p.13, *apud* ARAÚJO et al. 2008) define “estudo de caso” com base nas características do fenômeno em estudo e com base num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos. Benbasat (1987, *apud* ARAÚJO et al. 2008) considera que um estudo de caso deve possuir as seguintes características: fenômeno observado no seu ambiente natural; dados recolhidos utilizando diversos meios (observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo, diários, cartas, entre outros), uma ou mais entidades (pessoa, grupo, organização) analisadas.

Diante da metodologia apresentada, este trabalho busca investigar e compreender a trajetória dos estudantes bissau-guineenses para o Brasil, estado do Ceará. A proposta do estudo visa refletir sobre questões como: por que a escolha do Brasil para estudar, quais influências e fatores considerados, como foi a recepção na cidade/universidade, interação com a população local, vínculos de adaptação; e depois, a perspectiva de retorno, como voltam, o que faz voltar, quem volta. Tais respostas exigem procedimentos de ordem qualitativa e quantitativa na recolha dos dados, pois se pretende, em um próximo trabalho, realizar uma base de dados que permita o mapeamento e configurações de estudantes bissau-guineenses no Estado do Ceará.

O material aqui analisado foi coletado através de entrevistas com estudantes bissau-guineenses de diferentes cursos e ano de ingresso na UNILAB e entrevistas com estudantes que já retornaram para o país de origem. Esse último passo deu-se através de uma viagem realizada para Guiné-Bissau em dezembro de 2015, que será relata mais adiante. Paralelo a isso, as fontes citadas foram pesquisadas em teses de mestrado (cuja maioria foi produzida por estudantes guineenses no Brasil), entrevistas; bem como,

artigos científicos, capítulos de livros, resenhas e informações disponibilizadas nos diversos sites de pesquisas brasileiros e internacionais.

Da pesquisa de campo: viagem para Guiné-Bissau

No início da minha vida universitária, decidi por vontade e desejo próprio, me aproximar dos estudantes africanos da UNILAB. Essa iniciativa se deu pela curiosidade que de entender as motivações que faziam – ou fazem, com que os estudantes africanos venham estudar no Brasil. Com perguntas, comecei a me aproximar desse grupo de estudantes. Sempre inquietado com questões, decidi, no dia 9 de Março de 2014, aprender a Língua Crioula de Guiné-Bissau. Mamadú Uri Baldé, primeiro colega guineense com quem tive contato na minha turma, me sugeriu o aprendizado da língua e no mesmo dia, às 20h58, aprendi a primeira palavra – não originada do crioulo, porém utilizada pela maioria dos guineenses, “yá, fixe”.

Depois da iniciativa de aprender a língua, percebi que, comecei a me aproximar dos demais estudantes africanos, oriundos de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Com 5 (cinco) meses, o meu vínculo de amizade com esses estudantes só se estendia. Comecei a participar das atividades alusivas à independência de cada país, tanto como ouvinte, como participante em desfiles, teatro e poesias. Um ano depois, em março de 2015, comecei a escrever esse trabalho de conclusão de curso, porém, a pesquisa de campo estava indefinida. Conversando com o meu orientador e alguns colegas, optamos em realizar uma pesquisa de campo no país de origem dos estudantes bissau-guineenses, nesse caso Guiné-Bissau.

A primeira dificuldade que surgiu depois da iniciativa da viagem foram as condições financeiras para a viagem. Sem recurso financeiro, a universidade não poderia contribuir institucionalmente para a realização, ficando a meu critério, desistir ou pagar por conta própria. Conversando com alguns amigos angolanos, surgiu a ideia de criarmos uma campanha de apoio financeiro, denominada “Gislailson Cá rumo a Guiné-Bissau”, tendo como objetivo a arrecadação de apoio financeiro.

As atividades da campanha começaram nas redes sociais, com a criação de uma página, logo em seguida, a distribuição de envelopes para alunos, servidores e docentes da Universidade. Além da distribuição de envelopes, realizamos a torneio *Futsal da Integração*, *Festa da Integração*, sempre com o objetivo de incentivar a integração e

conseguir apoio para a viagem. No dia 25 de outubro de 2015, a meta foi atingida e no dia 25 de dezembro, viajei finalmente para Guiné-Bissau.

Em um país “diferente”, com costumes e práticas culturais diversificados, comecei a entrar nesse mundo desconhecido por mim. Aos poucos, comecei a entender o que é ser guineense, haja vista que as visitas realizadas aos familiares dos meus amigos, me possibilitaram entender o quanto o povo guineense é hospitaleiro e acolhedor. No âmbito da pesquisa, foram realizadas entrevistas com guineenses que se formaram no Estado do Ceará. No total, este trabalho conta com relatos de experiências de 5 (cinco) entrevistados, 2 (dois) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino. O objetivo da pesquisa era também entrevistar os que já se tornaram quadros profissionais, ex-estudantes do PEC-G, formados no Estado do Ceará, que hoje vivem em seus países de origem, e se encontram inseridos no mercado de trabalho.

Concluído este breve relato sobre a pesquisa de campo, passo a descrever, brevemente o tema tratado em cada um dos capítulos deste trabalho de conclusão de curso.

Da divisão do trabalho: os capítulos

O primeiro capítulo, “Estudar no Brasil: uma análise dos fatores que influenciam a presença dos estudantes Bissau-guineenses no Estado do Ceará”, faz uma descrição sobre as relações do Estado e da sociedade brasileira com o continente africano, que ganharam assim um novo impulso durante governo Lula. Paralelo a isso, apresentamos o país Guiné-Bissau, sua localização geográfica, clima, economia, moeda e dentre outras características. Ainda sobre o primeiro capítulo, buscamos apresentar os fatores de saída de estudantes bissau-guineenses para o Estado do Ceará, apresentando uma discussão sobre os possíveis fatores, que atraem esses estudantes para este estado brasileiro especificamente.

O segundo capítulo, “A chegada dos estudantes guineenses na UNILAB e as interações com a população do Maciço de Baturité”, ocupamo-nos, através de diversas abordagens, em demonstrar a história da UNILAB, através da sua lei de criação. Apresentamos a universidade nos seus 6 (seis) anos de funcionamento, assim como as cidades receptoras dos estudantes africanos. Por meio de narrativas dos primeiros estudantes guineenses da UNILAB, damos destaque às questões que vão desde o acolhimento na cidade e na universidade, até inserção, interação e retorno. Também

especulamos sobre as possibilidades de redefinição de suas relações com as instituições e seus processos de sociabilidades e integração no universo acadêmico e no universo externo.

No terceiro capítulo, “De volta à África: o projeto de retorno para Guiné-Bissau”, optamos por apresentar as informações obtidas onde os interlocutores revelam suas perspectivas futuras, retornar ou não para o país de origem. O capítulo ganha um destaque especial quando é complementado com relatos de guineenses que se formaram no Brasil e que retornaram para Guiné-Bissau. Através de suas vivências e experiências no Brasil, buscamos apresentar as dificuldades de readaptação no próprio país de origem, as dificuldades no mercado de trabalho e a mensagem para os guineenses formandos no Brasil. A pesquisa em Guiné-Bissau foi fundamental para a conclusão desse capítulo, uma vez que os relatos aqui mencionados foram realizados no próprio país.

Finalmente, o último tópico, denominado de “Considerações Finais” serve como síntese de diferentes olhares e percursos dos entrevistados na diáspora, abrindo novas perspectivas para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1 – ESTUDAR NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM A ESCOLHA DOS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES PELO ESTADO DO CEARÁ

1.1 Brasil-África: olhares acadêmicos

A escolha do país para realização da formação superior obedece a uma série de fatores, que devem ser criteriosamente analisados, de modo a entender esse processo de migração temporária com finalidade de estudos. A fraca oferta de formação em relação à grande procura constitui um dos entraves, que contribui para que, grande parte dos jovens, após o término do ensino secundário, aguarde por muito tempo uma bolsa de estudos, de forma a dar continuidade aos seus estudos no exterior, conforme descreve Martelo (2005).

O Brasil é hoje um importante polo de formação acadêmica para os estudantes africanos, especialmente para os pertencentes aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP¹ são eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Essa escolha ou processo se dá por motivos variados, tais como a Língua Oficial Portuguesa, ou ainda os laços culturais e étnico-raciais. Tcham (2012) em sua tese de Mestrado, discute sobre “A África fora de casa”, apontando que a circulação dos estudantes africanos no Brasil se deve através de acordos realizados entre Brasil e África, mas não só isso:

A circulação dos africanos no Brasil é fundamentado através de acordos de cooperação acadêmica e cultural e incluem fatores sociais e diversas outras situações subjacentes que se combinam para distinguir a circulação internacional desses atores sociais (2012, p.2).

A vinda dos estudantes dos países africanos de língua portuguesa para o Brasil tem características peculiares que podem não ser percebidas ao levar em conta apenas a tendência contemporânea de circulação de pessoas em todas as partes do mundo, propiciada pelos inúmeros fatores: comércio, turismo, religião, guerras, pobreza etc. Mas, ao invés disso, torna-se interessante se tomarmos como ponto de partida principalmente o passado que liga o continente africano ao Brasil, e por sua vez o Brasil ao continente

¹ PALOP é o acrônimo de países africanos de língua oficial portuguesa. Ou seja, países africanos que após a independência instituíram a língua portuguesa como oficial, ou como uma das oficiais, possuindo cada um deles diferentes características geográficas, econômicas e demográficas.

africano . Um passado que poderia ser narrado, tomando como ponto de partida o próprio início da humanidade, como afirma Tcham “África como o berço da humanidade” (p.2).

No que diz respeito às relações entre o Brasil e a África, especialmente aos processos migratórios (cf. TCHAM, 2012, p.18 *apud* SARAIVA 1999, p.31) nos fala que, deve-se levar em conta que os processos migratórios se iniciam a partir do processo de escravidão apesar de algumas pesquisas revelarem que ao longo da história, a África e o Brasil eram territórios contínuos que separaram-se por meio de fenômenos da natureza, conforme abordam vários estudos geológicos, caracterizados atualmente pela descontinuidade territorial marcada pelo Oceano Atlântico.

Mas interessa-nos neste estudo apenas parte desta história que acabou deixando marcadores culturais indelévels das Áfricas e na sociedade e na cultura brasileira. Com isso, um dos motivos do aumento da imigração de estudantes africanos para o Brasil nos últimos tempos foi para Langa (2012) o impulso que causou o discurso governamental do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a sua política de cooperação e aproximação com a África.

Após um longo período de distanciamento, as relações do estado e da sociedade brasileira com o continente africano superaram a retórica e ganharam um novo impulso a partir do governo de Lula, afirma Pereira (2003). Os laços históricos, a condição do país com grande população de afrodescendentes e os debates em torno da igualdade racial, estão presentes, hoje, na visão brasileira sobre a necessidade de aproximação e cooperação com a África.

Ao longo dos 8 (oito) anos do governo Lula, de 2003 a 2010, o intercâmbio estudantil entre Brasil e os países africanos foi intensificado. Durante os seus dois mandatos, o presidente Lula visitou 27 países africanos, enquanto o seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, visitou apenas três países. Tal política de cooperação visa particularmente atingir o ensino superior, através de mecanismos, dentre eles: bolsas de estudos e convênios, no sentido de viabilizar a vinda de estudantes africanos para estudar no Brasil.

Há mais de meio século que os africanos, nomeadamente os de Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOP), livremente vêm para o Brasil com a esperança e um sonho individual e familiar para realização de suas formações acadêmicas, cujo processo é articulado no interior de

uma estrutura diplomática político-discursiva tomando inicialmente a história como fundamento para o renascimento dos interesses brasileiros na África, facilitado pelos interesses e necessidade de fortalecimento de ações de desenvolvimento sustentável social e econômico dos governos africanos (TCHAM, 2012, p.3).

Na mesma linha do pesquisador, para o Brasil, a África seria um ponto estratégico de “ganhos” e sua inserção internacional. Por outro lado, os africanos vislumbram no Brasil uma oportunidade de cooperação e desenvolvimento em diversas áreas. Tcham (2012) nos explica que *é comum ouvir um jovem em Bissau expressar a dúvida entre ir realizar um curso superior no Brasil ou em Portugal*, porém, esse estudante acaba optando pelo Brasil *pelo crescente aumento da presença de jovens estudantes oriundos dos PALOP nas universidades brasileiras*, onde, podemos justificar em tese a preferência destes pelo Brasil em relação à Portugal.

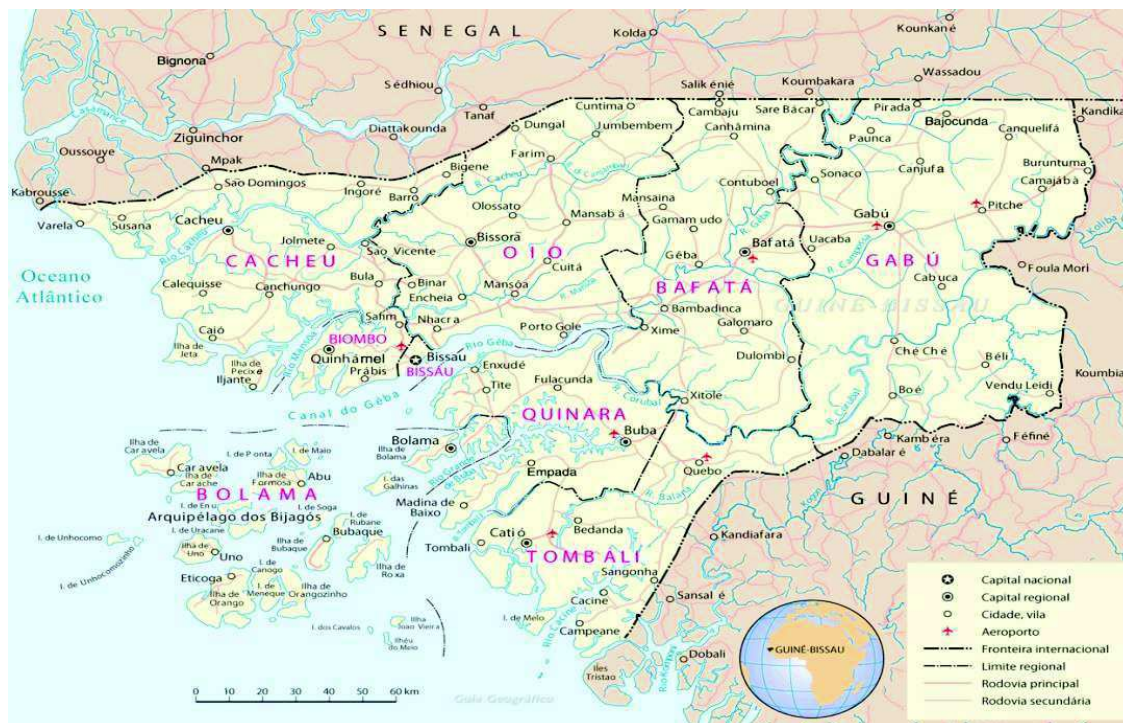
No contexto de diferentes estratégias mobilizadoras, percebe-se, hoje, de Norte ao Sul do país, a presença de estudantes de origem africana e que chegam para adquirir formação em universidades públicas e privadas, vindas de diferentes países que compõem os PALOP.

Muitos chegam através do Programa PEC-G do governo brasileiro efetivado através de acordos bilaterais e regras específicas de seleção e ordenamento do estar em terra “estrangeira”. Outros chegam através de convênios de seus países com empresas multinacionais ou, ainda, com apoio de alguma instituição religiosa. Alguns contam com bolsas de estudos do governo brasileiro, outros com bolsas de seus próprios governos e, por vezes, contam com o apoio financeiro da família ou de membros da família que estão na África (DESIDÉRIO, 2006, p. 27).

Esses estudantes (africanos) saem de seus respectivos países com expectativas acadêmicas em relação ao Brasil. Porém, devemos entender alguns motivos que fazem com que esses estudantes atravessem o Oceano Atlântico em busca de uma formação superior no exterior. Para isso, na próxima seção, busca-se abordar justamente alguns fatores dessa mobilidade.

1.2 Guiné-Bissau: Localização geográfica

Figura 1: Mapa da República da Guiné-Bissau e suas regiões administrativas



Fonte: www.africa-turismo.com (2013)

Localizada na costa ocidental do Continente Africano, Guiné-Bissau faz fronteira com a República do Senegal ao norte, com a República da Guiné-Conacri ao leste, e ao sul e a oeste é banhado pelo Oceano Atlântico. Também faz parte do território da Guiné-Bissau o arquipélago dos Bijagós, formado por 88 ilhas². Como já citado anteriormente, o país integra a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa. O território que atualmente corresponde ao país da Guiné-Bissau teve o seu processo de colonização pelos Portugueses em 1446. Segundo Djaló (2009, p.11), o país ainda sofre as consequências de uma dominação colonial prolongada por cinco séculos, os colonizadores instalaram feitorias para a realização do tráfico de escravos com a população nativa. Somente no dia 24 de setembro de 1973, a Guiné-Bissau conquistou sua independência, tornando-se a primeira colônia portuguesa na África a conseguir esse feito.

² Dessas 88 ilhas, apenas 21 são habitadas. Fonte: <Inforbijagos.blogspot.com>.

Guiné-Bissau está dividida em três províncias (Norte, Sul e Leste), oito (08) regiões administrativas (Bafatá, Gabú, Oio, Cacheu, Tombali, Quinara, Biombo e Bolama Bijagós) que fazem parte do território continental, contando com o setor autônomo de Bissau (capital do país) e trinta e sete (37) setores³, constituídos por seções, compostas por aldeias; 31% da população vive na capital Bissau.

A população é de aproximadamente 1,7 milhão de habitantes, dividida em aproximadamente trinta (30) grupos etnolinguísticos, de acordo com C6 (2011), os grupos mais numerosos são os Balanta (30% da população), os Fula (20%) Manjaco (14%) Mandinga (13%), e os Papel (7%). No litoral, predominam os Balanta que cultivam arroz e gado bovino. O interior é ocupado pelos Fula que se dedicam à criação e gado e à agricultura itinerante.

Referente às línguas, segundo Impanta (2015, p.27-28) afirma que, hoje, em qualquer aldeia da Guiné-Bissau, sempre que alguém chega, tem uma ou mais pessoas que falam ou entendem o crioulo, diferentemente do português - falado por cerca de 11% da população -, que é considerado língua oficial, mas que, na prática, só é falado nas escolas, ou melhor, nas 'salas de aula', em alguns 'departamentos' e também é utilizada na comunicação com estrangeiros que se encontrem no país. Devido à falta da prática do português, muitos jovens, principalmente os da nova geração, estão cada vez mais com maior dificuldade de falar a língua, no dia a dia, a língua portuguesa é substituída pelo crioulo e outras línguas africanas faladas.

A principal economia do país reside na exportação de castanha de caju e no acordo de pesca com a União Europeia. A maioria da sua população encontra-se no campo e vive da prática da agricultura de subsistência. O país produz e exporta, por ano, por volta de 135.000 toneladas de castanha de caju, o que rende por volta de 65 milhões de dólares por ano, dependendo da conjuntura econômica mundial. No continente africano, situa-se na terceira posição no ranking dos países produtores de castanha de caju e sexta a nível mundial (DENARP II, 2011, p.78).

Em 1997 a Guiné-Bissau passou a integrar a UEMOA (União Econômica e Monetária Oeste-Africana), adotou o franco⁴ CFA e o BCEAO (Banco Central dos Estados da África Ocidental) assumiu as funções do banco central.

³ Setor equivale a município no Brasil

⁴ A moeda da Guiné-Bissau é o franco CFA, também usada por mais sete países da UEMOA (União Econômica e Monetária Oeste-Africana), que são: Benim, Burquina Faso, Costa do Marfim, Mali, Níger, Senegal e Togo.

Atualmente Guiné-Bissau experimenta o sistema político semipresencialismo, por meio do qual o Presidente e o Primeiro Ministro são eleitos pelo sufrágio universal, este último, através do partido mais votado. O sistema político tem três grandes poderes: Judiciário (Tribunais), Legislativo (Assembleia Nacional Popular) e executivo (Governo). O Presidente da República é o primeiro magistrado da nação. Assim, a constituição do país lhe reserva o direito de demitir o Primeiro Ministro e dissolver Assembleia Nacional Popular em caso da grave crise política. (SANI, 2013, p. 24).

A principal fonte da economia do país reside na agricultura, ela é, por assim dizer, responsável em garantir a base alimentar das famílias guineenses e tem sido o maior empregador dos cidadãos, sendo que a maioria da população vive no campo. Contudo, de acordo com SANI (2013), a agricultura na Guiné- Bissau é ainda tradicional, isto é, de subsistência. O país tem produzido diferentes produtos para o consumo, como arroz (dieta base), milho, feijão, mancarra (amendoim), batata doce, mandioca, etc. O maior sucesso da agricultura do país é a produção de castanha de caju. A produção de castanha de caju tem gerado grandes ganhos, na medida em que tem envolvido vários intervenientes no processo (agricultores, pequenos comerciantes, empresários e o Estado), já que a boa parte da sua produção é exportada para o estrangeiro.

A bandeira da República da Guiné-Bissau está constituída pelas cores vermelha que representa não só “força e coragem”, mas também sangue dos mártires que lutaram pela independência do país, a cor amarela representa a “paz e a saúde” e a verde a “Esperança” e a “Fertilidade da terra e as Florestas” e estrela preta significa o “Povo e a Liberdade Africana”. O Emblema Nacional da Guiné-Bissau representa Unidade, Luta e Progresso “que aparece ao lado de Brasão de armas”.



FIGURA 2: Emblema Nacional da Guiné-Bissau. Fonte: www.didinho.org (2013)



Figura 3: Bandeira da Guiné-Bissau
Fonte: www.didinho.org (2013)

Abaixo, o quadro resumo dos principais dados geográficos, históricos, sociais, econômicos e políticos da República da Guiné-Bissau.

Tabela 1: Dados sócio históricos da Guiné-Bissau

Localização geográfica	África Ocidental, limitada a norte pelo Senegal e a leste e sudeste pela República de Guiné
Capital	Bissau
Regiões Administrativas	Gabú, Bafatá, Oio, Cacheu, Biombo, Bolama/Bijagós, Tombali e Quinara
Independência	1974
Regime Político	Semipresencialismo
Governança	Constantes crises políticas no país
Principal economia	Agricultura e Pesca
Moeda	Franco Comunidade Financeira Africana (FCFA) símbolo (XOF)
Língua oficial	Português
População	1,704 milhões de habitantes (Banco Mundial, 2013)
Clima	Tropical úmido
Índice de desenvolvimento Humano (IDH)	0,42 (2014)

Fonte: Dados de pesquisa, (2016) e adaptado de: SANI (2013).

1.3 Fatores de saída de estudantes Bissau-guineenses para o estado do Ceará

O estado do Ceará é um dos estados do Brasil com maior número de estudantes africanos. Deparei-me com essa reportagem no Jornal Diário do Nordeste (um dos maiores jornais do estado do Ceará, 2012). De acordo com a reportagem, a proximidade, a facilidade de acesso e as relações comerciais no passado, faz com que, a cada ano, centenas de jovens guineenses migrem para o estado do Ceará com fins educacionais.

O Ceará tornou-se uma opção natural para os estudantes africanos por conta de sua posição geográfica. A capital, nesse caso Fortaleza, localiza-se a leste do país, próxima ao continente africano. A quinta cidade mais populosa e com um dos maiores PIB do Brasil recebe voos da companhia aérea cabo-verdiana TACV e da companhia portuguesa TAP . Os estudantes Guineenses, por exemplo, saem de sua capital Bissau ou

de Dakar, no Senegal, em direção à cidade de Praia, capital de Cabo Verde. De lá, embarcam para o Brasil, passando por Fortaleza.

A presença de estudantes africanos no estado do Ceará teve início na segunda metade da década de 1990, com o primeiro grupo oriundo de Angola. Nesse período, vinham somente estudantes de países africanos que falam a língua portuguesa para integrar-se na Universidade Federal do Ceará (UFC), através do Programa de Estudantes Convênio – Graduação (PEC-G). A partir de 1998, inicia-se a imigração massiva de estudantes bissau-guineenses e cabo-verdianos e, dois anos depois, estudantes são-tomenses, angolanos e moçambicanos (LANGA, 2014, pp. 102-103).

Interessante salientar que a presença dos estudantes bissau-guineenses se tornou massiva a partir de 2000, que segundo o autor, se deu através da instabilidade⁵ vivida do país (nesse caso Guiné-Bissau) – cuja maioria vem estudar em faculdades particulares, com contratos firmados em seus países de origem (p.103).

De acordo com a Delegacia de Polícia de Imigração do estado do Ceará (NUCAD/DELEMIG/SR/DPF/CE), as estatísticas do Departamento de Polícia Federal, mais precisamente dos sistemas da Delegacia de Imigração, não disponibiliza para pesquisa a quantidade de estrangeiros temporários classificados por amparos legais que são vários na condição de TEMPORÁRIOS (estudantes, religiosos, jornalistas, desportista, professores, pesquisadores, artistas, trabalho etc) e não possuem esta quantidade real (só temporário em geral), apenas possuem a quantidade de pessoas que desembarcaram nesta Capital com visto de estudantes.

Porém, tendo desembarcado no estado do Ceará não significa que estão estudando neste Estado, alguns desembarcam aqui e vão estudar em outros Estados, e da mesma forma, alguns desembarcam em outros Estados (outros pontos de controle migratório) e vem estudar aqui, razão pelo qual a estatística não é precisa.

Todavia em pesquisa ao controle de desembarque (entrada) em território nacional pelo Aeroporto Internacional Pinto Martins nesta Capital, com VISTO de ESTUDANTE entre 1/1/2010 a 31/12/2014 foram 1133 nacionais de Guiné-Bissau. Vejamos a quadro abaixo.

⁵ Guiné-Bissau: Instabilidade levou 65 a 90% da riqueza que o país teria gerado desde de 2000-FMI Disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/africa/2015/6/30/Guine-Bissau-Instabilidade-levou-riqueza-que-pais-teria-gerado-desde-2000-FMI,e2b3818b-94ed-41a9-9db2-b2328a001e71.html>. Acesso em 16 de Set. 2015.

Tabela 2: Relação de atendimento

Unidade/Ponto de Migração: 324– AEROPORTO INTERNACIONAL PINTO MARTINS	Classificação: 6-TEMPORÁRIO IV
Servidor: Todos	Período: 01/01/2010 a 31/12/2014
Tipo estatístico	País de Nacionalidade
Status de Movimento:	Movimento Normal
Somente com autorização:	Não

NACIONALIDADE	FORTALEZA	TOTAL DO CEARÁ
CABO VERDE	554	653
GUINÉ- BISSAU	708	1133
SÃO TOMÉ e PRÍNCIPE	77	142
ANGOLA	58	128
MOCAMBIQUE	56	56

Fonte: Data de Emissão: 14/07/2015, emitido por: MARLENE BATISTA DA SILVA MIRANDA, Local de Acesso: 324 - AEROPORTO INTERNACIONAL PINTO MARTINS.

De acordo com os dados apresentados, até dezembro de 2014 existe ou existia no estado do Ceará em torno de 1133 estudantes Bissau-Guineenses, no entanto, o mesmo dado pode não ser real, como afirma a atendente Marlene Batista do Aeroporto Internacional Pinto Martins. “Todavia pode haver pessoas que já concluíram cursos, e o sistema continua ativo por certo período”, salienta a atendente. Importante ressaltar que ao decorrer da pesquisa, os dados podem ter sofrido alterações.

1.3.1- Caracterização do ensino superior em Guiné-Bissau pós-independência

Pretendemos nesse subcapítulo caracterizar um pouco do ensino superior em Guiné-Bissau pós-independência, utilizando alguns pesquisadores (guineenses) que trabalham sobre os desafios do ensino superior em Guiné-Bissau (AUGEL,2009), A cooperação Brasil-Guiné-Bissau no ensino superior (DJALÓ,2014), a educação superior

no desenvolvimento da Guiné-Bissau (SANI,2013) e educação superior em Guiné-Bissau (SANHÁ, 2009).

O surgimento do ensino superior em Guiné-Bissau passou por muitas etapas até se concretizar. De acordo com Sanhá, foi depois da Independência de Guiné-Bissau em 1973 que o país começou a se preocupar com a questão universitária no respectivo país. Ora, Guiné-Bissau foi confrontada pela carência de recursos humanos qualificados em todas as áreas e soberania nacional.

Numa perspectiva de mudar a situação educacional em Guiné-Bissau, Sani(2013) nos informa que “a educação superior da Guiné-Bissau teve o seu início tardio, por conta da política de colonização portuguesa que não desenvolveu a educação formal para além de Liceus. Neste sentido, desde a independência em 1973, a educação superior do país tem enfrentado vários limites e desafios por superar (p.99).

Após a independência de 1973, o PAIGC tentou massificar a educação do país, dando a oportunidade de acesso à escola que era negado pelo colonialismo português (SANI, 2013). O autor nos apresenta que, durante o período colonial, o ensino não passava para além do ensino básico complementar. Diante dessa perspectiva, os governos seguintes foram estabelecendo relações de cooperação visando parcerias para o desenvolvimento, nos respectivos níveis de ensino médio, profissional e posteriormente, ao nível superior (cf. SANHÁ,2009, p.37).

No entanto, a maioria desses acordos consistia em encaminhar estudantes guineenses para terem uma formação no estrangeiro, conforme explica Sanhá. Porém, percebe-se que o número disponibilizado de bolsas é limitado, uma vez que, não atende às demandas de todos os estudantes que planejem estudar no estrangeiro e com isso, o país (nesse caso Guiné-Bissau) foi confrontado a investir no desenvolvimento superior no próprio país. Percebe-se isso na fala de um dos intelectuais guineenses:

Precisamos de homens com ideologias e visão no futuro, capazes de entender de uma vez para todas que para haver paz e progresso na Guiné-Bissau, é necessário investir na Educação. A Educação integrada ao coração da sociedade é capaz de produzir uma profunda modificação na realidade social, através do desenvolvimento do conhecimento baseado no aprender a viver juntos; uma Educação dialogante que estabeleça a autêntica comunicação da aprendizagem entre as pessoas. Não uma mera transferência de conhecimento, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia. Com a Educação,

notoriamente teremos a solução para a guerra, pobreza, opressão, violência e consumismo. A Educação é tudo. Com uma boa Educação teremos o povo mais consciente dos seus direitos e deveres e capaz de votar em partidos com projetos, não votos étnicos ou fanatismo partidário. (CASSIMO, 2015)⁶

Lembremos que a independência do país trouxe, dentro de um espírito de luta libertária, entendida, conseqüentemente, também como cultural, uma primeira e importantíssima reforma no ensino em Guiné-Bissau. Em 1979, surge a Escola Tchico Té, que de início buscava formar professores do ensino secundário, oferecendo os cursos de bacharelado (cursos de 3 anos mas que não são equivalentes a licenciatura em Guiné-Bissau). A mesma viria a passar a ser chamada de Escola Normal Superior nos anos 1983-84, com nível de bacharelado, admitindo alunos com o nível de 11^o classe (série) e formando professores para todo o ensino secundário, tanto o geral quanto o complementar.

Nos anos seguintes, surge em 1986 a Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD), no mesmo ano surge a Faculdade de Medicina, criada com apoio da “cooperação cubana”, no entanto, a mesma foi desativada na década de 90, devido às dificuldades financeiras que esta instituição vinha enfrentando. Em 2004, a Faculdade de Medicina é relançada, sendo a partir desse ano integrada nas estruturas da Universidade Amílcar Cabral.

De acordo com Augel (2009, p.143), o ano de 2003 foi um marco importante e definitivo para o ensino superior na Guiné-Bissau, onde teve o início, quase ao mesmo tempo de duas importantes instituições: a Universidade Amílcar Cabral⁷ e a Universidade Colinas de Boé⁸.

Dentre essa última citada, reforço que foi a primeira Universidade de direito privado, mas sem fins lucrativos a ser fundada em Guiné-Bissau. Foi fundada por um grupo de intelectuais e homens de negócios, como uma alternativa de necessidade

⁶ Possui curso *Técnico em Gestão de Informática pelo CIT – Centro de Instrução Técnica Acelerada – INFORAFRICA Guiné-Bissau* (2002); Graduação em Turismo pela *Faculdade Evolutivo – FACE* – Fortaleza, Brasil (2008); Pós – Graduação em MBA Gestão Empresarial e de Pessoas pela UNIPÊ - Centro Universitário de João Pessoa, Brasil (2010); Pós –Lato Sensu, Gestão ambiental e Desenvolvimento Sustentável, (curso **trancado**). Material disponível em: <http://www.didinho.org/SECUNABALDE.htm> Acesso em:06 set.2015.

⁷ Universidade Amílcar Cabral. Disponível em:><http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=130&doc=9849><. Acesso em 16 de Out. 2015.

⁸Universidade Colinas de Boé. Disponível em >https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Colinas_de_Bo%C3%A9<. Acesso em 16 de Out.2015.

nacional, ou seja, a mesma foi fundada para atender as necessidades dos jovens guineenses, uma vez que, naquela época, muitas iam para o exterior em busca de uma formação superior.

Essa universidade foi uma homenagem ao 30º aniversário da Independência de Guiné, em 24 de setembro de 2003. Posteriormente, em 13 de novembro de 2003, surge, através do decreto nº 6/99 de 6 de dezembro de 1999 outra Universidade, chamada Universidade Amílcar Cabral, em homenagem ao “Pai” da independência do país. Vale ressaltar que foi a primeira universidade pública a ser fundada no país.

No entanto, depois de cinco anos de atividades da UAC (em novembro de 2008), o governo alegou falta de condições para financiar a instituição, declarando em segunda cedência da Universidade ao seu parceiro -Universidade Lusófona de Portugal surgiu, então, uma nova instituição universitária privada – a Universidade Lusófona da Guiné(ULG), como citado anteriormente, produto de uma parceria estabelecida com a Universidade Lusófona de Portugal. Com essa nova parceria, ainda continuou a não existir uma universidade pública para a população guineense.

De acordo com alguns estudantes guineenses residentes no estado no Ceará, as condições para estudar em uma universidade em Guiné-Bissau tornam o percurso difícil, ora pelas condições financeiras de estudar em uma universidade privada, ora pela falta de universidades públicas no país.

Todas as universidades que nós temos, por enquanto na Guiné-Bissau, é privado. A maioria de nós não tem condição e nem meios pra estudar naquelas universidades, além disso, você paga material escolar e precisa pagar carro pra ir à escola, são poucas pessoas que tem essa condição. (Entrevistado X, Guineense).

Maior parte de universidades do meu país é particular, se você não tem condições financeiras, você não entra naquela universidade. As poucas universidades públicas que temos, não tem o curso que eu queria fazer que é Engenharia (Entrevistado Z, Guineense).

Ainda, segundo os entrevistados, caso Guiné-Bissau tivesse uma universidade de estado, que oferece uma bolsa de estudo, onde ele não pagasse nada, o mesmo optaria por estudar no seu próprio país. Porém, Sani (2013) vem nos dizer que há universidades em Guiné-Bissau que podem atender e dar uma formação de qualidade para os estudantes

guineenses, no entanto, o que falta é apoio e investimento do governo no setor educacional.

Atualmente, o sector de ensino guineense é caracterizado como precário pela de falta de investimento do Governo no sector, fato que se traduziu, quer na falta de professores qualificados, na falta de infraestruturas escolares, quer na falta de manuais escolares, bem como na falta de bibliotecas e livrarias para atender os estudantes (p.36).

É notório que, não se pode pensar em um ensino superior de qualidade, se não possui, no mínimo, materiais didáticos para consulta, se não possui uma biblioteca, internet com acervos das diversas áreas do conhecimento ou livraria, onde os estudantes possam desenvolver suas pesquisas. Em Guiné-Bissau, algumas áreas há a produção dos institutos culturais, porém não é suficiente para atender a demanda. Para Augel (2007, p.72,3), “o número de professores com uma formação pedagógica e acadêmica é mínimo, predominando professores leigos e com um precário preparo. O país não conta até hoje com nenhuma livraria”.

No Brasil, de acordo com a lei 12.244/10⁹, “todas as instituições de ensino público e privado do Brasil deverão possuir uma biblioteca até 2020”. De fato, a ausência de bibliotecas, de livrarias, de uma rede de circulação de livros, o baixo poder aquisitivo, o hábito não desenvolvido da leitura, a fraca formação dos professores, a ausência de literaturas nos currículos - são fatores reais e desoladores, barreiras que Guiné-Bissau precisa ultrapassar (AUGEL, 2009, p.20).

Outro problema, no que diz respeito ao ensino superior em Guiné-Bissau, segundo Sani é que

[...] por outro lado, quase todas as instituições de formação pública concentram-se na capital, Bissau, com exceção da FM/ENS, Escola de formação “Amílcar Cabral em Bolama e ENA, esta última como delegações regionais em Bafatá, Canchungo e Buba. Assim sendo, os jovens residentes das regiões seguem para capital, todos os anos, a procura da formação, deixando assim as regiões no isolamento. Os jovens que não tiverem condições de permanência na capital Bissau, infelizmente, são excluídos do processo de formação técnico, profissional e superior. (p.59)

⁹ As bibliotecas brasileiras. Lei 12.244/10. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm> . Acesso em 09 de Jul. 2015.

Percebe-se que, a maioria das instituições de formação estão na capital, assim sendo, as regiões cada vez mais ficam no isolamento, pois muitos jovens, por ano, deixam as regiões em busca de uma formação superior na capital e, aqueles que não tiveram condição de permanência na capital, acabam, simplesmente, desistindo da formação superior.

Diante disso, aqueles jovens que não possuem familiares na capital, onde possam hospedá-los durante o tempo de estudo, infelizmente não vão ter acesso ao ensino superior, por consequência, os jovens residentes das regiões correm riscos de entrar na delinquência juvenil ou crime organizado, com fortes consequências para a sociedade e o país em geral, uma vez que não são dadas oportunidades de se formar localmente.

Ainda, para Sani “é urgente a criação de polos regionais de formação, em todo o território nacional, em função das potencialidades de cada região, com intuito de permitir aos jovens das regiões se formarem e poderem contribuir no crescimento econômico e desenvolvimento local” (p.59). Nota-se, portanto, que o ensino superior, seja ele público, seja ele privado, através dos custos de mensalidades, falta de infraestrutura, professores qualificados e a falta de polos de ensino superior nas regiões de Guiné-Bissau, são um dos fatores que fazem com que, a cada ano, centenas de estudantes guineenses migrem para o Brasil em busca de uma formação superior na diáspora.

1.3.2- Facilidade linguística

A circunstância de se verificar que atualmente o português constitui a sexta língua mundial e a quarta língua mais utilizada na internet impõe-nos particulares responsabilidades. João Có (2009) nos demonstra através de entrevistas com estudantes guineenses, que a língua é um fator importante, porém apresenta vantagens e desvantagens: “O Brasil não se constitui na primeira alternativa para formação, os países europeus são a primeira opção para muitos, pela possibilidade de se aprender uma nova língua (...), porque a pessoa pode aprender outra língua - francês, inglês, alemão, italiano”. (CÓ, 2009, p.118). Em contrapartida, um estudante africano ao escolher França ou Rússia para estudar, o mesmo terá a oportunidade de conhecer uma nova língua- inglês e russo, respectivamente. Mas, ao mesmo tempo, se aquele estudante não conhece nada daquela língua, como o mesmo se adaptará naquele país?

João C6 (2009) nos apresenta que essa escolha 6 importante mas apresenta desvantagem

A vantagem que os estudantes guineenses t6m na Europa inclusive, para aqueles que estudam na R6ssia, Alemanha, It6lia, Inglaterra, Uni6o Sovi6tica (...), est6 em adquirir uma nova l6ngua estrangeira, cuja desvantagem est6 no enfrentamento de um longo per6odo de adapta66o para que possam conseguir encarar os estudos mais voltados para suas 6reas de forma66o. No Brasil, o mesmo n6o acontece devido 6 similitude da l6ngua (p.108).

Percebe-se que, relativo a l6ngua, Mamadi¹⁰, estudante guineense da UNILAB, apresenta o Brasil como uma vantagem para estudar, pois n6o 6 necess6rio aprender uma nova l6ngua para entrar no ensino superior brasileiro.

Primeiro, escolhi o Brasil para estudar por causa da l6ngua. Guin6-Bissau fala portugu6s n6, Brasil fala portugu6s. Em vez de eu ir estudar em outro pa6s, por exemplo Marrocos, Senegal, eu tenho que estudar um ano de l6ngua, depois que entro no ano de curso. Isso significa que voc6 tem um atraso de estudo por causa da l6ngua [...], ent6o, eu escolhi o Brasil pois n6o seria preciso eu aprender uma l6ngua mas, eu chego e entro diretamente em um curso.

De acordo com o entrevistado, escolher o Brasil 6 mais vantajoso do que escolher um pa6s franc6fono¹¹, pois, nesses pa6ses, primeiro voc6 estuda o idioma local, para depois voc6 come6ar a estudar no curso pretendido. Nesse caso, se o estudante n6o tem dom6nio sobre a l6ngua, fica dif6cil de se adaptar. “Se eu chegar l6 [nos pa6ses de l6ngua francesa], vou ter dificuldades, vou ter atraso de um ano, porque voc6 n6o vai entrar [na universidade] diretamente”, finaliza.

N6o diferente, o estudante Carlos¹² cita que um dos motivos para que ele esteja no Brasil hoje, foi por causa da l6ngua.

[...], devidamente, a primeira coisa foi o enquadramento n6, em termo de linguagem, porque Brasil fala o portugu6s, no meu pa6s que 6 Guin6-

¹⁰ Mamadi, estudante guineense, do curso de Bacharelado em Humanidades-BHU da Unilab. Ingressou no curso em maio de 2015, durante a pesquisa o estudante se encontrava no primeiro ano do curso.

¹¹ Site oficial da organiza66o internacional da francofonia. Dispon6vel em:< <http://www.francophonie.org/Bem-vindo-ao-site-oficial-da.html/>>. Acesso em: 11 de Maio. 2016.

¹² Carlos, estudante guineense, do curso Bacharelado em Humanidades-BHU. Ingressou no curso em maio de 2015 e durante a pesquisa, o estudante se encontrava no primeiro ano do curso.

Bissau falamos português (...), então não vai ter problema de eu me enquadrar nessa sociedade né.

Morais e Silva (2011) em seu artigo sobre estudantes africanos nas universidades brasileiras nos apresenta um subcapítulo em que trabalha a questão das línguas “portuguesas”, assim denominada pelos pesquisadores. A língua portuguesa, tal como falada e escrita no Brasil, representa um tipo de problema na inserção de muitos estudantes africanos que veem estudar no Brasil julgando ter mais facilidade de se adaptar no contexto universitário pelo fato da língua portuguesa ser oficial tanto em Guiné-Bissau quanto no Brasil. O autor salienta que:

São recorrentes as dificuldades com o manejo da língua entre os estudantes durante, pelo menos, os dois primeiros semestres de estudo (...) os motivos são claros, os países africanos de língua oficial portuguesa, muita das vezes a utilização da língua estava restrita a situações de estabelecimento de relações burocráticas com a administração pública em espaços como escolas, embaixadas e órgãos do governo (MORAIS; SILVA, 2011, p.3).

Nesta perspectiva, embora oriundos de um país em que o português é a Língua Oficial do Estado, língua do ensino, língua do antigo colonizador, mas que em Guiné-Bissau está longe de ser a língua da comunicação cotidiana. Johannes Augel¹³ (1997), apresenta alguns motivos que fazem com que a língua portuguesa não chegue há 15% da população guineense que fala o português em espaços públicos de debates e entre outros setores. Segundo o autor, muitas assembleias realizadas para discussões políticas do estado, o crioulo prevalece em relação ao português. “O que vemos hoje, na realidade linguística da Guiné-Bissau é resultado de um crescimento contínuo e significativo do uso da língua nacional” (p.251).

Em Guiné-Bissau, alguns fatores contribuem para tal afirmação, dentre elas, o rádio, que emite grande parte dos seus programas em crioulo e é ouvido em todo país. A televisão de Guiné-Bissau-TGB, apesar da sua dependência da cooperação portuguesa, transmite programas em crioulo e em português. A música popular guineense, de imensa divulgação e aceitação em todos os meios sociais, é um fator importante neste contexto, sem falar das reuniões de trabalho, por exemplo nos ministérios e nas administrações, os espaços onde se mantem o português “isolado” do cotidiano bissau-guineense.

¹³ Foi professor da Universidade de Bielefeld/Alemanha e pesquisador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas- INEP- em Bissau.

“Os professores que tive não dominam o português, ou melhor, eles não sabem falar o português”, afirma Saído¹⁴, estudante Bissau-guineense na UNILAB. É comum, como afirma Augel (1997) os professores terem que recorrer ao crioulo por não saberem explicar o assunto em português, nem os alunos conseguem entender as explicações porventura dadas nessa língua estrangeira.

Não é objetivo desse trabalho defender ou não o português como língua obrigatória ou oficial em Guiné-Bissau, para isso seria necessário entender todo um processo de ordem pedagógica e outro de ordem social. O que se pretende demonstrar são as questões motivadoras em relação à língua para estudantes guineenses para o Brasil, descrevendo as narrativas que permeiam a questão da língua na temática da migração estudantil, embora tenhamos demonstrado também que tais motivações podem se tornar entraves.

1.3.3 -O estudante convênio: O caso do PEC-G

O programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado oficialmente em 1965 pelo Decreto nº55.613 e, atualmente regido pelo Decreto nº 7.948, oferece a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. O PEC-G é administrado pelo Ministério das Relações Exteriores, por meio da Divisão de Temas Educacionais, e pelo Ministério da Educação, em parceria com Instituições de Ensino Superior em todo o país.

De acordo com o Manual do Estudante-Convênio, a ideia da criação de um programa de governo para receber estudantes de outros países surgiu do aumento do número de estrangeiros no Brasil, na década de 1960. Percebeu-se a necessidade de unificar as condições do intercâmbio estudantil e de garantir tratamento semelhante aos estudantes por parte das universidades.

Referente aos acordos de convênio, Mungoi salienta que

A instalação das primeiras embaixadas no continente africano, na década de 1960, permitiu que o Brasil estabelecesse acordos de

¹⁴ Saído, nome fictício adotado durante a entrevista realizada em Nov.2015

cooperação cultural e técnica com alguns países da África Subsaariana. A partir daí se inicia a emigração estudantil para o Brasil. O primeiro grupo de estudantes africanos veio ao Brasil na década de 1960 e era constituído por 16 estudantes do Senegal, Gana, Camarões e Cabo Verde. Entretanto é com a implementação do PEC-G nos finais dos anos 70 que a presença dos estudantes africanos nas universidades brasileiras se tornou significativas. Trata-se de um período que a universidade e pesquisa se consolidam no Brasil e os PALOP conquistam suas independências nacionais. (2004, p.28).

De fato, após as instalações das primeiras embaixadas nos países do continente africano houve um incremento nas relações Brasil/África, prova disso, ocorreu na década de 1990 com a criação da CPLP, que passa a atuar em acordos comerciais e sociais em que “há [da parte do Brasil] uma preocupação em assumir um papel central no desenvolvimento do continente africano” (GUSMÃO, 2005, p.6). Por sua vez, no Governo Lula, conforme foi citado anteriormente, ocorreram alguns esforços pela proximidade social, política, econômica e, também, simbólica com a África. Inúmeros acordos de cooperação e programas de desenvolvimento têm sido implementados pelo Brasil com a África, entre os quais se destacam o PEC-G e o PEC-PG.

O governo brasileiro, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores – MRE, e suas representações diplomáticas no exterior, em parceria com o Ministério da Educação – MEC e as instituições de ensino superior do país – promove o PEC-G, que anualmente possibilita a cidadãos da América latina, Caribe e África cursarem a graduação gratuitamente no Brasil (cf. CÓ, 2011,). Pelo programa, estudantes estrangeiros dos países conveniados são beneficiados a cada ano com vagas gratuitas em cursos de graduação nas instituições brasileiras. Os interessados em estudar no Brasil procuram as embaixadas brasileiras nos países de origem para receber mais informações do processo de seleção dos candidatos e das documentações exigida pelo programa. Na Guiné-Bissau, as inscrições nas representações diplomáticas acontecem em meados dos meses de Junho e Julho, conforme excertos do manual, disponível em rede.

Hoje, no estado do Ceará, apenas 4 (Quatro) universidades selecionam estudantes africanos. São elas: Universidade Estadual do Ceará (UECE), cidade de Fortaleza, Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, IFCE, cidade de Fortaleza e Universidade Federal do Cariri-UFCA, cidade de Juazeiro do Norte. É importante salientar que a UNILAB não participa do programa, pois existe um processo seletivo específico para os estudantes estrangeiros na instituição. Sobre outras universidades participantes do programa em

outros estados, poderá ser consultado também o site do Ministério da Educação. É importante esclarecer que, as vagas destinadas ao PEC-G não fazem parte da disponibilidade de vagas das universidades públicas no Brasil, portanto é um acréscimo de vagas, de acordo com a demanda diplomática de cada país participante do programa.

A cooperação na área de educação tem sido um instrumento importante para impulsionar o desenvolvimento por meio da formação de recursos humanos dos países em vias de desenvolvimento. A circulação de pessoas, com objetivos de formação acadêmica, parece ser uma prática recorrente nos países africanos com base nas elevadas taxas de indivíduos com “idade escolar”. Hoje, é perceptível a presença dessa nova categoria de migrantes temporários ou intermediários nas universidades brasileiras. Eles vivem e interagem durante um período relativamente prolongado, criando vínculos sociais profundos nas universidades e nas cidades por onde transitam.

1.3.4 – O caso da publicidade enganosa de universidades particulares

Outro motivo que deve ser analisado, quando se fala da vinda de estudantes Bissau-guineenses para o estado do Ceará, é a propaganda que as instituições de ensino brasileiras fazem em Guiné-Bissau, divulgando os objetivos e metas para aqueles estudantes que pretendem estudar no Brasil. Como mecanismo de atração, estas instituições “prometem” excelentes cursos, com valores de mensalidades acessíveis aos estudantes e dentre outras vantagens que futuramente não se cumprem, com a realidade vivenciada pelo estudante ao chegar no Brasil.

Figura 4: Panfleto divulga intercâmbio para o Brasil em Guiné-Bissau com informações sobre custos distorcidos.



Foto: Diário do Nordeste, 2009

Um caso que ocorreu em 2009, na cidade de Fortaleza - CE, onde mais de cem (100) estudantes de Guiné-Bissau que viveram em Fortaleza estavam ameaçados de serem deportados do Brasil. Eles foram atraídos por programas de intercâmbio de três faculdades particulares, mas não conseguiram arcar com as despesas, atrasaram as mensalidades e não puderam mais se matricular. Por consequência, os mesmos não tinham como baixar a declaração de estudante na instituição onde estavam matriculados, com isso, seus vistos temporários para estudantes não foram renovados pela Polícia Federal. Segundo alguns estudantes, isso ocorreu devido as divergências de preços apresentados pelas faculdades no momento da sua propaganda em Guiné-Bissau.

Pela propaganda feita em Guiné-Bissau em 2008¹⁵, os gastos mensais com alimentação, por exemplo, ficariam em torno de 35 mil francos CFA (Moeda Guineense) divididos para quatro pessoas. No câmbio da época, o valor equivalia a R\$ 136,50 – o que dá pouco mais de um real por pessoa ao dia.

Figura 5: Despesas de alojamento, alimentação e transporte distorcidos divulgados em Guiné-Bissau.

¹⁵ Informações disponíveis em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-07-11/no-ceara-atraso-de-mensalidades-deixa-estudantes-africanos-sem-visto.html>. Acesso em 23 de jan. 2016.

11 – Como é sistema de alojamento nas cidades de Fortaleza e de Caucaia, Ceará-Brasil?

Ocorre através de aluguel (renda) de casas ou apartamentos em prédios residenciais, de um até três quartos de dormir, os quais custam, em média, 265.000 CFA para 3 quartos, os quais podem ser rateados entre cidadãos guineenses estudantes (4-Bra) (uma ou duas pessoas por quarto). Vide simulação na planilha abaixo – fonte: Instituto Guiné-Bissau-Ceará no Brasil – Sr. VILHEM CA...

DESCRIÇÃO	VALOR	OBS.
ALUGUEL (RENTA)	84.000 CFA	Mensal para uma residência (renda pode ser dividida pelos números de companheiros)
REFEIÇÕES (COMEDORIA)	35.000 CFA	Por mês para uma 4 pessoas (o mínimo)
TRANSPORTE	17.000 CFA	Por mês, sem carteira de estudante
	8.500 CFA	Por mês, com carteira de estudante
ENERGIA ELÉTRICA	6.000 CFA	Mensal a ser rateado pelos moradores
SAÚDE	-	Atendimento gratuito para estudantes pelo governo brasileiro.
COMPRAS DE TEXTO DE APOIO	25 CFA	A4 Preto/Branco (cada impressão) conforme cada disciplina
DEMAIS GASTOS	A verificar	De acordo com a utilização e período (comidas não básicas, viagens, deslocamentos não estudantis, lazer/ócio, livros, ligações internacionais, e locais (móvel), etc.)

Obs: O custo de vida básico em Fortaleza-Ceará-Brasil é menor do que na Guiné-Bissau, e muito menor do que em Portugal. Também a qualidade de vida, a infra-estrutura e o nível de desenvolvimento da cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil são excelentes.

Foto: Diário do Nordeste, 2009

Os gastos previstos com moradia também não estavam condizentes com a realidade do mercado imobiliário da capital cearense. O material de divulgação fala em 84 mil CFA por mês para o aluguel de um apartamento com três quartos. Em 2008, esse valor equivalia a R\$ 327. Na época, o escritório Frei Tito acompanhou a situação dos estudantes guineenses e decidiu denunciar o caso no Ministério Público Federal no Ceará. Segundo o Diário do Nordeste (2012), ao tomar conhecimento da situação, a procuradora federal Nilce Cunha propôs um termo de ajustamento de conduta (TAC) à Sociedade Universitária de Desenvolvimento Profissionalizante (Sudep), organização mantenedora das três instituições de Ensino Superior: Faculdade de Tecnologia do Nordeste (Fatene), Faculdade Terra Nordeste (Fatene) e Faculdade Evolução. Cunha sugeriu o parcelamento das dívidas dos estudantes que desejariam retomar os estudos e continuar legalmente no Brasil, sem a cobrança de multas e juros.

A proposta foi aceita, porém, o problema inicial desencadeou uma série de outros. Com dificuldades para custear alimentação, moradia, estudo e transporte, muitos/as se submeterem ao subemprego para conseguir quitar as dívidas. Os/as que estavam em débito com as faculdades também não recebiam a declaração de matrícula das instituições. Sem o documento, não podiam ir à Polícia Federal renovar o visto de estudante, ficando em situação irregular no país. Entretanto, considera que "alguns cuidados deixaram de ser tomados [pelas faculdades] na época" de divulgação dos cursos em Guiné-Bissau. A estimativa do custo de vida, por exemplo, foi "subestimada" pelas

instituições. Segundo Nilce Cunha, a informação que se tem é de que os valores de custo de vida apresentados pelas faculdades foram repassados por um estudante africano que morava em Fortaleza.

Percebe-se, portanto, que a publicidade enganosa acaba atraindo a atenção de estudantes africanos para o Brasil, porém, as consequências acabam sendo sentidas na “pele”, por não terem condições de se matricular e se manter legalmente no Brasil até a conclusão da sua formação.

CAPÍTULO 2: A CHEGADA DOS ESTUDANTES GUINEENSES NA UNILAB E AS INTERAÇÕES COM A POPULAÇÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ LOCAL

2.1- UNILAB: Do projeto à criação de uma universidade no interior do Ceará

A universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira(Unilab) nasce baseada nos princípios de cooperação solidária entre os países que compõem a CPLP, principalmente entre o Brasil e os países africanos dessa comunidade, com o objetivo de oferecer cursos de nível superior que atendam às necessidades dessas nações em uma cooperação que ficou conhecida como Sul-Sul. O governo brasileiro justifica que o projeto procura resgatar uma dívida histórica do Brasil com nações africanas e ao mesmo tempo eleva o país a uma situação de liderança dentro do grupo em um processo globalizante.

Ainda sobre isso, Nilma Lino Gomes, ex-reitora da Unilab, esclarece que

O movimento de criação da Unilab se insere no quarto ciclo expansionista, coincidindo com um cenário propício ao aumento de instituições e vagas no ensino superior federal. Tal situação corresponde ao período ocorrido depois da estabilização econômica do país, quando iniciativas diversas de inclusão social e políticas afirmativas foram estimuladas, propiciando uma melhoria na distribuição de renda, o que tem sido associado à emergência de uma nova classe média. Neste contexto [...], a ampliação do acesso à educação superior é parte deste movimento, onde a aspiração pela Universidade passa a integrar o imaginário das famílias antes pertencentes aos setores mais pobres da população. (GOMES, 2013, p.78)

Diante disso, a UNILAB é parte significativa desse novo movimento, fortemente marcado pela interiorização pelas lutas em prol de políticas afirmativas na educação superior pública brasileira, que ainda hoje, ainda fica muito a desejar. Pelo fato de que o Nordeste Brasileiro necessita de forte apoio para superar problemas históricos de desenvolvimento, a proposta da UNILAB surgiu com o objetivo de favorecer a região que, apesar de ocupar 18% do território e contar com 28% da população do país (CENSO IBGE 2010), produz apenas 13% do produto interno bruto (PIB). Com a proposta de

interiorizar a educação superior no país, a UNILAB se instalou na cidade de Redenção, localizada na região do Maciço de Baturité, no Estado do Ceará (UNILAB, 2013, p.18).

Figura 6: Municípios da Região do Maciço de Baturité-Ce.

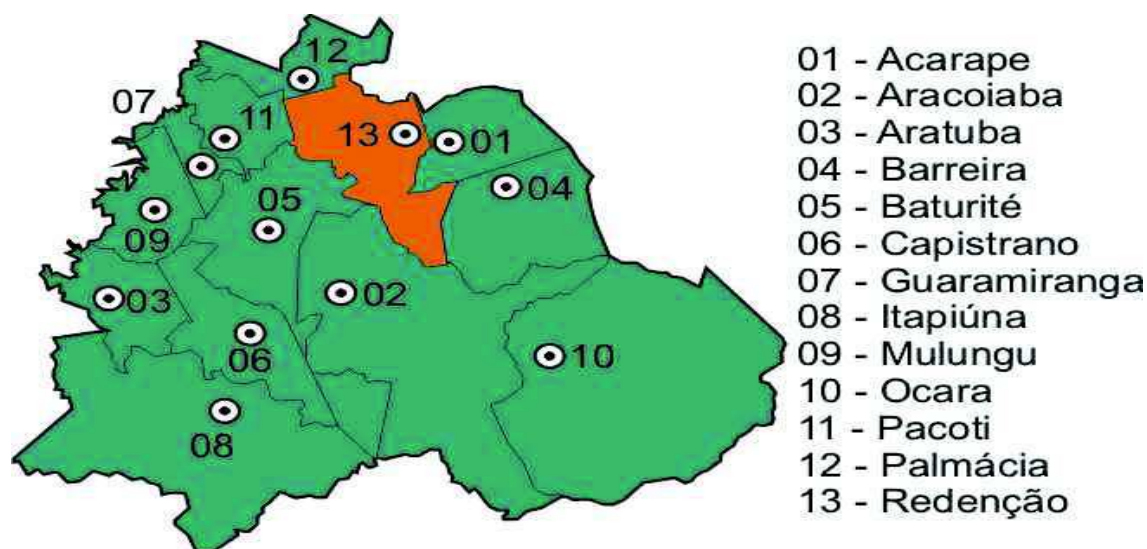


Foto: Site Guaramiranga informa

No processo de implantação da UNILAB no interior do Ceará, em outubro de 2008, segundo Nilma (2013) criou-se a Comissão de Implantação da Unilab (instituída pela secretária de educação superior) que, ao longo de dois anos fez levantamentos e estudos a respeito de temas e problemas comuns no Brasil e países parceiros nessa integração. Essa comissão buscou identificar áreas de importância estratégica para o desenvolvimento da universidade, fomentando a interação e fundamentando a constituição de sua estrutura acadêmica (UNILAB, 2013, p.27)

Durante esses dois anos (após a criação da comissão), foram realizadas diversas reuniões, parcerias e debates, não só no Brasil mas também no exterior, com o intuito de criar uma universidade no interior do Ceará, mas com um olhar internacional. De acordo com Carla Susana¹⁶ (2014, p.136), a UNILAB ganhou vida a partir de então, pelos esforços de uma “comissão de implantação” que teve a Universidade Federal do Ceará (UFC), localizada na Capital Fortaleza como “tutora”.

¹⁶ Carla Susana. O ensino superior em Redenção-CE, 2014). Carla Susana Alem Abrantes é doutora em Antropologia Social(UFRJ), professora de Antropologia do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia-Afro-Brasileira, UNILAB.

Em 20 de julho de 2010, no Palácio do Itamaraty, em Brasília, o ex- Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº12.289 instituindo a UNILAB como universidade pública federal, a segunda do estado do Ceará, que até então existia apenas a Universidade Federal do Ceará (UFC). Após a divulgação, foi nomeado como Reitor *Pro tempore*¹⁷ Paulo Speller, que anteriormente era presidente da comissão de implantação da UNILAB.

A lei de criação da UNILAB expressa os elementos básicos de sua missão, com o objetivo de

produzir e disseminar o saber universal, de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico e dos países da língua portuguesa, por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento filosófico, científico, cultural e técnico, comprometida com a superação das desigualdades sociais. (Lei n.12.289/2010, art. 3º)

Figura 7: Os países de língua oficial portuguesa no mundo

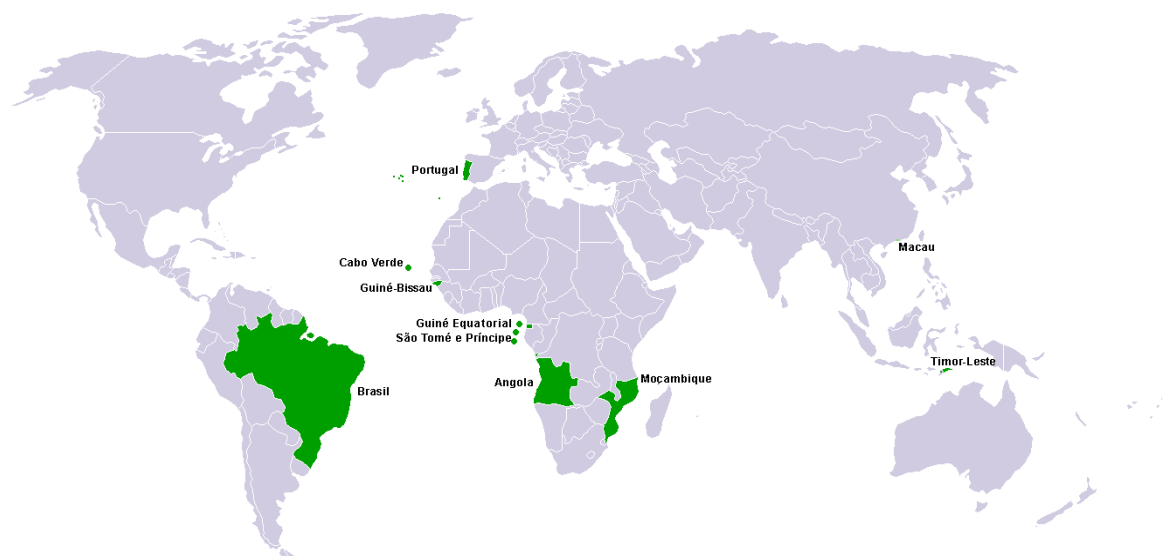


Foto: Site da CPLP

¹⁷*Pro tempore* é uma expressão de origem latina que se pode traduzir por *temporariamente* ou *por enquanto*. É utilizada na linguagem comum para indicar uma situação transitória. Como termo jurídico e burocrático, significa a vigência de um cargo ou função.

Um dos propósitos da Unilab é formar pessoas aptas para contribuir para a integração do Brasil com os países da África, em especial com os membros da CPLP, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da região. Diante disso, segundo o projeto de Lei de criação da UNILAB (2008), a universidade tinha como meta 5.000 discentes matriculados nos cursos de graduação e mestrado presenciais, outra metade seria de estudantes internacionais.

Assim, a Unilab surgiu com o objetivo de oferecer condições para que a oferta de ensino alcance, além do Timor-Leste, o continente africano que é o segundo continente mais populoso do planeta e o terceiro continente mais extenso. Tem mais de 30 milhões de km², cobrindo 20,3% da área total da terra firme e mais de 800 milhões de habitantes em mais de 50 países, representando cerca de um sétimo da população do mundo.

Os objetivos institucionais da UNILAB são:

Formar cidadãos com competência acadêmica, científica e profissional, para contribuir como o avanço da integração entre o Brasil e os países da língua portuguesa, especialmente os africanos (...), através da preservação dos valores éticos e de liberdade, igualdade e democracia, visando implementar políticas, programas e planos que concretizem as atividades-fim da instituição. (Lei n.12.289/2010, art.6º)

A universidade tem por objetivo promover avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e de pesquisa de países de língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária”, conforme texto das Diretrizes Gerais, 2010, p.10)

Portanto, a UNILAB possui um diferencial das demais universidades públicas federais distribuídas por todos os estados do Brasil, pois, de acordo com as diretrizes da universidade, sua vocação baseia-se na construção de vínculos estreitos com a realidade específica do Maciço de Baturité, no Ceará, mas tendo como perspectiva a cooperação internacional solidária com os países de Língua Oficial Portuguesa. Porém, essa vocação de acordo com Nilma Gomes será desenvolvida em um contexto de profundas desigualdades sociais e econômicas. “Os indicadores socioeconômicos da região Nordeste do Brasil - onde estão as unidades [Ceará e Bahia], ora em funcionamento – assim como os países parceiros da CPLP, revelam territórios marcados por intensas desigualdades sociais. (2013, p.81)

Para atender a este objetivo, os primeiros cursos de Graduação levam em conta, é claro, ao cursos de formação pelos quais os países parceiros tem maior interesse. Vejamos as áreas e os respectivos cursos: Desenvolvimento Rural (Agronomia), Saúde coletiva (Enfermagem), Formação de Professores (Ciências da Natureza e Matemática), Gestão Pública (Administração Pública) e Tecnologias e Desenvolvimento Sustentável (Engenharia de Energias). Num segundo momento foram criados os cursos de Letras e de Humanidades, o chamado BHU.

A fim de concretizar sua proposta, previu-se metade dos estudantes será composta por jovens residentes no Brasil; e a outra metade seria composta por meio da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, especialmente africanos, incluindo também, o Timor-Leste e a Região do Macau. Os estudantes oriundos, tanto do continente africano quanto do Brasil, poderiam realizar intercâmbios de estudos em diversos países.

No caso dos estudantes estrangeiros, haverá forte apoio dos Estados parceiros e sua formação em Redenção poderá ser completada em instituições dos seus países de origem, sendo diplomados conjuntamente por estas e pela UNILAB, obtendo dupla titulação. Os estudantes residentes no Brasil, por sua vez, terão formação e serão titulados nos CAMPI DA UNILAB, podendo complementar estudos por meio de oportunidades de mobilidade acadêmica com universidades parceiras em África, Ásia e Europa. (Diretrizes Gerais, 2010, p.p 10-11).

Ainda sobre a lei de criação, os docentes e pesquisadores seriam contratados seguindo a lógica da parceria e da integração. “Através da parceria, o corpo docente-regular, visitantes e bolsistas poderá chegar mais da metade de origem estrangeira, perfazendo a proposta de integração acadêmica e cooperação solidaria” (p.11). No âmbito dos professores seriam 300 professores, sobretudo profissionais formados em todos os países da região, 150 docentes permanentes (efetivos) e 150 docentes temporários (visitantes).

Importante esclarecer que, existe uma diferença entre os documentos oficiais e os que estão em vigor na data de hoje. A lei de criação e as Diretrizes são parâmetros e têm peso diferente que o Estatuto, o Regimento e o PDI que são normativos. Não convém ao exato momento discutir se as metas e objetivos traçados na data da criação se assemelham com o que está em vigor hoje.

2.2 – Da inauguração à atualidade: O que mudou em 6 anos de UNILAB

A universidade abriu as portas no dia 25 de maio de 2011, interessante salientar que a presente data nos traz um contexto devidamente pensado: 25 de maio é o Dia da África, para uma universidade que tem como propósito integrar estudantes africanos e brasileiros. As atividades iniciaram no *campus* da Liberdade, localizado em Redenção, *campus* sede da universidade.

A solenidade foi marcada por uma aula inaugural proferida pelo Ex-Ministro da Educação, Fernando Haddad, com a presença do governador do Estado do Ceará, Cid Gomes; além de outras autoridades, reitores, senadores, prefeitos, deputados e o Ex- Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (UNILAB, 2010, p.36).

Em 6 anos de funcionamento, a UNILAB está distribuída em 04 (quatro) unidades, três localizadas no estado do Ceará (Redenção e Acarape) e a quarta está localizada no estado da Bahia, cidade de São Francisco do Conde. A primeira unidade a funcionar foi o *campus* da Liberdade, localizado em Redenção-CE, onde até hoje é a sede administrativa da universidade. A segunda unidade a funcionar foi o *campus* dos Palmares, localizado em Acarape-CE, a terceira unidade é o *campus* São Francisco do Conde, antigo *ampus* dos Malês, localizado no estado da Bahia, na cidade de São Francisco do Conde.

Existe um *campus* em construção, chamado *campus* das Auroras, localizado entre os municípios de Redenção e Acarape, em um terreno doado pelo governo do estado. O espaço se tornará a sede administrativa definitiva da Universidade, possui 136 hectares e terá capacidade para atender 5 (cinco) mil estudantes, 800 funcionários e 400 professores em suas diversas áreas.

Os estudos para elaboração do projeto arquitetônico do Campus das Auroras começaram no final de 2009 e o projeto das obras segue as diretrizes estabelecidas pelo plano diretor (Master Plan). A licença de instalação para o novo Campus foi liberada pela superintendência Estadual do Meio Ambiente do Ceará (Semace). Após três dias dessa data, no dia 22 de maio de 2012, dia que a UNILAB completou um ano de atividades, foi assinada pelo então Reitor Paulo Speller a ordem de serviço para o início das obras. (UNILAB, 2014)

Em novembro de 2014 foram inaugurados os blocos acadêmicos e também a academia localizada no *campus* da Liberdade, porém, ainda está em construção quatro blocos de residência universitária, sendo dois deles em fase de conclusão e os dois restaurantes universitários.

Em 6 anos de funcionamento, a UNILAB passou por três mudanças no seu reitorado. Paulo Speller foi o primeiro Reitor *Pro Tempore* (*temporário*) da universidade, tendo como Vice-Reitora Dr. Maria Elias Soares, assumindo desde a inauguração até março de 2013, onde foi convocado pelo Ministro da Educação (naquela época), Aloizio Mercadante para assumir a Secretaria da Educação Superior (Sesu). Para conduzir a universidade nos próximos anos, o Ministro da Educação nomeou Nilma Lino Gomes, pedagoga, oriunda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Para muitos, a nomeação da Nilma Lino Gomes como reitora teve – e tem um marco importante nas lutas em prol da diversidade étnico-racial, movimentos sociais, relações raciais e a diversidade cultural e gênero, pois, ela foi a primeira mulher negra a ser empossada no cargo de reitoria em uma universidade federal brasileira. Ela conduziu a reitoria da Universidade entre Abril de 2013 à Dezembro de 2014 quando foi anunciada oficialmente como futura Ministra-Chefe da Secretaria de Políticas De Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR/PR) para o segundo mandato do Governo Dilma Rousseff. Assumiu o cargo em 2 de janeiro de 2015. No dia 12 de Fevereiro de 2015 o Ministério da Educação escolheu o professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais, Tomaz Aroldo da Mota Santo, como novo reitor *pro tempore* da Universidade, assumindo, até o momento, a reitoria da UNILAB.

No que diz respeito aos estudantes, até abril de 2016, o quantitativo geral de estudantes da UNILAB (Graduação, pós-graduação, presencial e à distância) é 4.216 estudantes. **Cursos Presenciais:** Graduação: 2.888 (por nacionalidade: Brasil: 2.084 – Angola: 72 – Cabo Verde: 87- Guiné-Bissau: 473- Moçambique: 26 – São Tomé e Príncipe: 77 - Timor-Leste: 69 e Pós-Graduação: 161 estudantes). **Cursos a Distância:** Graduação: 481 e Pós-Graduação: 686 estudantes. (Fonte: *Diretoria de Registro e Controle Acadêmico – DRCA - dados de abril/2016*)

Referente à oferta educativa, até o momento existem 08 cursos de Graduação, sendo 07 presenciais (Administração Pública, Agronomia, Bacharelado em Humanidades-BHU, Ciências da Natureza e Matemática, Enfermagem, Engenharia de

Energias e Letras-Língua Portuguesa) e 01 à distância (Administração Pública). Os cursos de especialização são 05, sendo 02 presenciais e 03 a distância.

Os discentes que integram a UNILAB também possuem várias origens, alguns são do próprio Maciço de Baturité, outros de qualquer lugar do Estado do Ceará e do Brasil, já que o acesso de alunos brasileiros ocorre pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), utilizando a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), os alunos de escolas públicas possuem um bônus de 10% em sua nota, apenas a primeira seleção bonificou também os alunos do Maciço de Baturité. Já os alunos estrangeiros possuem sua origem de cinco países africanos, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e um do país asiático, Timor Leste que em 2012 enviou 69 jovens para Redenção. A seleção nesses países ocorre através de inscrição na embaixada brasileira, os documentos são enviados para o Palácio do Itamarati e enviados para UNILAB, que através do histórico de notas, comparando-as com o curso de interesse do aluno é feita a seleção.

2.2.1- Do processo seletivo da UNILAB para estudantes internacionais

O processo seletivo de estudantes estrangeiros (PSEE) da UNILAB funciona da seguinte forma: o ingresso na Unilab ocorre a partir de rigoroso processo seletivo, composto de análise de documentação e prova. Inicialmente, os interessados em estudar na Unilab passam por seleção nas embaixadas brasileiras em cada país, onde entregam documentação. Alguns documentos são indispensáveis para a inscrição, são eles: Cópia impressa do Formulário eletrônico de inscrição, datada e assinada; b) Página de Identificação do Passaporte, Bilhete de Identidade ou Título de Eleitor (O mesmo documento digitalizado na 1ª etapa da inscrição); c) Histórico escolar, com a relação das disciplinas cursadas e as notas obtidas durante os três últimos anos do Ensino Secundário (Médio); d) Certificado de conclusão do Ensino Secundário (Médio). Os documentos são remetidos à Unilab, que os avaliará e deferirá ou não a inscrição do candidato.

Caso seja deferida, o candidato será submetido a uma prova de redação e somente após aprovado virá à universidade. Chegando ao Brasil, os estudantes são encaminhados à Polícia Federal para se registrarem como estrangeiros legais no país, com um visto de um ano. Na ocasião, apresentam passaporte original com visto e cópias das páginas utilizadas e visto temporário emitido pelo Consulado do Brasil em seu país de origem.

A prova de redação possui temas diferentes para cada país, no caso de Guiné-Bissau, devido um número maior de inscritos, a prova de redação foi dividida em 4 (quatro) temas: A instabilidade política como fator que desafia o crescimento de Guiné-Bissau, os desafios da Guiné-Bissau para garantir um desenvolvimento sustentável, tradição da excisão feminina x Direitos Humanos: possibilidades para a resolução da questão, considerando as demandas do século XXI e como Guiné-Bissau pode alcançar a independência econômica?. Tais temas exigem do candidato um texto dissertativo-argumentativo, em norma padrão da língua portuguesa.

No último processo seletivo realizado, ou seja, em 2015, a UNILAB disponibilizou 450 (quatrocentas e cinquenta) vagas para os cursos de graduação da Unilab, sendo: a) Para o Ingresso 2015.3, com início previsto para fevereiro de 2016: 276 (duzentas e setenta e seis) vagas e b) Para o Ingresso 2016.1, com início previsto para junho de 2016: 372 (trezentas e setenta e duas) vagas. A UNILAB enviou, no último processo seletivo, representantes que acompanharam o processo de aplicação de provas nos países parceiros.

Em 2015, ao todo, foram inscritos 1.694 candidatos, distribuídos entre os países: Guiné-Bissau (1.453), Angola (148), Cabo Verde (39), Moçambique (16) e São Tomé e Príncipe (38).

Tabela 3: Quadro de concorrência dos estudantes estrangeiros

Local de Oferta	País	V	ANGOLA			CABO VERDE		GUINÉ-BISSAU		MOÇAMBIQUE		SÃO TOMÉ e PRÍNCIPE	
			I	C	I	C	I	C	I	C	I	C	
Bahia	HUMANIDADES	26	25	0,96	10	0,38	242	9,31	1	0,04	4	0,15	
	LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA	6	10	1,67	1	0,17	72	12,00	0	0,00	0	0,00	
Ceará	HUMANIDADES	26	4	0,15	3	0,12	374	14,38	4	0,15	1	0,04	
	LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA	6	7	1,17	0	0,00	61	10,17	0	0,00	1	0,17	
	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	8	32	4,00	7	0,88	211	26,38	3	0,38	12	1,50	
	AGRONOMIA	8	4	0,50	1	0,13	133	16,63	6	0,75	4	0,50	
	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	4	3	0,75	3	0,75	41	10,25	0	0,00	3	0,75	
	ENFERMAGEM	6	14	2,33	4	0,67	188	31,33	0	0,00	6	1,00	
	ENGENHARIA DE ENERGIAS	6	43	7,17	9	1,50	94	15,67	2	0,33	6	1,00	
	FÍSICA	4	2	0,50	0	0,00	8	2,00	0	0,00	1	0,25	
	MATEMÁTICA	4	3	0,75	1	0,25	18	4,50	0	0,00	0	0,00	
	QUÍMICA	4	1	0,25	0	0,00	11	2,75	0	0,00	0	0,00	

Legenda:

I - Inscritos

C - Concorrência

V - Vagas

Célula VERDE: N° de candidatos menor que o N° de vagas

Célula LARANJA: Sem candidato inscrito

Fonte: UNILAB, 2015

2.3 – Desafios e possibilidades

Segundo Nilma Gomes (2013, p.85) a UNILAB é uma instituição com atuação caracterizada pela cooperação internacional, pelo intercâmbio acadêmico e solidário com os países membros da CPLP, especialmente os países africanos: “Esta não é uma missão simples; ao contrário, reveste-se de grande complexidade, em termos concretos e simbólicos” (p.85). Compreende-se que, unir países africanos e um país do continente asiático (Timor-Leste) nos municípios do interior do Ceará e da Bahia é de fato um empreendimento grandioso e que passa por tensões. A integração que tanto sonhamos e que está presente na lei vem se concretizando aos poucos, através da convivência entre docentes e discentes, técnicos administrativos e população local, em um espaço de desafios, diferenças, diferentes, conquistas, conflitos e acima de tudo superações.

Entre a inauguração da universidade até os dias atuais, conflitos e superações são dois termos que definem a UNILAB. Ora, se o ambiente acadêmico, por si só, já é um campo de múltiplos olhares e conflitos de ideias, a internacionalização na perspectiva da cooperação Sul-Sul e a interiorização do Nordeste do Brasil tornam ainda mais complexa e singular a experiência da UNILAB. Um dos grandes desafios que a universidade enfrenta diariamente, é, segundo Nilma Gomes (2013, p.86) o desafio de reconhecimento da diversidade e do trato ético e pedagógico dos sujeitos diversos e produtores de conhecimento. O desafio é o de se tornar, no contexto da cooperação internacional Sul-Sul, um centro de produção de conhecimento que realize um diálogo horizontal - e não por isso menos tenso - entre culturas, valores e projetos de sociedade.

Apesar de vários problemas que são enfrentados diariamente no cotidiano acadêmico e nos municípios, a UNILAB chegou criando esperança de crescimento para a região, através das atividades diversas que estão se desenvolvendo, para atender a nova demanda que surge. São professores, técnicos e alunos que passam a conviver no dia-a-dia da cidade, compartilhando saberes e experiências que, de certo modo, se interlaçam nesse novo processo de adaptação, conforme depoimento da Professora Jacqueline Freire, ex-Pró-Reitora de Graduação (fev./2011 a jun./2013): “Apre(e)nder a aprender, a conhecer, a planejar, a fazer uns com os outros, sintetiza uma trajetória de busca da democratização do acesso, compromisso com a permanência exitosa dos estudantes, formação com qualidade acadêmica e pertinência social. O desafio é manter acesa a chama das Utopias”.

2.4 O cotidiano dos estudantes guineenses na universidade e no município: A interação com a população local e as dificuldades de adaptação

2.4.1 Acarape e Redenção-CE: Localização geográfica

No estado do Ceará, a UNILAB conta com unidades nos municípios de Acarape e Redenção. As informações, aqui apresentadas, estão disponíveis no site da UNILAB, no tópico sobre a Unilab- Onde Estamos e no site da Prefeitura de Acarape e Redenção.

Figura 8: Cidade de Acarape-CE



Fonte: UNILAB-Fan page Prefeitura de Acarape

Acarape, município da região de Baturité, localiza-se a 54 km de Fortaleza e tem a economia baseada na produção pecuária, da cana-de-açúcar, feijão e frutas, bem como da exploração de calcário (calcita), vermiculita e talco. A cidade tem como principal evento cultural é festa do padroeiro, São João Batista. Acarape foi denominado município pela Lei Estadual nº 11308, de 15 de abril de 1987, desmembrado de Redenção. Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído do distrito sede.

Segundo Silva (2012, p.2), “Antes da emancipação, ocorrida em 1987, Acarape se constituía em Distrito de Redenção, tendo como consequência-sua história se confundir com a história de Redenção” (p.12). A região era habitada pelos índios Tapuias e Balurité

sendo conhecida por vila dos índios, recebeu os índios expulsos da região de Jaguaribe. Atualmente, a cidade abriga o *campus* dos Palmares.

Figura 9: Cidade de Redenção-CE



Foto: Unilab-Prefeitura de Redenção

Situada a 55 quilômetros de Fortaleza, o município de Redenção foi o primeiro do Brasil a libertar os escravos. O fato histórico ocorreu no dia 25 de março de 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel. A data, então, ficou estabelecida pelo parágrafo único do artigo 18 da Constituição Estadual como data magna do Ceará e passou a ser feriado para as comemorações oficiais da libertação dos escravos.

Também em reconhecimento ao pioneirismo do fim da escravidão, Redenção foi o município escolhido para receber a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) desde 2009. Mas a cidade também abriga vários outros pontos turísticos que remetem ao fato histórico da libertação dos escravos. A cidade abriga o Museu Senzala Negro Libertado, um canavial e a unidade de produção da aguardente Douradinha. O sítio foi construído em 1873, pela família Muniz Rodrigues. O marco histórico do local é a concessão de cartas de alforria a todos os negros cativos, em 25 de março de 1883, cinco anos antes da assinatura da Lei Áurea.

O museu¹⁸, criado em 2003, é composto por casa grande, senzala, canavial, a moageira e uma lojinha (Mercado da Sinhá). O conjunto arquitetônico colonial é original e tem boas condições de conservação. Na área, encontram-se a original casa grande dos

¹⁸ Disponível em: ><http://cearaemfotos.blogspot.com.br/2011/08/museu-senzala-negro-liberto-redencao.html><. Acesso em: 25 julho 2016.

senhores do engenho, a senzala, o canavial e o antigo maquinário de fabricar a cachaça Douradinha.

Além do museu, a cidade possui a Fazenda Gurguri-Senzala foi transformada em uma pousada, mas conserva a estrutura do período da escravidão. Na Praça da Liberdade, no centro, foi construído um obelisco em homenagem aos 50 anos da abolição no município, em 1933. Também no centro da cidade, foi construído o Busto da Princesa. O Monumento Negro Nua, construído na metade do século passado, é estruturado por concreto e revestido com pastilhas de azulejo. Retrata uma negra nua, que dá graças às luzes do céu por sua liberdade. Ele fica localizado na entrada da cidade, à Avenida da Abolição, em frente ao prédio da UNILAB.

Cartão postal do município, com uma escadaria de 720 degraus, o Monte das Graças conduz a um grande crucifixo e à imagem de Nossa Senhora das Graças. Também há três igrejas históricas na cidade. A Igreja de Nossa Senhora da Imaculada, a Matriz, foi concluída em agosto de 1868 e tem estilo romântico. A Capela de Santa Rita, inaugurada em 29 de dezembro de 1917, foi construída em estilo gótico. Possui uma escadaria com 109 degraus e proporciona uma bela vista parcial da cidade. A mais nova, a Capela de São Miguel, tem estilo gótico eclético e foi inaugurada em março de 1936.

Atualmente, o município abriga o *campus*-sede da Unilab. Em Redenção, está sendo construído o *campus* das Auroras, onde serão centralizadas as atividades administrativas e acadêmicas da universidade.

2.5 – “Cheguei, e agora?” Relatos dos primeiros grupos de Estudantes guineenses na UNILAB. *GUINEENSIS KU TCHIGA PRUMERU NA UNILAB*

Os primeiros grupos de estudantes Bissau-Guineenses da Unilab chegaram no mês de maio de 2012. No primeiro edital¹⁹ de seleção dos estudantes estrangeiros da UNILAB, foram aprovados 41 estudantes oriundos de Guiné-Bissau, divididos em dois grupos, primeira entrada, Junho de 2012 e segunda entrada, Setembro de 2012.

¹⁹ 1º edital de processo seletivo dos estudantes estrangeiros da Unilab, 2012. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2012/03/23/unilab-divulga-resultado-do-processo-seletivo-2012-para-alunos-estrangeiros/>>. Acesso em: 11 de Maio. 2016.

Figura 10: Cartaz de recepção dos estudantes africanos



Foto: Unilab-Assecom-2012

Figura 11: Chegada dos estudantes guineenses no Aeroporto Pinto Martins- Fortaleza-CE



Fonte: Unilab-Assecom-2012

2.5.1. Relatos

ISABEL MARIO NOSOLINE²⁰

“Vocês não falam direito, não entendo vocês”

Isabel Mario Nosoline, estudante guineense do último trimestre em Administração Pública da UNILAB faz parte do primeiro grupo de estudantes africanos que chegaram à Universidade no ano de inauguração da UNILAB, em 2012. Para essa estudante, ao chegar ao estado do Ceará, a mesma já estava ciente do que encontraria no estado, “de acordo com as informações recolhidas por mim, à cidade de Redenção é ideal para estudo”.

Quando cheguei ao aeroporto, eu estava calma, eu já sabia que a gente vinha pra Redenção, mas só que não conhecia o estado. Depois que ficamos em Fortaleza uma semana, cheguei em Redenção e me deparei com uma cidade que não era tão desenvolvida, choque para alguns mas para mim era tudo normal, não entrei em choque, nem em pânico, até achei a cidade bem calma que dava pra qualquer aluno estudar a vontade.

Percebe-se que, no que diz respeito a infraestrutura da cidade, a estudante não sentiu dificuldades para se adaptar, porém, o preconceito dos moradores foi um dos fatores que prejudicou sua adaptação. “A dificuldade que a gente tinha era a questão do preconceito, os primeiros momentos alguns brasileiros faziam preconceito com a gente”. Além disso, os brasileiros tinham uma enorme dificuldade de entender a fala da estudante. “Eles (os brasileiros) não percebiam que a gente falava, o português era bem diferente do que eles costumava a ouvir”.

Nos primeiros dias de aulas, Isabel sentiu bastante dificuldade de compreender a matéria, “no primeiro momento eu não compreendia a matéria porque era tudo diferente do que a gente estava acostumada com a prática de lá (Guiné-Bissau)”. A estudante entrou numa dinâmica de compreender o português do Brasil, pois se ela falasse o português de Portugal, os professores e alunos não compreenderiam e iriam incentivar ainda mais o preconceito. Vivendo diariamente com pessoas que a discriminava pelo modo como ela

²⁰ Isabel, estudante guineense, do curso Administração Pública da Unilab. Ingressou no curso em 2012 e durante a pesquisa, ainda estava com o curso em andamento, no penúltimo trimestre para conclusão.

falava o Português, “algumas pessoas falava que nós não falávamos direito, falava rápido, que não entendia o sotaque”, Isabel procurou se preocupar apenas com os estudos.

Referente à moradia, pelo fato de ser o primeiro grupo de estudantes africanos na universidade, Isabel nos informa que não teve dificuldades em conseguir alugar apartamento e comprar materiais, pois a universidade disponibilizou eletrodomésticos.

(...) a Unilab entrou em colaboração com o dono de casa, era tipo apartamento, a gente alugava o apartamento que era R\$ 600,00, dois quartos pequenos, a gente tinha que dividir 6 em cada apartamento. Na questão dos materiais, a Unilab nos deu cama, deu mesa, cadeiras, geladeira e fogão. A gente não tinha dificuldade, a única dificuldade era que o aluguel era muito caro para 6 pessoas no pequeno local. Saímos de lá para alugar outros apartamentos que era mais barato.

Percebe-se que, a compra de materiais por parte da universidade ajudou bastante a estudante, relatando que não sentiu dificuldades na chegada. Os alugueis ainda eram muito barato na época, “(...) os apartamentos eram mais baratos em relação agora, era tudo R\$ 150,00 você alugava uma casa de dois quartos por R\$ 150,00, mas hoje você não consegue alugar uma casa por esse valor”. Porém, após as consecutivas entradas de estudantes africanos na cidade, os preços de alugueis começaram a subir, sentindo-se assim, a dificuldade de alugar casas por preços baratos. Atualmente, todos os estudantes estrangeiros da UNILAB recebem um auxílio no valor de R\$ 530,00 sendo R\$380,00 (moradia) e R\$150,00 (alimentação).

BORIS CASSIMO CUNHA²¹

“Ei africano, você é sujo, você está aqui para roubar a oportunidade dos outros”

Boris Cassimo Cunha, estudante do Curso de Engenharia de Energias também nos relata como foram os seus primeiros dias na cidade de Redenção e na Unilab.

Os primeiros dias foram normais, nós chegamos, fomos bem recebidos, foi atrás da Unilab (que ocorreu algumas atividades culturais para receber os estudantes africanos), na quadra. Assistimos palestras, foi uma recepção muito boa no início.

Ao decorrer do tempo, Boris começou a sentir algumas diferenças, dentre elas, a comida cearense que é totalmente diferente do seu país de origem. “Não me adaptei com

²¹ Boris, estudante guineense, do curso de Engenharia de Energias da Unilab. Ingressou no curso em 2012 e durante a pesquisa, o estudante se encontrava no último ano do curso.

a comida nos primeiros dias, arroz, feijão, farofa, baião de dois(risos), tudo isso foi muito estranho pra mim”. Sentindo falta da comida típica do seu país, Boris procurou superar essa dificuldade, mas não foi fácil. “Ainda hoje sinto falta da comida do meu país”, relata o entrevistado.

Não satisfeito com o curso que selecionado na primeira opção, Boris acabou mudando de curso, saindo assim de Enfermagem para Engenharia de Energias. Tendo uma rotina de estudos diferente, o estudante começou a sentir muitas dificuldades em se adaptar com a rotina acadêmica, haja vista que, enfermagem e engenharia são de áreas totalmente diferentes.

A maior dificuldade que passei em Redenção foi quando mudei de curso. Eu já tinha outro estilo de estudo que era menos intenso em relação à engenharia. Mudei e tive que estudar o tempo todo e com isso tive muita reprovação e acabei me atrasando na universidade. Tinha hora que eu não tinha tempo para comer [...], foi difícil, muito difícil.

Pelo fato desse grupo ser o primeiro grupo de estudantes africanos -conforme já citado anteriormente, a universidade se preocupou em reservar um local para a estadia desses estudantes. Foi alugado um apartamento na Rua Senhor do Bonfim, menos de 5km da universidade. Boris nos informa como se deu o processo de seleção para morar nos apartamentos.

Quando chegamos aqui, fomos enviados para um apartamento do Gato Morto²², o valor mensal era de R\$ 600,00 reais e moramos 6 pessoas juntas. Foi muito difícil, o reitor nos falou que deveríamos acordar tudo na mesma hora. Na altura não existia aquele que estudava só de noite acordava mais tarde, nada disso, todos tinham que acordar na mesma hora. Você tinha que esperar todos os estudantes tomarem banho, depois sairmos todos juntos.

Não satisfeito com a política adotada pelo reitor da época, Boris decidiu alugar uma casa, juntamente com o seu amigo Ângelo, porém os proprietários não confiavam neles. “Foi difícil alugar uma casa em Redenção, quando eu ia perguntar se tinha casa livre, eles logo diziam, não tem, não tem.” De acordo com Boris “eles nos viam como alguém estranho, tinham medo e ao mesmo tempo pena de nós”, finaliza.

- Um caso de preconceito

²² Gato morto é um apelido atribuído ao proprietário do imóvel localizado na Rua Senhor do Bonfim, centro, Redenção-CE, o verdadeiro nome do proprietário é Rafael Oliveira.

(...) certo dia eu estava andando com o meu amigo numa rua e um homem que estava na nossa frente nos falou: Ei africano, vocês são sujos, vocês estão aqui para roubar a oportunidade dos outros, vocês devem voltar. (...) Eu fiquei com raiva e queria bater nele, só que, tinha uma mulher ao lado e falou que deixasse ele, pois ele era assim mesmo. (...) outra vez estávamos a beber na Abolição e de repente um homem começou a dizer que nós somos miseráveis, que não podemos beber porque não temos dinheiros, somos pobres. (...) o meu amigo não gostou e começou a discutir com ele e de repente apareceu a polícia e separou a confusão.

No que diz respeito ao preconceito sofrido pelos estudantes africanos, Carlos Subuhana (2005) discute a maneira como os estudantes moçambicanos começam a entender que, no Brasil, o negro pertence a uma classe social baixa e é discriminado pela “tonalidade de pele”. A prática de racismo sofrida pelo entrevistado revela que o Brasil tem, ainda, um tipo de negação de seu pertencimento social.

- Perspectiva de futuro – “Eu vou voltar”

Ansioso com a formação que está mais próxima, Boris já pensa como será a sua vida, após a conclusão do seu curso na Unilab.

Eu vou voltar(...) Assim que eu acabar o meu curso aqui (Unilab), vou retornar para o meu país, quero trabalhar lá por 2(dois) anos, quero ganhar experiência e depois vou fazer mestrado. Não quero fazer mestrado logo.

A decisão do estudante se deu pelo fato do país necessitar de profissionais formados na área e ao mesmo tempo de cumprir o que ele prometeu aos seus pais, retornar para o seu país e dar a sua contribuição. “Quando fui aprovado para o teste da Unilab, prometi a minha família que quando eu terminasse o curso, eu iria retornar e dar a minha contribuição e é isso que vou fazer”, finaliza.

- A UNILAB daqui a 5 anos: perspectiva de Boris sobre o Projeto da Unilab

A Unilab cresceu muito, antes nós não tínhamos tanta liberdade de expressão como temos agora. Em termo institucional, muita coisa

mudou, aumentou a quantidade de Campus, cursos e cooperações. Referente ao projeto, quando cheguei na Unilab a direção nos apresentou algumas metas que deveriam ser cumpridas, por exemplo, o Campus das Auroras tinha previsão de 2 anos para ser inaugurado, só que até agora não acabou. Referente aos professores, antes tinha pouco professores mais hoje são vários, cada mês chega professores novos na Unilab inclusive no meu curso. O que poderia ser mudado era a parte financeira, ajudar mais aos estudantes. Na minha entrada nós recebíamos R\$360,00, mas hoje esse valor subiu conforme a necessidade dos estudantes. (...) Agradeço a Unilab pela oportunidade, sou muito grato e fico feliz por fazer parte do primeiro grupo de estudantes africanos da Unilab. Minha família ama a Unilab, o meu país ama a Unilab. (Boris).

CARIMATO CARI²³

“Você é muçulmana né, são vocês que comem carne crua?”

Estudante do último trimestre do curso de Administração Pública da Unilab, Carimato chorou muito ao chegar no estado do Ceará, sentindo saudade dos familiares e dos amigos “Chorei muito, assim que cheguei em Redenção veio logo à minha cabeça que nunca mais eu ia ver a minha mãe”. A saudade só cresceu quando Carimato começou a pensar na sua mãe “ela estava doente quando vim pra cá, eu chorei muito pensando nela”.

Os primeiros dias em Redenção possibilitou a entrevistada um momento de viver sem a presença dos familiares. Sendo consolado pelos amigos da mesma entrada, a estudante começou a sentir dificuldades para se adaptar com a cultura local.

O clima daqui é muito diferente né (...) Lá no meu país temos três épocas, frio, chuva e quente mas aqui só tem sol, sol (...) Na comida, eu fiquei pensando, eu vou emagrecer muito, eu não estava acostumada com a comida da Unilab e ainda por cima eu vi aquela farofa, meu deus!

O clima do Ceará é predominantemente semiárido, a temperatura média é alta, com pequena amplitude anual de aproximadamente 5 °C²⁴, girando entre meados de 20 °C no topo das serras a até 28 °C nos sertões mais quentes. No interior, a amplitude térmica diária pode ser relativamente grande devido à menor umidade.

Dentro da universidade, a entrevistada nos relata como se deu o processo de integração com os estudantes brasileiros.

²³ Carimato, estudante guineense, do curso de Administração Pública da Unilab. Ingressou no curso em 2012 e durante a pesquisa, a estudante se encontrava no último ano do curso.

²⁴ Clima do estado do Ceará, diário do nordeste, edição 2015. Consultado em 05 de Abril de 2016.

(...) nos meus primeiros dias na universidade, muitos brasileiros se aproximaram da gente (...) eles queriam saber porque tínhamos aquele tipo de cabelo, porque saímos do nosso país para estudar na Unilab, era muita pergunta (...) as vezes eu ficava com muita raiva para responder, pois parecíamos que estávamos sendo entrevistados. Eles queriam saber as novidades (...) só que depois eles não queriam falar mais com a gente, parecia que nós não existia lá.

Na divisão de grupos de trabalhos, os estudantes africanos sempre eram “excluídos” dos grupos por parte dos brasileiros

Dentro da sala de aula, um dos fatores que mais dificultou as pessoas foi a integração entre os estudantes dentro da sala. (...) quando íamos dividir grupo para apresentar trabalhos, sempre os 7 africanos ficava sem grupo. (...) Os brasileiros falavam que nós não sabia de nada, eu escutava isso na sala.

Por outro lado, existiam professores que incentivava a integração

Tinha muitos professores da minha turma que fazia no máximo para incluir os africanos no meio dos brasileiros. Por exemplo, na nossa sala tinha 7 africanos (...) a minha professora falava que era obrigatório em cada grupo ter um ou dois africanos, se não tivesse, aquele grupo não existia.

Os dias foram se passando e a estudante começou a sentir um grande respeito por parte dos seus vizinhos. “Os meus vizinhos são pessoas maravilhosas (...) eu gosto muito deles, eles me respeitam (...) tinha uma vizinha que me dava comida todos os dias”, finaliza. Reconhecer os bons momentos ajudou a estudante a superar os momentos difíceis que se passou na cidade de Redenção. “Tenho pessoas como mãe, como irmãs, aqui sou tratada como se eu fosse da família (...) isso não vou esquecer nunca, foram momentos inesquecíveis”.

- Um caso de preconceito

(...) Um dia eu estava em um supermercado e uma mulher me perguntou se eu era muçulmana, eu falei que sim, aí ela me disse: Ah, são vocês que comem carne crua né (...) Eu falei: eu não sei, eu como a carne que você come. Ela continuou insistindo, perguntando se é bom comer carne crua, eu disse que nunca comi (...) ela entendeu e foi embora. Isso me ofendeu bastante, porque o preconceito começou por ali, com a

minha religião. Outro caso de preconceito era quando eu chegava perto das brasileiras, todas elas ficavam prestando atenção no que você fala (...) elas ficam atenta e quando você errava elas riam de você. Elas diziam logo, ela é africana, ela acabou de chegar, não sabe de nada.

Diante dos inúmeros casos de preconceitos sofrido no seu dia-a-dia, Carimato pensou em desistir, porém, ao mesmo tempo, ela percebeu que existiam pessoas que gostavam dela, os vizinhos, amigos e isso foi fundamental na sua superação. “Tem pessoas que me trata como filha, isso é muito bom pra mim (...) uma coisa compensa a outra, sofri preconceito mais ao mesmo tempo teve pessoas que me ajudaram na superação”

- Perspectiva de futuro – “Eu não quero retornar agora”

Faltando pouco para sua formação, Carimato ainda não fez planos sobre o seu retorno para o seu país de origem. “Eu ainda não fiz planos de retorno, não quero retornar agora, quero ir passar férias após a minha formação e depois voltar”. O motivo foi o nascimento do seu filho Adulai. “O meu filho nasceu e estou vendo com o meu marido (guineense), a possibilidade de ficarmos aqui ou lá (Guiné-Bissau).” Percebe-se que, o nascimento do filho alterou- e muito, os planos da entrevistada. Assumindo duas funções, estudante e mãe, o retorno acabou se tornando incerto.

Se eu tiver condições, eu quero fazer mestrado, se eu não tiver condições, eu quero ir lá no meu país, visitar a minha família, visitar os amigos, ver como é que tá e depois eu volto para continuar minha vida aqui, é isso que eu quero, finaliza.

SANHÁ JOAO CORREIA²⁵

“Os africanos não usam perfumes, eles não tem bom cheiro”

Dando continuidade aos relatos do primeiro grupo de estudantes Guineenses da Unilab, Sanha, estudante do curso de Agronomia, chegou na cidade de Redenção ansioso em conhecer à sua nova “casa”, porém, ao decorrer do tempo, as dificuldades de estudar no exterior são sentidas fortemente.

²⁵ Sanhá, estudante guineense, do curso de Agronomia da Unilab. Ingressou no curso em 2012 3 durante a pesquisa, o estudante se encontrava no último ano de curso.

Eu gostei muito do meu primeiro dia na Unilab, foi muito bom, eles (direção da universidade), nos receberam muito bem. Porém, quando fomos enviados para morar em uma casa, meu Deus! Eu fiquei muito triste (...) Aquela casa não estava em condição, o próprio dormitório não estava em condição, entendeu? As camas tinha uma única coberta, se você sujasse você não tinha outra. No banheiro, meu Deus, quando você fazia necessidade, não tinha agua para tirar aquilo lá dentro. Isso foi muito difícil, para dormir era pior ainda, tinha muito mosquitos e não existia mosquiteiro (...), quando se passou uma semana depois, o meu corpo ficou cheio de caroços, quando olhei para minha pele estava tudo vermelho e olhei para os meus amigos e eles estavam com o mesmo problema, tudo vermelho e inchado.

Sentindo dificuldade com a moradia, o entrevistado não buscou ajuda por parte da direção da universidade, o motivo se deu pelo fato de que, ao chegar em uma cidade desconhecida, o mesmo não sabia a quem recorrer. “Quando você começa à chegar, você não sabe pra onde ir, em quem confiar, onde você pode levar essas informações, se eu fosse contar para um vizinho brasileiro, ela ia dizer que os africanos são doentes”, finaliza.

Usando medicamentos que foram autorizados pelo médico, Sanhá continuou sentindo dificuldades em se adaptar em Redenção-Ce. Saindo de um ambiente diferente, com um clima e culinária diferente, tentar se acostumar com a comida cearense tornou-se um grande tabu para o entrevistado. “O que é farofa em Guiné-Bissau? nunca comi farofa, os alfaces e tomates que comemos no restaurante universitário não tem gosto de natural, no meu país tudo isso é natural”. Referente ao clima, “o clima é diferente, aqui parece que só existe um clima, lá no meu país temos tempo de frio, tempo de chuva e sol”, finaliza.

Referente ao ambiente escolar, Sanhá e os seus amigos africanos nunca eram chamados para participarem de grupos de pesquisas e seminários com brasileiros. Sentindo à dificuldade de se integrar dentro da sala de aula, o entrevistado decidiu realizar os trabalhos da universidade sozinho.

No meu primeiro mês de aula, era tudo dividido. No lado direito sentava só os brasileiros, aí tinha 3 cadeiras no centro e no lado esquerdo sentava os africanos. Ninguém se aproximava com ninguém, parecia que nós não estava lá. (...) Quando era pra dividir os grupos para os seminários, nós [africanos] ficávamos por último, então acabava criando um grupo só pra nós. (...) No ônibus [da universidade], tinha brasileiros que preferia ficar de pé do que sentar ao seu lado, tinha espaço lá mais eles não sentava perto de nós. Porque que isso ocorria? É porque somos africanos? Porque somos pretos? Porque que eles não sentavam perto de nós?

Inconformado com a situação, Sanhá aproveitou um momento no ônibus *inter-campi* e questionou o seu colega brasileiro. Porque que você prefere ficar de pé do que sentar perto dos africanos? A resposta para Sanhá foi inacreditável. “Vocês africanos não usam perfumes, vocês não tem bom cheiro”. Essa resposta para o entrevistado foi muito triste. “Quando ele falou aquilo tudo caiu, eu fiquei muito triste, quando cheguei em casa chorei muito, isso doeu”. Questionado se o ato ocorrido reflete uma cena de preconceito, Sanhá não foi muito distante e falou: “É um tipo de preconceito horrível, nojento, nunca imaginei que vocês[brasileiros] iam perguntar isso para mim, nunca imaginei”.

Passaram-se quase 3 anos e o entrevistado percebeu que esse problema sempre é relatado pelos seus colegas africanos, porém, o mesmo não vai mudar a marca de perfume só pelo fato de ter estudantes que não gostam do seu cheiro. “Eu não vou trocar de perfume porque acham que não cheira bem, não mudo por nada nesse mundo, se estiverem incomodados, que comprem um perfume que eles acham bom pra mim”, finaliza.

- Perspectiva de futuro – “Eu não quero voltar agora”.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, resta apenas 1 [um] ano para a formatura do futuro agrônomo de Guiné-Bissau. Ciente que o mercado necessita de pessoas especializadas, Sanhá não pretende retornar para o seu país após a formação na Unilab.

Eu sempre pretendo estudar mais, eu não quero graduar e voltar, eu quero pelo menos fazer uma especialização ou fazer mestrado. Se tudo der certo, eu prefiro seguir a carreira, fazendo mestrado ou até mesmo doutorado. (...), eu não quero voltar agora, a minha família sempre me diz para eu continuar aqui, estudar e estudar (...), o país [Guiné-Bissau] não está direito, ainda não é tempo de voltar.

A decisão de não retornar já estava nos planos do entrevistado desde o momento da aprovação no processo seletivo de estudantes estrangeiros- PSEE, no seu país de origem. Aconselhado pela família em continuar ganhando experiência, Sanhá irá dar continuidade aos estudos no Brasil. “Eu vou continuar os meus estudos aqui [Brasil].” Porém, o mercado de trabalho será em Guiné-Bissau, “Eu vou trabalhar em Guiné, essa é a minha meta, eu tenho que dar à minha contribuição para a minha terra”, finaliza.

ADJIRATU TURE²⁶

“Vocês vieram de barco, de cavalo?”

Primeira vez distante da família por um tempo indeterminado, Adiratu, estudante do curso de Administração Pública, não acreditava no que estava vendo assim que chegou na cidade de Redenção-CE. Confiante que seria bem recebida pela universidade, os primeiros dias na cidade acabaram demonstrando o contrário.

Falando sério foi muito difícil (risos). Não foi do jeito que eu esperava, primeiramente a questão da casa onde a universidade nos levou, a casa não estava boa. (...) confesso que chorava muito, eu chorei muito, chorei muito, a primeira semana foi muito difícil.

Com saudade da família e dos amigos, a entrevistada teve que superar, além da saudade, os atos discriminatórios sofridos ao decorrer da sua adaptação na UNILAB. “Tinha algumas pessoas que faziam preconceito comigo (...) mais isso depende de cada um, eu não fica bem quando alguém me perguntava aquelas perguntas bestas”, que no caso seria, “Vocês vieram de barco, de cavalo? se referindo ao qual meio de transporte os estudantes africanos utilizaram para chegar ao Brasil. As perguntas, segundo Adjiratu, é normal, pois a população local não conhecia a história da África. “Eu não gostava das perguntas mas sabia que eles não perguntavam para me discriminar (...) isso pra eles [população local] é algo normal, eles não sabia de nada sobre o meu país”.

Questionada se a mesma sofreu preconceito dentro da universidade, Adjiratu reforça o papel de vítima que muitos estudantes africanos-Guineenses tem assumido quando é alvo de algum ato discriminatório. “Eu sofri preconceito mais não me faço de vítima, eu não levo esse negócio de preconceito a sério, se você se faz de vítima, você fica mais doente.” Determinada e persistente, a entrevistada sempre segue de cabeça erguida, “Eu não gosto de baixar a cabeça em qualquer lugar”.

As dificuldades enfrentadas- a questão da moradia, da alimentação, clima, atos discriminatórios, é visto como algo “normal” para a entrevistada.

Você se acostuma com tudo né, tudo isso é normal. Eu chorava muito mais agora não choro mais porque tudo isso é normal, em quaisquer da forma, mesmo se fosse nos Estados Unidos, Canadá, seria a mesma coisa. Vai ter aquela mesma dificuldade, eu ia chorar, não ia ser diferente, em todo canto do mundo tem dificuldade mesmo.

²⁶ Adiratu, estudante guineense, do curso de Administração Pública da Unilab. Ingressou no curso em 2012 e durante a pesquisa, a estudante se encontrava no último ano do curso.

Ainda é cedo para voltar, assim respondeu Adjirtu questionada sobre o seu regresso para o país de origem.

Futuramente eu penso em continuar, penso em fazer o meu mestrado, doutorado, isso se eu tiver uma chance. Vou tentar, vou correr atrás mas se não tiver como mesmo, eu vou voltar para Guiné. Eu não quero ir para outro lugar não, o meu objetivo é ficar aqui estudando ou voltar para o meu país.

Sobre o mercado de trabalho, a entrevistada ainda não se decidiu sobre o local que irá exercer sua atividade profissional. “Tanto faz, no Brasil ou na Guiné-Bissau, eu só quero um emprego bom, que vai me ajudar e ajudar minha família, não importa o lugar, tanto aqui como lá, tanto faz”, finaliza.

- A UNILAB para Adjiratu

Eu não tenho nada a reclamar, apesar que muitos reclamam, isso é muito comum. No meu caso eu não tenho nada a reclamar, a única coisa que tenho a dizer é muito obrigado mesmo. Aqui na UNILAB você não paga nada, você não precisa pagar o professor para te ensinar, que está te dando conhecimento para a vida toda. Eu sou e sempre serei grata a UNILAB, aos professores, aos brasileiros que me acolheram aqui, que nos deram colo, pois é, eu sempre serei grata.

MARCEANO TOMÁS UREM²⁷

“Lá na vossa terra, vocês dormem com macacos, leões?”

Estudante do 9º trimestre de Letras-língua portuguesa da UNILAB, Marceano chegou em Redenção ansioso em conhecer a universidade e a população local. Os primeiros dias para o entrevistado foi muito cansativo, pois eles tinham que se deslocar todos os dias da universidade para o local que os estudantes africanos estavam hospedados. “Os primeiros dias foi muito cansativo, nós ficamos hospedados em uma pousada longe de Redenção, era na serra e tinha uma distância de 2 horas para chegar lá”. Todos os dias eles tinham que acordar cedo para se deslocar até a universidade. “Nós

²⁷ Marceano, estudante guineense, do curso de Letras-Língua Portuguesa da Unilab. Ingressou no curso em 2013 e durante a pesquisa, o estudante ainda estava com o curso em andamento.

acordava 05:00 horas da manhã para pegar o ônibus e ir para a universidade, era muito cansativo”.

Após a chegada do estudante na UNILAB, Marceano ficou em torno de 2 (dois) meses sem comunicação com a família

Quando cheguei, pensei que eu ia falar com a minha família logo, mais não, não consegui falar com minha família, eu queria dizer pra eles que eu cheguei bem mais não deu (...), nós não tinha aquela facilidade que tem hoje de comprar saldo para ligar, isso não existia na nossa entrada, era muito difícil você ligar (...) era caro e os minutos não serviam para nada.

Após a estadia na pousada, Marceano começou a procurar um local para morar, pois, de acordo com o edital lançado na época, os estudantes tinham até 30 dias, após a estadia na pousada para alugar algum imóvel para morar. A dificuldade de alugar um imóvel foi, para Marceano, um momento muito difícil na sua adaptação na cidade.

Quando saímos da pousada, eu e o meu colega começamos a procurar casas para morar, era muito difícil. Às vezes eu sabia que tinha uma casa vazia, mas o dono da casa não queria alugar, ele falava que já estava alugada, mas não estava, não era verdade. Outra vez fui com meu amigo em uma rua e a senhora nos falou que ela não aluga casa para africano, pois eles são estranhos (...) consegui alugar uma casa de um quarto e não estava em boas condições, mas só tinha àquela e aceitamos.

Ansioso para o início das aulas, Marceano juntamente com os seus colegas foram surpreendidos com uma greve de professores que durou em torno de 3 meses.

Eu estava muito ansioso para conhecer a universidade e o meu curso, porém fomos informados que os professores fizeram uma greve para melhorias, meu Deus! Nós ficamos 3 meses sem fazer aula, não tínhamos aulas, você não conhecia ninguém e não tinha nenhuma atividade para integrar os estudantes, não tinha nada, foi muito triste.

Depois da greve, as primeiras semanas de aulas foram muito difíceis para o entrevistado e uma das dificuldades foi língua portuguesa.

Apesar de falarmos a mesma “língua”, mas são línguas diferentes, são culturas diferentes. Eu entendia mas não toda coisa que se fala aqui em Redenção. Eu entendia mas nem todas palavras, quando eles (os professores) usam palavras tipicamente daqui (estado do Ceará), eu não entendia nada (...), os meus colegas brasileiros me diziam que eu falava muito rápido, que eu não sabia falar direito.

Com o entendimento limitado, o entrevistado começou a ser questionado com algumas perguntas que, para ele, é algo normal ou melhor, para alguns isso é normal. “Ei africano, lá na vossa terra vocês dormem com macacos, leões? vocês vieram nadando? “Às vezes você se sente discriminado com aquilo mais depois você vê que não é bem assim, eles não sabem, eles não conhecem a nossa cultura, o nosso país, eles não estudam sobre a África” finaliza.

Depois das dificuldades relatadas, Marceano não pretende retornar para o seu país de origem após a conclusão do curso. Ciente que o país necessita de profissionais qualificados, o entrevistado tem como meta cursar um mestrado no Brasil.

Antes de vim pra cá, o proposito, o objetivo é estudar e depois voltar para o seu país para pegar o seu diploma, eu quero considerar esse propósito, mas se aparecer oportunidade de prosseguir nos estudos, eu não vou deixar essa oportunidade vá embora, eu quero aproveitar tudo aquilo que aparecer, tudo de bom que aparecer eu quero aproveitar (...), o meu sonho é fazer um mestrado, doutorado.

- A UNILAB para Marceano

A Unilab é uma grande universidade, apesar de ser uma universidade nova, a Unilab é uma grande universidade, ela consegue fazer as pessoas refletirem sobre aquilo que é importante para todos, essa dimensão da grandiosidade da cultura eu louvo muito e tenho muito que agradecer e não tenho nada a dizer a não ser agradecer pela formação que estou recebendo, isso pra mim é muito valioso.

2.6 - Vínculos com África: Comemorações festivas e celebrações especiais

Residentes em um local “diferente” da terra natal, os estudantes bissau-guineenses da UNILAB procuram recriar traços simbólicos pertencentes ao seu país de origem. Vivendo e convivendo diariamente com costumes diferenciados, esses estudantes buscam se adaptar na cidade através de redes de relações. Na Universidade, esses estudantes organizam e participam de encontros relacionados ao continente africano, festas e outras atividades sociais e culturais visando divulgar à imagem do país e do continente, que na maioria das vezes é visto como um lugar estranho e exótico. Segundo Carneiro da Cunha (2009, p.238 *apud* Okawati, 2015, p.77), “a escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal dependente dos outros grupos em presença e da sociedade em que se acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem se opor, por definição, a outros do mesmo tipo”.

Nessa concepção, os estudantes bissau-guineenses organizam uma série de eventos culturais, procurando demonstrar para o público presente, um pouco da cultura e dos costumes praticados por eles e seus familiares no país de origem. A comemoração da independência de Guiné-Bissau é um exemplo disso. Subuhana (2005, p.15) “As festas organizadas anualmente para a comemoração das independências de seus países de origem, para além de serem momentos de descontração, servem também para reunir essa população. Nelas, o estar perante os compatriotas e amigos não deixa de ser uma forma de superar a saudade”.

Na UNILAB, as atividades alusivas à comemoração da independência de Guiné-Bissau são organizadas através associação dos estudantes guineenses na UNILAB - AEGU, onde é formada uma comissão que fica responsável pelos preparativos das atividades.

Fotos: Site de UNILAB

FIGURA 12: Cartazes de divulgação da Independência de Guiné-Bissau

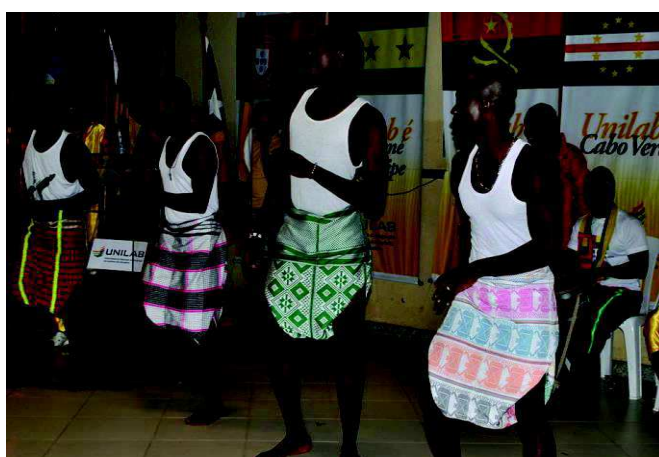
INDEPENDÊNCIA DE GUINÉ-BISSAU

42º Independência da Guiné-Bissau
COMISSÃO ORGANIZADORA DAS ATIVIDADES COMEMORATIVAS DE 24 DE SETEMBRO DE 2015
Programa de atividades

Localização	Atividade	Local
18h00	Abertura da jornada de trabalho intercurso masculino	Estádio municipal de Acajepe
19h00	Jogos entre Universitários Guineenses e Acadêmicos alusivos à abertura do trabalho desportivo feminino de integração	Quilômetro de Acajepe, no lado do estádio municipal
19h30	Oficina de colagem de papel	Auditorio Diócesano
20h00	Início de sessão de Dança	Praça de Rendição
20h30	Jogo amigável entre estudantes guineenses de futebol com os de Portugal (seniores e juniores)	Estádio municipal de Acajepe e Quilômetro de Rendição
21h00	Palavra - Saúde Materna Infantil na Guiné-Bissau (Educativo)	Auditorio Diócesano
21h30	Exibição da locução radiada e divulgação da história de música	Auditorio Diócesano
22h00	Diálogos Urbanos (literária e cultural) e Espetáculos folclóricos	Auditorio Diócesano
22h30	Palavra - África e a luta pela independência na Guiné-Bissau (BOL) e O papel da UNILAB na Guiné-Bissau desde a sua criação, com o apoio de estudantes de nível superior no processo de desenvolvimento de Guiné-Bissau (CESTAG)	Auditorio Diócesano
23h00	Mesa Redonda	Acajepe - Rendição
23h30	Palavra - Papel social emergente na Guiné-Bissau (Educativo e Sistema administrativo do Estado (Administração Pública)	Auditorio Diócesano
00h00	Palavra - O papel da UNILAB na luta social e construção de Estado Nacional (Professora Antónia Orlina Ganda Monteiro)	Auditorio Diócesano
00h30	Comemoração da Independência	No espaço da comunidade (antifráneo)
01h00	Festa da Independência	Espaço Arte show: Auditorio Diócesano

Informação: 85 997769751 | 85 998582838

UNILAB
 Centro Universitário de Integração, Desenvolvimento
 do Litoral Alentejano - Alentejo

FIGURA 13: Apresentação de danças de Guiné-Bissau**Fotos: Site de UNILAB**

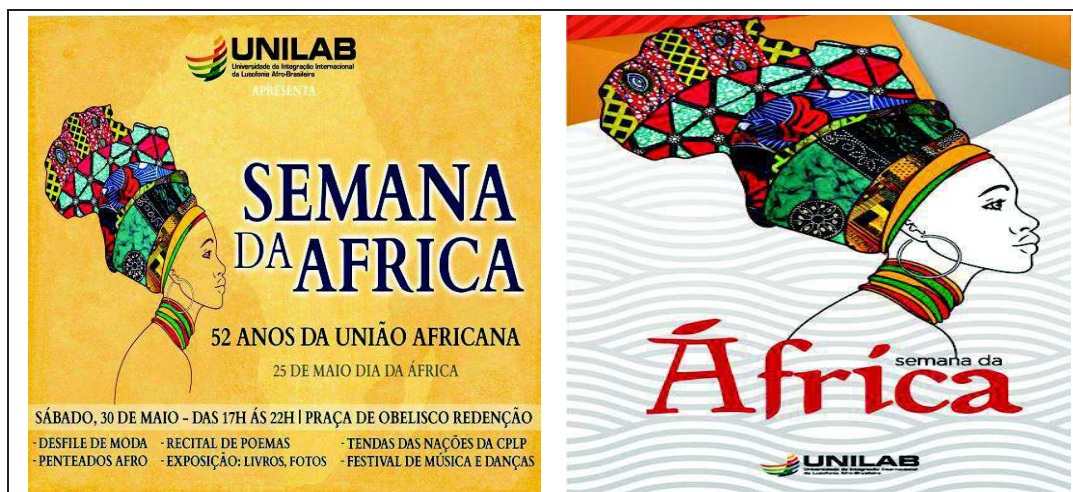
As comemorações alusivas à independência do país é apresentada ao decorrer da semana que antecede o dia 24 de setembro. Geralmente são realizados seminários para tratar de temáticas relacionadas ao país, discutindo as questões econômicas, educacionais, políticas e sociais. Paralelo a isso, é realizada apresentações culturais, com a participação dos artistas guineenses da Unilab, desfiles de trajes africanos e danças culturais. Para Langa (2014, p.109) “As confraternizações representam momentos de rever amigos e conhecidos, matar saudades da terra de origem através de músicas, danças e comidas”.

Além das participações nas comemorações da independência do país, os estudantes Guineenses participam de atividades relacionadas ao Dia da África²⁸. Nesse

²⁸ A data foi instituída pela “Organização da Unidade Africana” (OUA) em 1963, na cidade de Addis-Abeba, capital da Etiópia, país situado a nordeste do continente. O objetivo é comemorar o Dia da Libertação da África. Naquele 25 de Maio, reuniram-se em Addis-Abeba líderes de 32 países africanos, que assinaram a carta que declara a Libertação da África contra a subordinação imposta pelos europeus. A Partilha ou divisão da África entre os europeus foi definida pela Conferência de Berlim, entre 1884 e 1885, e significou a apropriação pelos europeus das riquezas humanas e naturais do continente. A

evento, sempre organizado por representantes dos países que fazem parte da Unilab [Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste], geralmente é realizado palestras, rodas de conversas, seminários, apresentações de trabalhos acadêmicos relacionados ao continente africano e apresentações culturais. Este último citado conta com a participação de várias nacionalidades.

FIGURA 14: Cartaz de Divulgação Semana da África



Fotos: Assecom- Unilab

FIGURA 15: Estudantes da Unilab em preparativo para o desfile da Semana da África



Organização das Nações Unidas (ONU) vendo a importância daquele encontro de 1963, instituiu em 1972 o 25 de Maio Dia da Libertação da África. <http://www.ugt.org.br/index.php/post/9979-25-de-Maio-e-o-Dia-da-Africa>. Acesso em: 21/04/2016.

Foto: Paulino Lopes



Fotos: Comissão organizadora da Semana da África

Os encontros e as atividades realizadas buscam incentivar a integração no ambiente escolar. Procurando “desmitificar” os estereótipos [de pobreza, miséria e fome] que a mídia brasileira passou e passa sobre o continente africano, esses estudantes buscam, através de atividades culturais, mostrar a cultura e a identidade dos jovens africanos e africanos da Unilab. Não obstante, os estudantes bissau-guineenses também realizam e participam dessas atividades procurando repassar um pouco da cultura guineense para a comunidade local.

Neste espaço de atividades acadêmicas, os estudantes bissau-guineenses participam de projetos e ações específicas voltadas para a valorização da identidade do seu país e do seu continente. O grupo de Rap A.SE. FRONT (África sem fronteiras) é um exemplo disso. Formado por estudantes oriundos de países da CPLP, o grupo surge em janeiro, de 2014, durante o Ação movimenta, evento sob coordenação da pró-reitoria de extensão, arte e cultura que acontece dentro e fora da Unilab reunindo artistas da universidade e entorno. A trajetória do grupo A.SE.FRONT, um projeto educativo, é

marcada por um trabalho educativo que busca materializar o conceito de integração impresso nas composições autorais, individuais ou coletivas, que giram em torno de temáticas do cotidiano da sociedade na qual estamos inseridos.

FIGURA 17: Grupo de Rap A.SE FRONT



Foto: Grupo A.SE FRONT

Após o lançamento do primeiro CD, o grupo de Rap começa a ser reconhecido pelo mundo artístico e musical. Atualmente, o grupo realiza apresentações nos eventos da universidade e na comunidade externa. O trabalho musical do A.SE.Front ajuda a reforçar os elos ancestrais e contemporâneos entre o Brasil e os países africanos. A força da palavra, expressa nas letras que falam das vivências dessa nova geração, convida a pensar sobre os dilemas da sociedade atual. Daí a importância desse trabalho que tem proporcionado uma maior aproximação entre a Unilab e a sociedade.

2.7- As festas “africanas” e a representatividade de cultura

Geralmente atrelada aos eventos da Semana da África e Comemoração das Independências dos países africanos e o Timor-Leste do continente asiático, sempre é organizado uma festa “oficial” para o encerramento das atividades realizadas ao decorrer de todo o mês de Maio e no mês do país aniversariante. A comunidade Bissau-Guineense da UNILAB, costuma realizar festas fora das dependências da UNILAB, nas cidades de Redenção e Acarape, bem como no distrito de Antônio-Diogo, ambas com distância não superior a 6 km da cidade sede, Redenção. Geralmente, como afirma Langa (2014, p.109), “tais festas são acompanhadas de muito álcool-cerveja, bebidas secas, cachaças, whiskies de marcas pouco conhecidas ou até duvidosas e refrigerantes”.

Para participarem do evento, uma comissão fica responsável pela venda dos ingressos que varia de R\$ 30,00 a R\$ 35,00 reais. O valor pago dá direito a comer e beber de “graça”. Como atrativo, durante os eventos, é servida aos convidados alguns pratos típicos de Guiné-Bissau como caldo de mancarra e caldo de Tcheben, acompanhados de arroz branco, arroz refogado e galinha frita e alguns salgadinhos brasileiros. Para Okawati, “o que importa é criar um espaço de certa forma supra a ausência e a saudade, por meio de pratos, músicas, danças, etc, mas também traga para o meio dessa experiência, possibilidade aos brasileiros(as) de experimentar um pouco de África, de conhecer mais sobre esse continente”. (2015, p.88).

FIGURA 18: Cartaz de divulgação da festa de Guiné-Bissau



Foto: Comissão organizadora da festa

Referente aos ritmos musicais, a festa Guineense é rica em estilos musicais, contando com a presença de ritmos diferenciados como quizomba, passadas, gumbê, kuduro, funana, e, até mesmo músicas brasileiras como sertanejo, forró e funk, sem deixar de lado também, músicas americanas e europeias. O zouk, estilo de origem nas Antilhas Francesas é dançado com bastante intimidade por duas pessoas de sexo diferente [tradicionalmente], no qual as mãos são colocadas na cintura. Além das músicas, o vestuário é uma peça fundamental nas festas. Geralmente, os homens guineenses vestem roupas ocidentais, ternos, gravatas, chapéus clássicos, se espelhando nos rappers norte-americanos, outros preferem estilos voltados ao continente africano, como por exemplo, roupas de panos africanos. Já a maioria das moças africanas preferem um estilo mais ousado, shorts e saias curtas, vestidos decotados acompanhados de salto alto e outras peças como colares e bem maquiadas.

Partindo para uma linha teórica, Trindade discute como ocorre essas festas de migrantes, qual o significado atribuído ao simbolismo, a originalidade e a relevância que essas festas tem para com a população local. Segundo a autora, as festas é uma manifestação social. “A festa, como manifestação social em que os valores espirituais se sobrepõem a qualquer outra razão de ordem material, é aqui tomada como grelha de interpretação de processos interativos entre residentes e emigrantes (2013, p.163).

O processo de imigração é inevitavelmente um ato de distanciamento provisório ou definitivo que o indivíduo faz quando deixa o seu lugar de origem e chega a um espaço novo. Este distanciamento que se refere não é apenas geográfico ou territorial, mas nela está um afastamento cultural, emocional e étnico o que proporciona um desconforto emocional de quem imigra, e, portanto este sujeito busca solucionar essa lacuna emocional, recria o seu espaço de origem no espaço de chegada através das manifestações culturais que lhe são originárias, festas, feriados, cultos religiosos, vestuários, alimentação e muitas outras formas de manifestações, que fora do território de origem permite que o imigrante alimente o sentimento de pertencimento cultural eterno do seu espaço de origem.

As atividades realizadas pela comunidade guineense da UNILAB são partes de um momento de reforçar os laços entre os elementos da comunidade presente e os da comunidade ausente, porém, no tocante da originalidade ou não dessas manifestações

culturais reproduzidas pelos guineenses nos territórios de chegada, parece questionável este fato, dado ao novo ambiente vivido e que, portanto não favorece que estas manifestações sejam reproduzidas de forma similar a quando da sua manifestação no território de origem. Isso ocorre pela falta de materiais semelhantes, ingredientes, espaço e outros elementos que dificultam a confecção de trajes originais e os alimentos das principais refeições, usadas em certos tipos de manifestação: “Numa primeira aproximação, poderá dizer-se que a riqueza e diversidade do conteúdo simbólico variam na razão do distancimento que o emigrante tem do seu espaço de origem” (TRINDADE, 2013, p.164).

Porém, isso não impossibilita que estas manifestações sejam efetuadas de forma adaptada e miscigenada com outros elementos encontrados no território de chegada e que intencionalmente acaba por criar uma nova manifestação cultural que resulta da mistura entre os elementos orginário do espaço de chegada e do espaço de origem. Por outro lado, em vários momentos estas manifestações levada a cabo por emigrantes nos espaço de chegada apresentam um caráter meramente recreativo e lucrativo, atribuindo-lhe um novo simbolismo com o objetivo da torná-lo o mais atrativo possível.

FIGURA 19: Cartazes de divulgação das festas “africanas”

The figure displays two promotional posters for African-themed events. The left poster, titled "Tarde Lusófona", is for an event at the "PISCINA DE ABOLIÇÃO" on August 11th from 11h to 15h. It lists activities like "Música", "CONCURSOS", "Bebidas", "Petiscos", and "Comidas". The right poster, titled "ACARAPE APRESENTA: NOITE AFRO Brasileira", is for an event on May 16th (Saturday) at CeNtRaL club, with an entry fee of R\$ 10.00. It features a silhouette of a dancer and a map of Africa. Contact information and location details are provided at the bottom of both posters.

LOCAL: Complexo Abolição | **CONTATO:** (85) 9626 8543 | (85) 9741 7914 | (85) 9817 2116
 Redenção-CENTRO-CE | ALUISIO | SHAKIL | LUNDA

Fotos: Comissão organizadora das atividades

Estas manifestações culturais alteradas encontram na “ingenuidade”, ou desconhecimento, das populações no território de chegada, que para autora, “não tem o conhecimento em plenitude das originalidades das manifestações culturais trazidas pelos emigrantes” (p.166), e por estas razões constantemente os emigrantes promovem festas de forma desproporcional sem nenhum simbolismo ou relevância cultural que a mesma supostamente carrega. Estes fatos descredibilizam em muito as diversas manifestações trazidas pelos estudantes africanos, visto que a sua originalidade e simbolismo é “vendida” por interesses lucrativos.

2.8- Torneio intercursos ou competições esportivas?

Ainda sobre a temática dos vínculos de adaptação dos estudantes bissau-guineenses na UNILAB, o futebol é uma das modalidades esportivas mais praticada por grande parte desses estudantes.

Desde seus países de origem, eles [Guineenses] já acompanham campeonatos internacionais, as grandes ligas europeias, e particularmente por estarem no Brasil, em ano de Copa do Mundo que ocorreu aqui, foi possível vivenciar intensamente os ânimos da torcida” (OKAWATI, 2015, p.90).

De uma forma mais geral, a Universidade organiza, juntamente com a Prefeitura de Redenção, torneios esportivos onde engloba todos os países [exceto Portugal] visando “integrar” esses estudantes de diferentes nacionalidades. O Torneio Esportivo Independência, é um torneio de futsal geralmente promovido anualmente. O torneio sempre faz parte das comemorações da independência dos países africanos e as equipes são formadas com jogadores de diferentes nacionalidades visando incentivar a integração. No entanto, Braima, estudante guineense, relata que a presença de jogadores cabo-verdianos na equipe de Guiné-Bissau incomoda muito.

Eu não gosto quando minha equipe [Guiné-Bissau] jogue junto com eles [cabo-verdianos], eles são muitos competitivos, eles não passam a bola, querem mostrar talento e as vezes acabamos perdendo o jogo pois eles não passam a bola, isso é chato, muito chato.

De acordo com o relato, percebe-se que a competição é levada a sério dentro do campo. O que era apenas uma atividade para comemorar a independência de um país

africano, acaba se tornando um espaço decisivo de competição, onde cada equipe procura demonstrar o talento que possui. Vale ressaltar que, a/s rivalidade/s esportivas se dão de forma diversa, muita das vezes entre estudantes de um mesmo país ou estudantes de países diferentes. O público conta com a presença de amigos, colegas, namorados/as de jogadores/as, neste ambiente, torcem, criticam, fazem comentários, observações e vibram com os gols, ilustrando a rivalidade presente no esporte.

FIGURA 20: II Torneio Esportivo Independência

Equipes mistas



Fotos: UNILAB-2013

Os estudantes bissau-guineenses participam de torneios realizados pela universidade, onde os nomes dos jogadores é repassado pelo representante do esporte do país, em paralelo, os próprios estudantes realizam, no período de recesso acadêmico, torneios “intercursos” visando aproveitar o recesso para se divertirem com os colegas e amigos de cursos. As equipes são formadas por jogadores de cada curso onde os

estudantes estão matriculados, no entanto, de acordo com Umaro, estudante bissau-guineense, existe cursos que “contratam” estudantes de outros cursos para jogar.

O torneio é entre cursos, então os jogadores só podem jogar no curso dele. Se eu sou de Agronomia, eu só posso jogar na equipe de Agronomia (...), isso não acontece, existe jogadores de Administração que jogam na Letras, existe jogadores do BHU que jogam na Agronomia. Isso tá errado, não pode acontecer, eles só querem ganhar.

A lista dos jogadores é disponibilizada por um representante de cada curso, que convoca os jogadores de acordo com a sua capacidade de jogar. A comissão responsável cobra uma taxa de R\$ 0,50 por pessoa que queira assistir aos jogos, isentos os jogadores. O valor cobrado é para comprar a água dos jogadores, afirma Umaro.

FIGURA 21: EQUIPE DO BHU



Foto: Associação dos Estudantes Guineenses da UNILAB-AEGU

Os torneios organizados, além de oferecer uma forma de lazer, também é visto como um espaço de discussões e rivalidades. Buscando sempre a vitória, alguns jogadores buscam no campo, “resolver” problemas pessoais. Vejamos o relato de um estudante Bissau-guineense.

Olha, esses torneios são meios doidos sabe, muitos jogadores querem brigar no campo, outros querem descontar um problema pessoal no campo. Teve um dia que eu fui jogar e no meio do jogo veio um jogador e me chutou sem eu ter feito nada. Eu não gosto dele, por isso que ele me chutou e o árbitro não fez nada.

Segundo Fabiani (2012), o estresse e o desejo de ganhar um jogo, acaba por si só incentivando a competitividade de um jogador.

Isso ocorre porque os atletas respondem de maneira diferente aos estímulos externos durante uma competição. A pressão de um jogo, bem como um alto nível de estresse e de ansiedade, são transferidos para a área emocional e, em decorrência disso, esta deve estar bem preparada a fim de não interferir no rendimento ao longo da competição (p.14)

Em um ambiente vasto de discussões, as atividades esportivas realizadas pelos estudantes Guineenses estão ligadas a 2 (dois) fatores, o primeiro é de lazer, onde os estudantes promovem e participam de atividades com o intuito de se divertir com os amigos e colegas e o segundo, está relacionado com a competição, onde cada equipe busca demonstrar o talento que se tem, objetivando sempre o desejo maior que é a vitória.

2.9- A saudade

Ter que sair da sua terra natal para poder ter uma melhor chance de qualidade de ensino, sentir-se outro na terra alheia; voltar para casa e sentir-se outro por ser tocado por outra cultura. E a saudade? O que fazer com ela?

- por Daniele Ellery Mourão

O sentimento de saudade é um tema de suma importância por estar sempre presente na vida de qualquer estudante que migra em busca de uma superior no exterior. Quando os estudantes Bissau-guineenses saem de Guiné-Bissau, os mesmos deixam a sua família, os amigos, o cotidiano frequentado, a comida típica preferida e dentre outros costumes e chegando no Brasil, eles [estudantes] têm que construir novas redes de

amizades, e estando pela primeira vez sozinhos sem a proteção familiar em um lugar que para eles ainda é estranho.

No exterior, eles [estudantes africanos] vão adquirir uma formação acadêmica, entrar em contato com experiências diversas: a universidade, os colegas brasileiros, os professores, os novos colegas de outros países participantes de convênios, a nova cidade, o clima, a comida, os costumes (MOURÃO, 2009, p.5).

De acordo com o mestre em Psicologia Antônio Elmo²⁹, os “sintomas de saudades” existem, sendo que os mais comuns são angústia, nostalgia e tristeza. “Quando a pessoa sente saudade, o primeiro sinal é a sensação de vazio, de falta. Esta sensação causa mal estar, pois a pessoa não consegue identificá-la adequadamente, como se estivesse faltando um pedaço, mas ela está inteira”. A história de Samora³⁰ ilustra o sentimento de saudade e distância da família, principalmente da sua mãe por um tempo eterno. Samora chegou na UNILAB no mês de maio de 2014 e veio cursar Humanidades. Distante da família por um tempo indeterminado, Samora começou a se deparar com cenas preconceituosas que lhe dificultou e dificulta na sua adaptação na cidade e na universidade:

No caso do ônibus, eu cheguei dentro do ônibus, encontrei dois lugares para sentar, como gosto de sentar na zona de janela, sentei lá para facilitar o acesso as pessoas que vão chegar depois. As pessoas começaram a chegar, chegar e tinha um único espaço que era onde eu estava. O ônibus estava lotado mais ninguém queria sentar comigo, até que chegou uma idosa, eu chamei ela para sentar, porque ela é idosa, ninguém dava lugar pra ela, eu chamei ela e ela disse que não. Eu não entendi porque ninguém queria sentar lá, depois que vim entender o motivo. Eles não queriam sentar comigo porque sou africano e isso pra eles é muito estranho.

²⁹ Antonio Elmo é Mestre em Psicologia e responde dúvidas pelo e-mail antonioelmo@psicologiaantonioelmo.com.br.

³⁰ Samora, estudante guineense do curso, Bacharelado em Humanidades.

Sobre a dificuldade apontada anteriormente, nada se compara com a notícia recebida no dia 23 de Janeiro de 2016, quando Samora estava escolhendo um brinco para mandar para sua mãe:

Eu acordei muito cedo, eu estava arrumando o quarto, o meu irmão que está no Rio de Janeiro já sabia do acontecido, eu perdi o celular um dia antes do acontecido e o meu irmão não tinha como me ligar para avisar. Ele entrou em contato com os meus amigos mais próximos, Matilde, Décio, Danilo para eles se reunirem e me informar o acontecido. Eu estava arrumando algumas coisas no quarto e o meu amigo chegou e sentou em cima do brinco sem perceber, eu falei pra ele, cara, cuidado com o brinco da minha mãe, eu vou mandar pra ela hoje. Naquela hora, percebi que ele começou a chorar e saiu do quarto, poucos minutos depois ele voltou com o restante dos amigos e me falaram: Samora, sua mãe faleceu! Eu disse, O que? Eu não acreditei, pensei que era mentira mais era verdade, a minha mãe faleceu. Eu sai desesperado, chorei muito, fui comprar um credito para ligar pra ela e quem atendeu foi minha tia e me confirmou que a minha mãe faleceu. Isso é muito difícil pra mim, nunca mais eu vou ver minha mãe, nunca mais vou receber conselhos dela, nem se quer posso ir lá pra vê-la pela última vez.

Em se tratando do falecimento de um familiar, Samora relata que sentirá mais responsabilidade para estudar e tentar conseguir algum emprego para ajudar os seus irmãos, agora órfãos de pai e mãe:

Perdi a pessoa que mais gosto da minha vida e o seu falecimento me faz ter mais responsabilidade dos estudos, pois tenho que ajudar os meus irmãos mais novos e também aqueles mais velhos, porque não temos pai, o nosso pai faleceu em 2008 e agora a minha mãe em 2016, somos órfãos de mãe e pai, isso vai me fazer, me motivar mais, vou me empenhar e dar tudo que tenho para conseguir o que vim buscar aqui e levar e dar bons resultados para minha família. (...) agora, os meus amigos estão me ajudando, sem eles eu não sabia o que fazer.

A ausência dos familiares que tão longe se encontram, geralmente é substituída pela presença de amigos, tanto brasileiros quanto africanos. Em artigo sobre a questão da sociabilidade e das redes sociais, podemos encontrar informações de como os estudantes oriundos da PALOP formam suas redes de relações: “os vínculos de amizades construídos acabam por si só amenizando a saudade dos familiares” (SUBUHANA, 2005, p.12). Na mesma perspectiva, outro texto complementa que, “a rede de solidariedade construída entre os estudantes em trânsito pode ser considerada uma ampliação de costume”

(MOURÃO, 2011, p.9). Ou seja, fora do lugar de origem, esses estudantes se ajudam e buscam vínculos de amizades com finalidade a amenizar a “dor” sofrida pela ausência dos familiares e pessoas queridas.

Marlineide³¹, moradora da cidade de Redenção, nos fala que a ausência dos familiares de estudantes africanos na cidade é um dos motivos da sua interação com os mesmos.

Eu sou mãe e sinto o que eles [estudantes africanos] sentem. Eles estão longe da família, dos amigos e isso é muito ruim. Eu procuro conversar com eles, dar conselhos e escutar o que eles tem pra dizer, pois esse é o papel de qualquer mãe (...) imagino a dor que a mãe deles sofrem todos os dias por estarem longes, ligação difícil. Aqui eles não tem “nada”, aqui tudo é estranho pra eles.

O sentimento que a moradora relata é da ausência daquela pessoa que tem uma importância significativa na vida dos estudantes. Nesse sentido, os sentimentos de irmandade, de solidariedade e de saudade partilhados entre os estudantes Guineenses e população local, são sentimentos que fazem aproximar esses estudantes com o público existente na cidade. Natália³² salienta que a presença dos estudantes africanos e a sua aproximação com alguns deles é de suma importância para “esquecer” a palavra saudade.

Eu tenho amigos africanos e gosto muito deles. Eles são educados, nem todos, mais são. Quando estou com eles me sinto muito bem. Trato eles como minha mãe e ajudo no que for preciso (...), minha mãe ama eles, a cor da pele é linda (risos). Eu respeito eles como meus irmãos e faço de tudo para os outros respeitarem também.

De uma maneira geral, as interações com a população local se dão de várias formas, seja quando os estudantes procuram suas parcerias ou parceiros para namorar, seja para se divertir, ir a festas, ou simplesmente para não se sentirem sozinhos em um novo local. Essas trocas, segundo Gusmão (2011), fortalecem os laços existentes, compartilhando assim, os saberes e culturas que para ambos são totalmente diferentes

³¹ Marlineide, residente no ato da entrevista na cidade de Redenção. Atualmente é professora de uma escola local.

³² Natália, residente no ato da entrevista na cidade de Redenção.

CAPÍTULO 3- DE VOLTA À ÁFRICA: O PROJETO DE RETORNO PARA GUINÉ-BISSAU

3.1- A perspectiva de retorno para Guiné-Bissau

Fruto de uma decisão individual, muito menos condicionado por determinantes econômicos imperativas, cada regresso poderá vir e dar-se, mas ninguém poderá dizer quando.

Por –Maria Beatriz Rocha-Trindade

Hoje, os jovens Guineenses que vêm estudar no Brasil são triplamente representados no país: símbolos de reconstrução nacional e continuadores (pelo Estado), sinônimos de sábios e brancos da terra (pelos colegas) e suporte da família- pela família. (CÓ, 2011). Nessa perspectiva que conduziu a minha pesquisa sobre este capítulo, verificando as expectativas de retorno dos estudantes Guineenses da UNILAB e analisar os motivos pelo qual, alguns estudantes Guineenses do estado do Ceará retornaram para o seu país de origem.

Maria Beatriz Rocha Trindade (2013), principal referência teórica desse capítulo, busca conceituar o que é regresso. Quando aplicado ao contexto emigratório, regresso significa a inversão daquele fenômeno, com a fixação definitiva no país de origem, após um período mais ou menos longo de estada no estrangeiro.

Na sua forma mais simples, o regresso é um movimento localizado no tempo, em sentido contrário à partida do emigrante e que anula, dessa feita, aquela qualidade. Em situações mais complexas, o regresso pode processar-se por aproximações sucessivas, em fases subsequentes de alternância de estados no país de origem e no país receptor, até à renúncia completa das particularidades do estatuto do emigrante que usufruía no estrangeiro, assumindo, em simultâneo, a plenitude do estatuto de cidadão residente no seu país de nascimento. Neste caso, não é fácil definir o momento ou data do regresso. (TRINDADE, 2013, pp 78-9).

Ponto 1. Conceito de Retorno:

No que diz respeito ao conceito de retorno e regresso, regresso, sempre que a deslocação para o país de origem seja voluntária: retorno, sempre que a saída do país de acolhimento seja compulsiva” (p.5). Diante disso, os estudantes Guineenses do estado do Ceará se enquadram no conceito regresso, haja vista que, o regresso para o país de origem se dá de forma compulsiva, sendo do PEC-G, cumprimento das normas do edital previstos na cláusula 23 – “Após colação de grau, o estudante-convênio deverá preparar-se para retornar a seu país de origem em período não superior a três meses” e Cláusula 24- “O estudante convênio receberá seu diploma, devidamente registrado, junto à missão diplomática ou repartição consular brasileira onde ele se inscreveu no PEC-G”. Sendo da UNILAB, esses estudantes possuem uma determinada “liberdade” na escolha de retornar ou não. Isso acontece pois a universidade não obriga o estudante a retornar, porém, embora o mesmo não possa cursar outra Graduação na universidade.

Jean Pierre Cassarino (2004) em sua teoria sobre migração do retorno, busca abordar a diversidade de categorias migratórias, demonstrando os vários tipos de retornados existentes. Segundo o autor, “precisamos saber quem retorna, quando e por quê, e por qual razão alguns migrantes retornados aparecem como atores de mudanças, em circunstâncias sociais e institucionais específicas em sua pátria, enquanto outros não”. (2004,p.257). Nessa perspectiva, o autor tem como objeto de estudo várias abordagens especulativas sobre migração do retorno.

1º abordagem teórica: Economia Neoclássica:

Dado que a abordagem neoclássica da migração internacional se fundamenta sobre a noção de diferenças salariais entre países de destino e aqueles de origem e sobre as expectativas dos migrantes a respeito de melhores ganhos nos países de acolhida, o retorno é percebido como o resultado do fracasso de uma experiência migratória que não produziu os resultados esperados (p.261).

Dito de outra forma, segundo a ótica neoclássica, a migração de retorno diz respeito unicamente aos imigrantes que não alcançaram os objetivos pretendidos no país acolhedor, porém, essa perspectiva está voltada para os trabalhadores que migram em prol do aumento de renda salarial, descartando essa teoria para os estudantes Guineenses da UNILAB, onde o objetivo, segundo as regras da universidade é para com os estudos.

2º abordagem teórica :New Economics os labour Migration (NELM)

A New Economics of Labour Migration (NELM) considera que o regresso é resultado de uma “estratégia calculada”, que é definida no nível do núcleo familiar do migrante e motivada pelo fato de ter alcançado os objetivos pré-fixados. De fato, como afirma Oded Stark em sua importante publicação, a abordagem teórica proposta pela NELM “muda o foco central da teoria da migração da independência individual [...] para a interdependência recíproca”, ou seja, ao nível familiar. Ainda, crê que o retorno à pátria seja a consequência natural de uma experiência migratória bem-sucedida, durante a qual os migrantes alcançaram os próprios objetivos (ou seja, maior renda e acúmulo de poupança), enviando parte dos ganhos à família (p.263).

A respeito dessa abordagem, o retorno para o país de origem está atrelada a um projeto familiar com objetivos pré-estabelecidos antes da vinda do indivíduo para o país acolhedor. De certo modo é um projeto de migração preparado com cuidado, que não somente envolve anseios particulares mais também envolve todo um núcleo familiar em questão. Os migrantes tem projetos ou estratégias bem definidos antes, durante e depois de sua experiência migratória “O planejamento do projeto migratório incide sobre os modelos comportamentais dos migrantes na sociedade de acolhida, bem como sobre o progresso profissional” (2004, p.268).

3º abordagem teórica: A perspectiva estruturalista

A perspectiva estruturalista analisa o retorno em três formas diferentes, a primeira é o “retorno do fracasso”, onde, segundo Cassarino (2004, p.272) “diz respeito aos migrantes que não conseguiram integrar-se no país de acolhida por causa de preconceitos”. O entrevistado X, cita que o seu irmão retornou para Guiné-Bissau pois ele não aguentava mais os estereótipos sofridos por partes dos brasileiros.

Eu estou aqui (na Unilab) por causa do meu irmão, ele veio estudar em Minas Gerais, porém, um ano depois ele voltou pra Guiné e não queria ouvir falar mais do Brasil (...) ele disse que sofria muita discriminação ne, ele não aguentou, ele desistiu e voltou pra casa (Trecho da entrevista realizada dia 24 abril 2016, Guiné-Bissau)

Esse tipo de retorno não é vantajoso, como o próprio autor salienta, não é vantajoso tanto para a família quanto para o país. Nesse caso, surge o “retorno conservador”, onde os migrantes que antes mesmos de emigrar planejam o retorno à pátria

com a formação ou dinheiro suficiente para ajudar à família. Esse tipo de retorno só tendem a satisfazer as próprias necessidades pessoais e aquelas dos familiares.

Mamadú, Braima e Jailson, ambos estudantes Guineenses, pretendem retornar para Guiné-Bissau só quando tiverem dinheiro suficiente para ajudar sua famílias nas despesas do dia-a-dia.

Quando eu terminar o meu curso, eu quero fazer mestrado ou trabalhar aqui (no Brasil) mesmo, não quero voltar logo. Quero levar dinheiro para ajudar minha mãe e meus irmãos, eles não querem que eu volte agora (...) Ir para Guiné-Bissau com uma graduação não é quase nada, você vai ganhar muito pouco. Minha mãe me falou isso antes de eu vim para cá, então vou fazer o que eu pensei. (Entrevistada realizada dia 19 abril 2016).

Eu quero voltar mais não vai dar sabes, não tenho dinheiro para ajudar minha mãe e meu pai. Eles pensam que tenho dinheiro mais não tenho, por isso que não vou agora. Quero trabalhar e juntar uma boa grana, depois eu volto e compro tudo pra eles, pago a escola da Lizia e tudo mais. (Entrevista realizada dia 13 abril 2016).

Voltar agora? Jamais (risos). Não quero voltar, o que é uma graduação na Guiné-Bissau? É quase nada, você não ganha nada. Eu só vou voltar quando tiver dinheiro suficiente, não quero depender mais da minha mãe, dos meus irmãos, quero me sustentar. (Entrevista realizada dia 17 abril 2016).

Um terceiro tipo de retorno surge para colocar em prática tudo aquilo que foi ensinado no exterior e mudar a situação do país de origem, esse tipo de retorno é o “retorno inovador”. Cassarino (2004, p.267) afirma que “(...) os atores prontos a fazer uso de todos os meios e todas as novas competências adquiridas durante a própria experiência migratória”. Ou seja, pelo fato de que estes imigrantes (nesse caso estudantes Guineenses) se consideram inovadores, pois acreditam que as competências adquiridas no exterior transforma-se em um “portadores de mudanças” para o país de origem. Esse tipo de ideologia está atrelada a uma categoria que Cassino chama de Tipologia de Cerase. A tipologia de Cerase é uma clara tentativa de demonstrar que os fatores situacionais e contextuais nos países de origem são pré-requisitos indispensáveis para a avaliação da experiência migratória de retorno em termos de sucesso ou de fracasso. (Cassarino, 2004, p.268).

Retornar para o país de origem também está ligado ao fator político, que por muitas vezes acaba influenciando —e muito, no projeto de retorno dos migrantes. Mohamed, estudante Guineense recém-chegado na universidade tem como objetivo retornar para o país de origem assim que acabar a formação na UNILAB, porém, a recente situação política de Guiné-Bissau lhe faz mudar de opinião.

A minha intenção é voltar para o meu país, servir a pátria certo, depois ajudar minha família, mas, tem uma coisa que me deixa extremamente preocupado que é a questão, situação política que não te dar vontade de retornar pra Guiné pra trabalhar. Os políticos da Guiné não fazem concurso público, mesmo se tivesse concurso público, não seria feito nas vias legais, você chega, tipo tendo um pai que trabalha lá, assim que você chegar lá você vai trabalhar. Eles não se preocupam se você tem uma boa formação, eles te selecionam por grau de parentesco. (Mohamed, 21, Enfermagem, entrevista realizada dia 28 abril 2016).

Percebe-se na fala do entrevistado que, a decisão de retornar, seja esta concreta ou simplesmente desejada, incide sobre as expectativas do migrante em relação ao país de origem. O retorno parece estar orientado pelas oportunidades que os migrantes esperam encontrar nos países de origem, mas também pelas oportunidades já oferecidas no país receptor. Não obstante, esta decisão de voltar ou não voltar por questões políticas deve ser analisada de duas formas, primeira, uma análise por parte dos familiares dos formandos no Brasil e segunda, pelos próprios formandos que aqui estão.

Na viagem realizada para Guiné-Bissau, procurei abordar o assunto sobre o retorno dos estudantes nas casas de alguns dos seus familiares. Maria Cá, mãe de um estudante guineense da UNILAB acredita que os estudantes que estão no exterior são a “solução” para os problemas políticos que o país está enfrentando.

Os meus filhos estão na “terra dos brancos”, eles vão aprender muitas coisas, os brasileiros são muitos inteligentes, eles saíram daqui para estudar e eles tem que retornar para mudar a situação política que vivenciamos atualmente. Já estou velha e não posso lutar mais pelo meu país mais eles sim, eles vão mudar Guiné-Bissau, eles vão tirar esse “velhos” que estão no poder e vão governar Guiné-Bissau. (Trechos da entrevista realizada em Guiné-Bissau/ Bairro Belém, 13 fev 2016).

Na mesma linha de pensamento, Josefa Djaló acredita na mudança do país por parte dos Guineenses formados e formandos no exterior.

Eles (os estudantes Guineenses no exterior) são a mudança. Eu não tenho força aqui, nós não temos mais força. Já lutei muito, meus parentes morreram na guerra e não mudamos quase nada. Esses bandidos estão no poder e não querem dar oportunidades para os jovens, mas eu acredito que esses meninos do Brasil vão mudar Guiné-Bissau. (Trechos da entrevista realizada em Guiné-Bissau/ Bairro Quelele, 16 fev 2016).

Essa perspectiva de regressar e dar a contribuição para o desenvolvimento do país foi identificada na fala de todos os entrevistados. Segundo Trindade (2013), existe uma ideologia imaginada por parte dos familiares dos estudantes em processo de formação no exterior. Segundo a autora, o regresso pode ser percebido de duas formas, a primeira por parte dos familiares – que imaginam os regressastes como peça fundamental na mudança do país e no status social da família e o segundo por parte dos próprios regressastes – que imaginam aproveitar tudo que o país oferece simplesmente por ter se formado no exterior.

O *regresso imaginado*, de acordo com Trindade, é definido da seguinte forma:

O denominador regresso imaginado é percebido como uma forma de imaginar o local de origem como um novo local de descobertas. Vivendo em um mecanismo típico das sociedades modernas, o da insaciabilidade consumista pelo qual o atingir da capacidade para um novo tipo de exigência faz imediatamente visar outro, eletrodomésticos, férias na praia, bebidas importadas, refeições em restaurante e espetáculos (2013, p.78).

Nessa perspectiva, regressar para o país de origem e não ter acesso aos serviços que foram ofertados e disponibilizados na sua estadia no país receptor é um processo de (re)adaptação que muitas das vezes não se coincide com o que foi imaginado. Em seu artigo, Gusmão (2011) discorre sobre deslocamentos transitórios de estudantes Guineenses em Fortaleza- CE e nos apresenta uma discussão sobre os recém-regressados ao país de origem, que muitas das vezes tem que passar por um novo processo de adaptação, sentindo-se assim, deslocados no próprio país, em sua própria casa. Muitas das vezes sem poder usufruir de um espaço reservado só para si, como normalmente conseguiam conquistar em seus apartamentos ou casas no Brasil, esses estudantes começam a sentir um estranhamento e inadequação.

Ao retornar, o emigrante depara-se com diversas alterações ocorridas durante a sua ausência. Os membros de sua família parecem diferentes daqueles com quem se relacionava antes de ir para o exterior. Esse novo cenário frequentemente gera, no

emigrante, sentimentos de desconforto e estranhamento que resultam em uma sensação profunda de não pertencimento ao seu ambiente de origem (TEDESCO, 2013, p.145). O depoimento do estudante Carlos pode ser lido no início desse tópico:

(...) quando eu voltar vai ser tudo diferente, rua, casa, amigos. Eu sei que o que deixei lá não vai ser o mesmo quando eu voltar. (...) Assim, vou me sentir estranho sabe, estranho na minha casa. Se eu voltar magro, vão dizer que não comi aqui [no Brasil], se eu voltar gordo, vão dizer que comi muito. Tudo vai em conta quando eu voltar, vai ser muito estranho, eu penso.

3.2- “Retornei para Guiné-Bissau”: Dificuldades no mercado de trabalho, mensagem para os guineenses em formação no Brasil e a representatividade do Brasil para os retornados.

A seguir buscamos demonstrar como foi a trajetória dos estudantes, que após a sua formação no Brasil, retornaram para a Guiné-Bissau em busca de emprego. Foram realizadas entrevistas com guineenses formados no estado do Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro e dentre outros estados, com o objetivo de identificar as facilidades e dificuldades desses retornados para o seu país de origem.

3.2.1- Relatos

Alanam Francisco Pereira, guineense, Licenciada em Psicologia com Ênfase em Psicologia Organizacional e Sociedade pela PUC-Minas, período de 2004 à 2009 regressou ao seu país um mês após a sua formação no Brasil. Segundo a entrevistada, a iniciativa se deu pelo fato de ter mais facilidade de encontrar trabalho no país de origem.

Quando terminei minha formação no Brasil, um mês após a minha colocação de grau, decidi voltar para Guiné-Bissau. Porém, eu costumo dizer que, o seu país mesmo sendo um país com problemas, com dificuldades, é o seu país e aqui você terá mais vantagem para empregar-se em relação aos outros países [...] eu não conseguiria formar e ficar no Brasil (Entrevista realizada dia 25/01/2016-GB).

Referente as dificuldades encontrada após a sua chegada em Guiné-Bissau, Alanam nos informa que praticamente ela não teve dificuldade para encontrar trabalho, haja vista que, pelo fato de ter uma formação na área social, o mercado de trabalho é amplo para essa área.

Quando voltei para a Guiné-Bissau em 2009 não tive grande dificuldade para encontrar emprego, porque como psicologia é uma área social, tem mais mercado em relação aos outros cursos, a área social é abrangente, pode enquadrar-se no ministério da educação, ministério da família. Tem mais mercado do que os cursos relacionados a administração, contabilidade, economia.

Através do currículo da entrevistada, percebemos que a sua área de formação lhe possibilitou trabalhar tanto na Educação quanto na Saúde. Em 2010, Alanam trabalhou primeiramente no Ministério da Educação, como Técnica do Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação-INDI, durante 2 anos. Depois trabalhou no Departamento de Formação dos Professores no mesmo Ministério. Na área da Saúde, foi Psicóloga no Centro de Atendimento Ambulatório- CTA, onde trabalhou durante um ano em meio com portadores de HIV. Voltando para a Educação, foi nomeada Diretora Geral do Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação-INDI durante 4 anos. Em dezembro de 2014 foi nomeada Diretora do LICEU onde trabalha até o período da minha pesquisa em Guiné-Bissau.

Questionada sobre a possibilidade de continuar os estudos, um possível Mestrado ou até mesmo Doutorado, Alanam nos informa que na vida tudo é momentâneo e tudo tem o seu tempo. “Pretendo ter mais formações superiores, pois costumo dizer que na vida tudo tem seu tempo. Estou a trabalhar para ganhar experiência, esse é o meu objetivo, depois irei fazer Mestrado, seja no Brasil ou em outra parte do mundo” finaliza a entrevistada.

- O Brasil é o meu segundo país

Alanam agradece pela formação que teve no Brasil e agradece pelo carinho recebido do povo Brasileiro no seu tempo de estudo.

Foi bom estudar no Brasil, eu não tenho nada a reclamar do povo brasileiro, realmente o povo brasileiro me acolheram bem. Até hoje tenho uma boa relação com os colegas de estudos. Até hoje mantenho contato com a senhora que morava com ela. Deixei boas lembranças no Brasil e também tenho boas lembranças daquele povo [...], Brasil eu costumo dizer que é o meu segundo país, pois os momentos que vivi lá foram bons.

- Mensagem para os guineenses formandos no brasil

A minha mensagem para os Guineenses que estão no Brasil e em qualquer outro país do mundo é a seguinte, nunca desanimem, esse país um dia vai melhorar, nós estamos a lutar para que isso aconteça, não é fácil mas temos que ter coragem para enfrentar a batalha pois um dia vamos vencer, fomos estudar para vim dar a contribuição, melhorar o nosso país e mudar o rumo desse país. Agora, se terminarmos o curso e ficarmos ali (no país de formação), qual é a nossa contribuição? Onde está a nossa participação no desenvolvimento de Guiné-Bissau? Estamos a passar por várias dificuldades mas cada um tem que fazer a sua parte, chegou a nossa hora de colocar em prática tudo aquilo que aprendemos no Brasil durante o nosso tempo de estudo. Se tudo correr bem, pretendo fazer Mestrado no Brasil, mas é bom voltar, trabalhar e melhorar o nosso país.

VITORINA JUSTADO SOUTO AMADO

Vitorina Justado Souto Amado, licenciada em Marketing pela Faculdade Evolução, Fortaleza-Ce, período de 2009 à 2015, nos informa como se deu o processo de regresso para o seu país de origem. De acordo com Vitorina, não estava em seus planos retornar para Guiné-Bissau após finalizar o curso, o motivo principal do retorno foi a morte do seu namorado que estava na mesma cidade com ela.

Bem, eu queria ficar para fazer pós-graduação, mestrado e outras coisas, só que eu tive uma decepção, eu namorei, o meu namorado faleceu, aí,

por causa disso, eu não gostei mais, eu não quis ficar, me deu medo, não quis mais ficar e pronto. (Entrevista realizada dia 03/02/2016, GB)

A morte do seu namorado no último semestre de formação, fez com que Vitorina opta-se em retornar para o seu país de origem. Chegando em Guiné-Bissau no mês de Setembro de 2015, a entrevistada nos conta que até hoje (data da entrevista) a mesma não encontrou trabalho “Até agora eu não estou trabalhando, não estou estagiando e nem nada, já entreguei os documentos e tudo mais, a dificuldade é enorme”. Segundo a entrevistada, isso ocorre porque a demanda de estudantes que vêm do exterior para trabalhar é enorme. “São muita gente formando, tem muitos estudantes chegando todos os dias, a dificuldade é enorme”.

A entrevistada nos informa que vaga de trabalho existe em Guiné-Bissau, o problema é que, vários ministérios não gostam de ir para a reforma, ou seja, não atualiza o quadro de profissionais nos setores públicos do país.

O problema da Guiné-Bissau é a seguinte, os ministérios não gostam de ir para a reforma. Maioria dos Ministérios só tem pessoas com idade de se “aposentar” mas eles não aceitam deixar o cargo. Tem muitos jovens formados que não tem oportunidade de trabalho mas tem trabalho, o que falta é uma reforma nos Ministérios. Retirar esses “velhos” sem formação e convocar os jovens formados para trabalhar.

As dificuldades para encontrar trabalho se justifica através da entrevista por 2 (dois) motivos. O primeiro deles é a falta de reforma dos Ministérios, onde as pessoas mais velhas não aceitam entregar os cargos para os jovens formados e a segunda se dá pelo fato de Guiné-Bissau não possuir muitas empresas, as que têm já estão ocupados por pessoas sem formação.

Já há 5 (cinco) meses sem trabalhar, Vitorina está no aguardo de uma vaga de emprego na sua área, sabendo que a dificuldade é grande, o sonho de colocar em prática tudo aquilo que aprendeu no Brasil ainda está na espera de ser realizado.

Olha, eu tenho esperança que vou encontrar trabalho, eu sei que vou encontrar, a dificuldade é enorme, muita gente e demora mesmo, não

sou a primeira e nem a segunda pessoa, mas tudo é uma questão de tempo.

Quanto à possibilidade de dar continuidade aos estudos, a entrevistada planeja estudar Relações Internacionais, “É o curso que quero fazer”, seja no Brasil ou em outro país, caso consiga alguma bolsa de estudo.

- Aprendi muito no Brasil

Vitorina aprendeu muito com o povo brasileiro:

Eu aprendi muito com eles (brasileiros), no início é difícil você chegar num país onde você não conhece ninguém e ser tratado como uma pessoa do outro mundo (risos). Você chega lá e as pessoas ficam te olhando como, não sei o que é. Alguns te chamam de macacos mas depois você se acostuma, você sabe que não está no Brasil para ficar, você está lá só pra estudar e voltar para o seu país.

Mas também ensinou:

Na faculdade Evolução, quando fui renovar a minha matrícula, eles (Direção) me deram um Manual de Higiene. Aí, eu perguntei a moça, esse manual porquê? A moça me falou que os alunos brasileiros vieram reclamar que os africanos cheiram mau, ficam suados, [...] o manual só era para os alunos africanos. Eu peguei o manual e falei para a atendente: Olha, pegue esse manual e entregue para a diretora e fale pra ela que não preciso disso pois sou mais cheirosa do que a Renata (Diretora da Faculdade). Isso foi um preconceito enorme com os estudantes africanos. Um mês depois os manuais sumiram da faculdade.

- Mensagem para os guineenses formandos no Brasil

Eu tenho só a dizer que eles se empenham muito, eu sei que é difícil mais nunca é tarde para conseguirmos o que a gente quer. Espero que ninguém desista e todos levem os sonhos deles para frente. Hoje eu

estou falando isso, mas quando eu estava no Brasil, eu pensava, será que um dia vou me formar? Será que vou desistir? No meu último semestre eu pensei em desistir, só que pensei e não vale a pena, já estudei muito e falta pouco. Vocês vão conseguir, se que vocês estão lutando pra isso. É muito difícil, muita dificuldade mas é assim. Vamos lá que vamos pois os Guiguís são fortes.

- Mensagem para os brasileiros

Espero que você leve uma mensagem para os brasileiros, que eles deixem de ver a África como esse “inferno” que eles pensam, que continuem tratando os africanos da melhor forma possível, pois não somos macacos, somos gentes.

GUALDINO AFONSO TÉ

Gualdino Afonso Té, saiu de Guiné-Bissau no ano de 1998, onde se formou em Biologia Marinha pela Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ. Terminado a Licenciatura em 2003, Gualdino mudou-se para Fortaleza- CE, onde cursou o Mestrado em Ciências Marinha Tropicais pelo Instituto Lobomar. Quando terminou o Mestrado, o entrevistado decidiu regressar para o seu país, haja vista que, segundo o mesmo, a sua “missão” já foi realizada no Brasil.

O motivo do meu retorno são vários, primeiro eu fui com um objetivo que era adquirir conhecimento, ganhar experiência e depois voltar para o meu país para poder dar a minha contribuição. Eu acho que, à medida que o tempo passa, essa obrigação torna-se cada vez mais clara né. [...] por outro lado, eu tinha um amigo que dizia assim: Por mais bom que seja aqui, você vai está sempre no final da fila. (Entrevistada-22/02/2016).

Analisar os motivos do retorno do entrevistado, percebemos que, após a formação, não é muito vantajoso para um estudante estrangeiro ficar no Brasil para Trabalhar. “Você sempre vai estar no final da fila, não porque você não tem conhecimento, mas simplesmente porque você é um estrangeiro”. Retornar para o País de Origem e buscar trabalho, segundo Gualdino é a solução, pois no seu país de origem você estará em melhores condições para contribuir no desenvolvimento de Guiné-Bissau, do que ficar no Brasil.

Chegando em Guiné-Bissau em Fevereiro de 2007, Gualdino nos relata como foi o seu processo para entrar no mercado de trabalho. “O comercio sempre é difícil, normalmente quando terminamos os estudos, sempre temos aquela vontade de querer ingressar logo no mercado de trabalho mas, sabemos que, não é fácil conseguir emprego”. Iniciando como estagiário no Ministério da Pesca, Gualdino começou a construir sua trajetória profissional.

Comecei como estagiário no Ministério da Pesca dois meses após a minha chegada em Bissau, logo, em Setembro de 2008 tive a oportunidade de ir para a Espanha ingressar em um programa de Mestrado em Economia e Gestão Pesqueira, onde fiquei um ano e meio na Universidade de Barcelona.

Pelo fato do entrevistado ter optado em Ingressar no Programa de Mestrado na Espanha, o mesmo deixou o estágio de lado para dar continuidade aos estudos, sendo assim, “fiquei Dois anos sem Trabalhar”, afirma Gualdino. Voltando da Espanha no início de 2010, o entrevistado foi imediatamente promovido para o Cargo de Diretor de Gabinete de Estudos e Planificação no Ministério da Pesca, ficando como diretor durante dois anos e em seguida, foi promovido como Diretor de Serviço da Pesca Artesanal, onde ficou por mais dois anos no cargo. Atualmente- no período da pesquisa, o entrevistado é Diretor Geral na área de formação e apoio ao Desenvolvimento na Secretaria de Estado das Pescas.

De acordo com a trajetória profissional do entrevistado, percebemos que após a sua ida para a Espanha e retornando com mais uma formação, o “reconhecimento” ou não, se deu de forma imediata. Questionado sobre o porquê que tem estudantes que após o seu regresso para a Guiné-Bissau, sentem dificuldades para encontrar trabalho, Gualdino nos informa que esse processo é a “Dinâmica da Vida” e que devemos respeitar essa dinâmica.

O início é difícil para qualquer um, há pessoas que chegam e conseguem trabalho logo, outras chegam e demoram para encontrar trabalho e há pessoas que chegam e não conseguem. Isso é a dinâmica da vida e temos que saber respeitar essa dinâmica, porque faz parte da nossa vida.

Analisando o caso do entrevistado, conclui-se que, “alimentar” o currículo e retornar para o país é mais vantajoso do que ficar no país do “outro”. Apesar das

dificuldades políticas e econômicas, nada melhor do que buscar trabalho no seu país de origem, porque lá é a sua casa, é o seu lar.

- Mensagem para os guineenses formandos no Brasil

O que posso dizer é que, se eu pudesse voltar a estudar hoje, eu dedicaria muito mais, do que eu dediquei no passado. Porque, as vezes quando a gente é muito novo, a gente não consegue enxergar a realidade, só com a idade e com a experiência é que conseguimos enxergar o que perdemos de tão bom nos tempos de estudos. No Brasil há muitos estudantes guineenses e cada um tem um compromisso para com o objetivo que levou aquela pessoa para o Brasil, alguns começam a perder essa direção. O que posso dizer é que, estudem mais e que saibam que o país está a espera que voltem para dar a contribuição para o desenvolvimento do país, mesmo apesar de toda a situação econômica e política que nós temos, mas vocês devem sempre manter esse compromisso de voltar para contribuir para o desenvolvimento do país. Esta é a mensagem para os meus parentes que estão no Brasil e em particular no Ceará.

- O Brasil faz parte da minha personalidade

Eu tive praticamente Dez anos no Brasil, portanto eu posso dizer que, parte da minha personalidade, da minha maturidade foi formada no Brasil. Portanto, o Brasil faz parte e fará parte da minha vida pra sempre. Aprendi muita coisa no Brasil, não só a formação mas pude aprender com os amigos, ver a cultura Brasileira, tudo aquilo teve um impacto muito forte na minha vida. Depois da Guiné-Bissau não existe nenhum outro país que tento tanta ligação a não ser o Brasil. Tenho uma ligação para com o Brasil e para com os Brasileiros. Quando vejo um Brasileiro me sinto bem, porque lembro dos momentos dos momentos que passei no Brasil, das amizades que criei no Brasil e até hoje continuo, converso com os meus colegas, tanto no Rio de Janeiro quanto em Fortaleza-Ce.

EUCLIDES DOS SANTOS CUNHA

Euclides Dos Santos Cunha chegou em Fortaleza- CE no mês de Fevereiro de 2004 para cursar Engenharia de Pesca na Universidade Federal do Ceará (UFC), se formando em Dezembro de 2008. Após a conclusão da primeira Licenciatura, o

entrevistado sentiu dificuldade para ingressar em algum programa de Mestrado e também para encontrar trabalho. “Eu terminei a licenciatura em dezembro de 2008 e fiquei 9 meses sem trabalhar e sem fazer mestrado [...], passei todo esse tempo sem trabalhar e sem fazer nada”. Com isso, Euclides decidiu retornar para Guiné-Bissau pois nunca estava em seus planos trabalhar no Brasil.

Na verdade, desde quando sai de Guiné-Bissau, o meu objetivo era estudar e voltar, eu nunca pretendia ficar no Brasil para trabalhar [...] isso não estava nos meus planos pois eu gosto do meu país, eu não tinha pretensão nenhuma de ficar no Brasil. Na época eu estagiei em uma fazenda de cultivo de camarão, mas era apenas para ganhar experiência e depois voltar para o meu país (Entrevista 22/02/2016).

Após cumprir com o objetivo de retornar para o país, Euclides se considera “Sortudo” no que diz respeito a procura por trabalho em Guiné-Bissau. “Eu sou sortudo, cheguei em Bissau em agosto e em setembro entrei aqui (Ministério de pesca)”. Isso se deu pelo fato do entrevistado ter preparado o seu currículo e a sua carta de apresentação ainda, no último ano de curso no Brasil. “Faltando um ano para eu me formar, eu organizei o meu dossiê e mandei para Bissau para dar entrada na Secretaria de estado das pescas e quando voltei pra Bissau aguardei apenas o contrato para trabalhar” finaliza.

De forma surpreendente, o entrevistado conseguiu trabalho antes mesmo de voltar para o seu país e com isso, após o seu retorno, não houve dificuldades para encontrar emprego. Iniciando como Técnico estagiário na Secretaria da Pesca, Euclides começou a ser contratado para cargos superiores. Ficou 2 (dois) anos como Técnico estagiário, logo em seguida foi promovido para Chefe de Repartição, ficando menos de 2 anos nessa função, onde foi promovido para Diretor de Serviços, onde está até hoje (no intervalo da pesquisa). A evolução no trabalho é um exemplo de compromisso e dedicação que Euclides tem para com o seu país, “Sempre busco fazer o melhor, por isso que estou onde estou hoje”, finaliza o entrevistado.

- Mensagem para os guineenses no Brasil

É difícil encorajar os meus parentes nessa devida altura, estamos a passar por uma situação política não muito boa, estamos em um ciclo de estabilidade e isso torna-se difícil encorajar alguém que está lá fora para voltar. Mas, eu digo, ficar lá fora sem trabalhar, nesse caso no Brasil, poucas pessoas que terminaram o curso estão a trabalhar, no entanto, não fique lá sem trabalhar. Peço que os meus parentes, assim que terminar os seus cursos, façam as suas malas e voltem para casa. Com certeza essa estabilidade que estamos a viver hoje, vai passar! Podemos acreditar que vai passar, em pouco espaço de tempo isso vai passar. A Guiné-Bissau tem mercado de trabalho, quem voltar vai ter trabalho, vai trabalhar!

- O Brasil é um pedaço de mim

O Brasil é um pedaço de mim, o que o Brasil me fez eu agradeço muito, não só pela formação acadêmica mas também pela experiência social, onde pude aprender muita coisa com os brasileiros. Passei 5 anos e foi uma experiência fantástica. Eu gosto do Brasil, o Brasil ficou na minha memória e no meu coração, fiz amizades importantes que até agora eu falo com os meus amigos brasileiros, pelo Messenger. Espero um dia regressar e visitar os meus colegas e amigos que deixei lá.

SECO SILÁ

O entrevistado Seco Silá chegou no Aeroporto Internacional Pinto Martins-Fortaleza-Ce, no ano de 2003, para cursar Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Terminando o curso no ano de 2007, Seco decidiu voltar para Guiné-Bissau, pois antes mesmo de retornar, ele já estava sendo esperado em Guiné-Bissau.

Quando eu terminei o curso, eu já estava sendo esperado na Guiné-Bissau pois eu já tinha trabalho com algumas pessoas antes mesmo de ir estudar no Brasil. Eu tinha um projeto comunitário e se tornou em uma ONG, aí havia necessidade de um profissional formado na área da educação. Então, na base disso, eu recebi um convite para trabalhar e

facilitou bastante o meu retorno para Guiné-Bissau. (Entrevista-19/01/2016)

Terminando o curso, o entrevistado retornou para o seu país de origem, tendo a sua espera um emprego garantido. Chegando em Bissau, Seco começou a trabalhar, sendo coordenador de um projeto na ONG-Estrutura para desenvolvimento da Educação Comunitária- EDEC. Trabalhando na área da educação, Seco teve contato com outras ONG's internacionais, buscando sempre parcerias. Trabalhou durante 1 ano com a UNICEF, em um pequeno projeto, também na área da educação. Atualmente, trabalha como Professor de Língua Portuguesa no Centro Cultural Brasil-Guiné-Bissau.

- Mensagem para os guineenses no Brasil

A mensagem que eu tenho para essa comunidade Guineense que está no Brasil é que, vocês devem se dedicar no seu curso. Como sabemos, o Brasil tem tudo que possamos imaginar, se você quer brincar você pode, brincadeira não falta. Agora, depende da pessoa que está inserida naquela sociedade, você deve saber qual o objetivo que te levou para o Brasil ou seja o seu projeto de vida. Eu estou no Brasil para adquirir conhecimento para poder voltar para o meu país e dar minha contribuição. Vocês devem dar prioridade para esse objetivo, estudar e voltar para o seu país e ajudar no desenvolvimento [...], dificuldades não faltam, as dificuldades existem para serem superadas. Os brasileiros são um povo aberto, um povo comunicativo, qualquer dificuldade basta você abrir a boca que eles vão te ajudar.

- O Brasil é irmão da Guiné-Bissau

Na verdade, pra mim o Brasil representa como um país que tá dando uma contribuição enorme para Guiné-Bissau, isso é uma questão indiscutível. Só pelo fato de abrir essa mega oportunidade de levar guineenses para se formarem no Brasil, isso é grande coisa. Esses dois grandes projetos, PEC-G e UNILAB é exemplo disso. Anualmente você pode encontrar com centenas de vagas para os Guineenses irem estudar no Brasil. Nós já temos grande comunidade de estudantes que se formaram no Brasil, aqui tem uma grande representatividade em todos os domínios sociais. Isso é uma contribuição que não podemos ignorar, pra mim o Brasil é irmão da Guiné-Bissau.

3.2.2- “Retornei, e agora?”: Estranhamento no país de origem

Estando no país receptor é uma coisa, retornar para o país de origem é outra. Todo planejamento realizado acabou levando a um único caminho, o retorno. Ao retornar a seu país de origem, o emigrante [nesse caso estudantes Bissau-Guineenses] podem se deparar com diversas transformações tanto nos espaços físicos como em suas relações interpessoais. A fim de se defender da angústia provocada por possíveis transformações durante sua ausência, o emigrante pode ser levado a construir a fantasia de que seus familiares e o local de origem não sofrem alterações enquanto ele se encontrava no exterior. Assim, espera reencontrar a esposa, os filhos, os amigos e os espaços que havia guardado em sua memória exatamente como estavam antes da emigração, como se a passagem do tempo fosse suspensa durante o período migratório.

A realidade, contudo, exige que o emigrante tenha que passar por um novo processo de adaptação a um ambiente que outrora julgava conhecer, mas que agora se lhe apresenta com facetas totalmente desconhecidas. Os sentimentos de estranhamento surgidos neste processo de adaptação solapam o senso de pertencimento anteriormente existente. Percebemos isso no relato de Djaló³³, que retornou para Guiné-Bissau em novembro de 2015

Nossa, quando eu voltei estava tudo diferente, muito diferente. A minha rua mudou, tinha mais arvores, casas, luz, não reconheci. Eu tinha muitos amigos, tipo irmão sabe, quando eu cheguei, eles não falavam comigo, era muito difícil. Vivi 8 anos no Brasil e ao retornar acabei me perdendo no meu próprio país.

Segundo Cardoso (2012), ao retornar, o migrante percebe que sua cidade mudou, as pessoas mudaram, assim como ele próprio mudou. O que imaginou que seria familiar se tornou completamente desconhecido. O estranhamento com relação à cidade e as pessoas são imediatos. A diferença dos ritmos de vida se torna um obstáculo que para muitos é intransponível. Assim sendo, o retorno muitas vezes é mais difícil do que o próprio ato de migrar.

³³ Mamadu Djaló, graduado em Ciências Sociais pela UFC, retornou para Guiné-Bissau no mês de Novembro de 2015.

As diferenças entre a imagem que se consolidou e a realidade encontrada no retorno fazem com que o processo de readaptação seja muito difícil. A sensação de não pertencimento acompanha o retornado que não reconhece mais o espaço ao qual pensava pertencer. Nesse sentido, muitos retornados acabam por enfrentar um novo processo migratório, na busca de encontrar um lugar em que se sintam em casa.

Embora essa questão do lugar faça sentido ao retornado, não se pode deixar de citar a dificuldade de readaptação deste quando volta ao seu país de origem. A diferença entre as culturas, o clima, os hábitos de vida, faz com que o retornado sinta uma espécie de choque ao se deparar com cultura tão diferente, embora sua origem seja esta, o que pode ser percebido através do relato de Clinton³⁴:

Eu não me adaptei até hoje, voltei para Bissau em dezembro e até hoje não consigo entender essa mudança. Antes de eu ir para o Brasil, eu fazia isso, quando eu voltei não posso fazer mais. Sai com uma cultura, um costume e voltei com outro. Quando eu estava aqui, vivenciei muitos casos de agressões com meninas sabe, eu não fazia nada, achava que elas que estavam erradas. Agora, se eu ver isso vou intervir, vou partir pra cima, ninguém pode agredir uma menina.

Para exemplificar estas relações podemos acompanhar a trajetória de Silvino Nanque. Este Bissau-Guineense saiu do seu país para estudar no Brasil, na cidade de Fortaleza- CE e se formou no curso de Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Retornando após a formação, ao chegar ao país de origem, percebeu que ocorreram algumas alterações no seu bairro e na casa da sua família.

Voltei para Bissau e ao chegar na minha casa, tudo tinha mudado, a casa estava maior, os móveis mudaram, os compartimentos da casa mudaram. Minha mãe pegou o meu quarto e transformou em uma cozinha. Eu pensei que o meu quarto ficaria do mesmo jeito até quando eu voltasse. Muitos me perguntavam quando eu ia trabalhar, era uma pressão enorme, todo dia minha mãe perguntava se o meu emprego estava garantido, pois ela precisava de dinheiro. Não aguentei e decidi ir para Portugal.

³⁴ Clinton Silva, graduado em Marketing pela FAFOR, pós-graduado em Publicidade pela UNIFOR. Retornou para Guiné-Bissau no mês de dezembro de 2015.

Com este problema de adaptação, decidi migrar novamente, dessa vez viajei para Portugal e fiquei 2 (dois) anos cursando uma especialização na área contábil. Retornou para o país de origem em 2014 e percebeu que as mudanças eram constantes e decidi conformar-me.

Depois que passei dois anos em Portugal, voltei para Bissau e não mudou quase nada. Minha mãe me falou: filho, vai procurar trabalho pois você já tem formação suficiente. (...) foi muito difícil para eu me re(adaptar) no meu próprio país de origem, isso é muito engraçado.

De um modo geral, as experiências vivenciadas no Brasil são diferentes daquelas vivenciadas antes da vinda do estudante bissau-guineense para o Brasil. Por mais que o país tenha mudado, ainda assim, os retornados percebem uma diferença entre os ritmos dos diferentes lugares e passam a estranhar o que imaginavam ser familiar. À distância e a experiência migratória, de acordo com Cardoso (2012) permitem ao imigrante mudar a forma de olhar o país, o bairro, o modo como as pessoas vivem e permite contestar elementos antes naturalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi construído com o objetivo de compreender as motivações que impulsionam os jovens estudantes, oriundos da República da Guiné-Bissau, a escolherem o Brasil, como espaço de sua formação; além de buscar compreender como se adaptam estes estudantes nos seus espaços de chegada e como é concebido o processo de retorno ao seu espaço de origem. Para uma elaboração mais coerente da pesquisa, efetuou-se entrevistas com diversos estudantes bissau-guineenses, presentes no Estado do Ceará, com maior ênfase para aqueles presentes na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, nos municípios de Redenção e Acarape, e também com aqueles estudantes que retornaram para o seu respectivo país. Para um aprofundamento das análises, também realizamos uma viagem para Guiné-Bissau, com o intuito de coletar dados mais para melhor compreender esses percursos.

Durante a pesquisa ficou demonstrado que a escassez na oferta de uma formação de qualidade, ocasiona um êxodo da população jovem para a capital de Guiné-Bissau; o fato demonstra o baixo investimento público nas infraestruturas deste setor em todo país, as demandas relacionadas ao tema não encontram resposta no poder público e nas iniciativas privadas, o que se caracterizou como uma das principais motivação do deslocamento, e consequente saída, destes estudantes da Guiné-Bissau para o Brasil e outros pontos do mundo.

Quanto à escolha do Brasil como espaço de formação, ficou evidenciado que as políticas de cooperação e aproximação com os países africanos nos âmbitos político, econômico e cultural, levadas a cabo pelo governo brasileiro na gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), favoreceram a escolha destes estudantes impulsionados por uma pretensa facilidade linguística, isto é, terem o português como uma língua comum. Ao lado destes fatores, a aproximação geográfica e cultural entre os dois países indica uma facilidade de intercâmbio, o que se demonstrou ser um fator positivo a mais, na escolha do Brasil como a “segunda casa”.

Discutiu-se neste trabalho, o importante papel que a UNILAB desempenha na vida destes estudantes, o que alguns relataram como um novo começo, também ficou evidente que a importância não prevalece apenas pelo fato de as diretrizes terem um olhar especialmente voltado sobre as temáticas africanas, mas porque também é entendido

como um marco significativo para o êxito da cooperação Sul-Sul. Idealizado pelo governo brasileiro em parceria com os governos dos países africanos, em especial aqueles situados na costa do Atlântico e no âmbito da CPLP, o que evoca o espírito de unidade, solidariedade e cooperação, que de certa forma é relativamente contrastante com as relações estabelecidas entre os eixos Sul-Norte, considerando o percurso histórico de tais eixos.

A descrição feita sobre o processo de adaptação dos estudantes no ambiente de chegada, expõem as inúmeras dificuldades ao longo da formação. Os relatos colhidos mostraram que as questões relacionadas ao preconceito racial, à alimentação, o clima quente e o desconhecimento da grande maioria da população local sobre o de origem destes estudantes, ocasionaram diversos questionamentos na sua maioria discriminatórios. Dentro desse mesmo aspecto, as dificuldades iniciais no ambiente acadêmico apontam, sem dúvida, para a dificuldade na comunicação entre os alunos e professores, uma vez que as variantes linguísticas chocam-se, aliadas ao desconhecimento de que tais estudantes possuem uma língua, ou até mesmo várias, que não a língua portuguesa como primeira. Aliado a isso, há a falta de integração inicialmente vivenciada em quase todos os ambientes da instituição entre os alunos internacionais e brasileiros.

Já na temática das comemorações festivas, o valor simbólico destes momentos proporcionados e organizados pelos estudantes, fica demarcado como um momento onde o espírito de pertencimento à comunidade de origem é reafirmados por meio das práticas culturais que são reproduzidas nestes espaços. Nestas atividades protagonizadas pela comunidade guineense, exerce um papel significativo em prol da desmistificação dos conceitos e pré-conceitos, que pairam sobre o continente africano. Nessa perspectiva, eles próprios se colocam como pesquisadores e conhecedores, aptos a palestrar sobre seus países, o que nos permite pensar que há diversas vozes ressoando nos eventos científicos e culturais que ocorrem dentro da UNILAB, dialogando entre si, e também com a comunidade externa em eventos paralelos a este espaço acadêmico. Entretanto, se esclareceu também o caráter duvidoso que algumas destas atividades carregam, onde foi referenciado que algumas festas “africanas”, tendo como uma das finalidades de arrecadar verbas, são mascaradas sem nenhum simbolismo ou relevância cultural que a mesma supostamente carrega, aproveitando-se da ingenuidade da população local, que na sua maioria desconhecem totalmente as características culturais.

E a saudade? Viver na “terra dos outros”, distante dos familiares e amigos, é mais do que uma superação, é um desafio. Tendo que construir novas redes de amizades, e estando pela primeira vez sozinhos, sem a proteção familiar, em um lugar estranho, estes estudantes, buscam, na medida do possível “esconder” a dor da saudade. Diante disso, em meio ao desamparo, é nas atividades acadêmicas que esses estudantes se amparam pela acolhida dos estudantes brasileiros, timorenses, e demais nacionalidades da UNILAB. Nessa jornada acadêmica, mediante a distância e saudade, aqui no Brasil, os vínculos com a Guiné- Bissau estendem-se num processo híbrido, ganhando outras formas e arranjos. Como evidenciado, em distintas atividades - comemorações, celebrações e competições esportivas, as *Áfricas* surgem em contextos diversos. Esta experiência fora de casa, torna os guineenses uma espécie de diplomatas do país na diáspora, compartilhando com outras culturas. Tais arranjos nos parece uma forma de amenizar a saudade, bem como a solidão, mesmo vivendo em comunidade.

Por fim, abordou-se o retorno na visão destes estudantes, onde por meio das entrevistas colhidas ficou demonstrado que existem diferentes percepções sobre a questão, sendo caracterizado por alguns, como obrigatório, o comprometimento com o seu espaço de origem; por outros, o retorno é elaborado como uma questão relativa, que vai ser pactuada ou desconstruída, com base na vivência que se reorganizou no espaço de chegada. Para alguns, retornar após a primeira graduação é algo que não está nos planos, haja vista que, como os próprios entrevistados citaram, voltar com uma graduação para Guiné-Bissau é como retornar com o diploma de ensino secundário (médio). A pesquisa nos indicou que os projetos destes estudantes possuem diversos e diferentes elementos que influenciam - direto ou indiretamente, no processo de retorno. Para alguns, a família continua sendo o núcleo central de qualquer trajetória, para outros, a situação política e econômica que o país enfrenta, acaba adiando a data de retorno, para o país de origem. No entanto os estudantes que retornaram - não da UNILAB, (pois até o momento da pesquisa, não houve indícios de algum guineense que retornou), tiveram uma opinião quase que unânime - afirmando que além de sentirem um estranhamento na volta à Guiné-Bissau, acabaram tendo dificuldade para se readaptar no país, embora reafirmem ter sido a melhor decisão tomada, ao fim dos seus processos de formação, na diáspora. Pensamos que os relatos destes estudantes acerca de seu estranhamento no retorno, possam ter origem nas dificuldades enfrentadas no Brasil e que se entrelaçam com as dificuldades de encontrar lugar no mercado de trabalho, mas não só – as vivências acadêmicas e as de

ordem afetiva com o Brasil também ganham peso, visto que fazem uma nova adaptação, só que agora no próprio ambiente familiar e de origem.

Diante do exposto, é possível afirmar que o processo de saída em busca de uma formação de qualidade, feita pelos estudantes guineenses, caracteriza-se como uma oportunidade única. O Brasil e o contexto da UNILAB assemelha-se a um papel em branco onde se escreve uma nova narrativa de vida. As dificuldades encontradas neste processo são compreendidas como elementos naturais para os indivíduos que emigram buscando novas perspectivas, o que não se constitui como elemento de desânimo ou desistência.

Por outro lado, o desconhecimento de África por parte da população cearense acaba incentivando estereótipos sobre o continente africano. Em consonância, percebe-se a importância da participação e das vozes desses estudantes bissau-guineenses contra os abusos cometidos, em diferentes esferas sociais. Entretanto, se é aqui que muitos africanos descobrem a discriminação, é aqui também que podem criar novos espaços e mecanismos para combatê-la.

Nestas considerações finais, não podemos deixar de manifestar a nossa convicção, apesar das inúmeras dificuldades, que encontramos no decurso da pesquisa. A problemática da vinda, permanência e o retorno dos estudantes Bissau-guineenses para o Brasil, Estado do Ceará, merece mais atenção por parte dos pesquisadores da área. Vale mencionar que no decorrer deste estudo deparamos com algumas limitações inerentes ao campo de pesquisa, note que no tocante a fortuna crítica sobre o tema prevalece uma discussão apontada por pesquisadores-estudantes guineenses e não por pesquisadores brasileiros ou de outras nacionalidades, o que aponta uma lacuna no que diz respeito à diversidade de vozes vindas da acadêmica. Contudo, acreditamos que este estudo pode contribuir para trabalhos conceituais ainda por se desenvolver, e que num futuro próximo, inúmeras pesquisas despontaram para análise da presença desses estudantes, não só no Estado do Ceará, mas em outras regiões do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Carla Susana Alem. *O ensino superior em Redenção-CE, Brasil: comentário sobre um arquivo virtual*. UECE: Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=901&path%5B%5D=1023>.

ARAÚJO, Cidália et al. *Estudo de Caso. Métodos de Investigação em Educação*. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em < http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Acesso em: 21 de jul 2016..

AUGEL, Johannes. O crioulo da Guiné-Bissau. **Afro-Ásia**, Salvador, p.251-254, 1997.

AUGEL, Moema Parente. Desafios de ensino superior na África e no Brasil: a situação do ensino universitário na Guiné-Bissau e a construção da Guineidade. **Estudos de Sociologia**. Revista do Programa De Pós-Graduação em Sociologia, UFPE, v.15, n.2, p.137-159, 2009.

CARDOSO, Michele G. *Vozes da cidade: percepções de migrantes retornados à cidade de Criciúma/SC*. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n.20, p.53-68, 2012.

CASSARINO, Jean-Pierre. Theorising Return Migration: the Conceptual Approach to Return Migrants Revisited.

IJMS: International Journal on Multicultural Societies. UNESCO: 2004, vol. 6, no.2, pp. 253-279.

CÓ, P.P.J. **Filhos da Independência: Etnografando os Estudantes Bissau-Guineenses do PEC-G em Fortaleza-CE e NATAL-RN**. Dissertação de Mestrado. UFRN: Natal, 2011.

CORREIA, Heldomiro Henrique. **O Projeto Africanidade e o Contexto Educacional da Guiné-Bissau**. Mestrado Profissional em Gestão. UFPB: João Pessoa, 2013.

DENARP II. **Segundo Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza**. Ministério da Economia do Plano e Integração Regional. República da Guiné-Bissau, Bissau, pp. 45-94, 2011.

DJALO, Mamadu. **Relações Sul-Sul: A cooperação Brasil-Guiné-Bissau na Educação Superior no período de 1990-2011**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia Política. UFSC: Florianópolis, 2014.

FABIANI, Marli Terezinha. **Psicologia do esporte: a ansiedade e o estresse pré-competitivo**. Curitiba: PUCPR, 2012, pp.14-27.

GOMES, Nilma L. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). **Revista Lusófona de Educação**. 24, pp. 81-95, 2013.

GUSMÃO, Neusa de. **Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação.** Belo Horizonte :Autêntica, 2005.

IMPANTA, Iadira Antonio. *Estudantes Guineenses na UNILAB, Ceará, Brasil: Coexistência, representações interétnicas e questões de gênero.* Trabalho de Conclusão de Curso/UNILAB. Redenção/CE, 2015.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. Diáspora africana no Ceará: Representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africano (a)s em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais/ Lusophone Journal of cultural Studies.** Vol.2, n.1, pp. 102-122, 2014.

MORAIS, S; SILVA, K.C. *Estudantes de países africanos de língua oficial portuguesa nas universidades brasileiras: Tensões de sociabilidade e dinâmicas identitárias,* 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000100011. Acesso em 19 dez.2015.

MOURAO, Ellery. M. *Deslocamentos Transitórios: A construção do pertencimento entre estudantes Guineenses e Cabo-Verdianos no Brasil.* Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, Bahia, Brasil. pp. 1-19. 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/ElleryArt.pdf>. Acesso em: 28 set. 2015.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. **"O Mito Atlântico":** relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas. Dissertação de Mestrado. UFRGS: Porto Alegre, 2004.

OKAWATI, Juliana A. A. **Estudantes Africanos na UFSC: (Des) Encantos extramuros na jornada acadêmica.** Dissertação de Mestrado/UFSC: Florianópolis, 2015.

SANI, Quecoi. **A educação superior no desenvolvimento da Guiné-Bissau: Contribuições, limites e desafios.** Dissertação de Mestrado/UFMS: Pato Branco, 2013.

SANHA, Alberto. *Educação superior em Guiné-Bissau.* 2009. p. 23-67 Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/cplp/arquivos/sanha.pdf>. Acesso em: 04 dez2015.

SILVA, Augusto. *Redenção-CE e a luta pela libertação dos escravos.* Revista O Público e o Privado. Fortaleza: Uece, 2012, pp.2-9.

SUBUHANA, Carlos. *O estudante convênio: a experiência sociocultural de universidade da África Lusófona em São Paulo, Brasil.* Trabalho apresentado na 26ª Reunião brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. p.1-20. 2005.

TCHAM, Ismael. **A África fora de Casa:** Sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. UFPE: Recife, 2012.

TRINDADE, Rocha M. M. A presença dos ausentes. In. Sociedade e Território. Espaço: Emigração e Retorno. **Revista de estudos Urbanos e Regionais**, Ano 3. Porto: Afrontamento, Fevereiro 1989, pp.8-168.

TEDESCO, Joao Carlos. Dinâmica migratória dos senegalenses no norte do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 139-174, jan./jun. 2013.

UNILAB: *A história do Nordeste Brasileiro está mudando/ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira*. p.32-56, 2010. Disponível em: <http://www.acessoainformacao.unilab.edu.br/pagina-exemplo/institucional/historico/>. Acesso em: 24 maio 2015.

UNILAB: *Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul / Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira*; organizado por Camila Gomes Diógenes e José Reginaldo Aguiar. – Redenção: UNILAB, 2013. 120 p. : il. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/07/LIVRO-UNILAB-5-ANOS-2.pdf>. Acesso em 19 maio 2015.

_____ Lei de criação da UNILAB, 2010. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2012/07/lei-12289-criacao-unilab2.pdf>.

_____ Diretrizes gerais da UNILAB, 2010. Disponível em: http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf.